

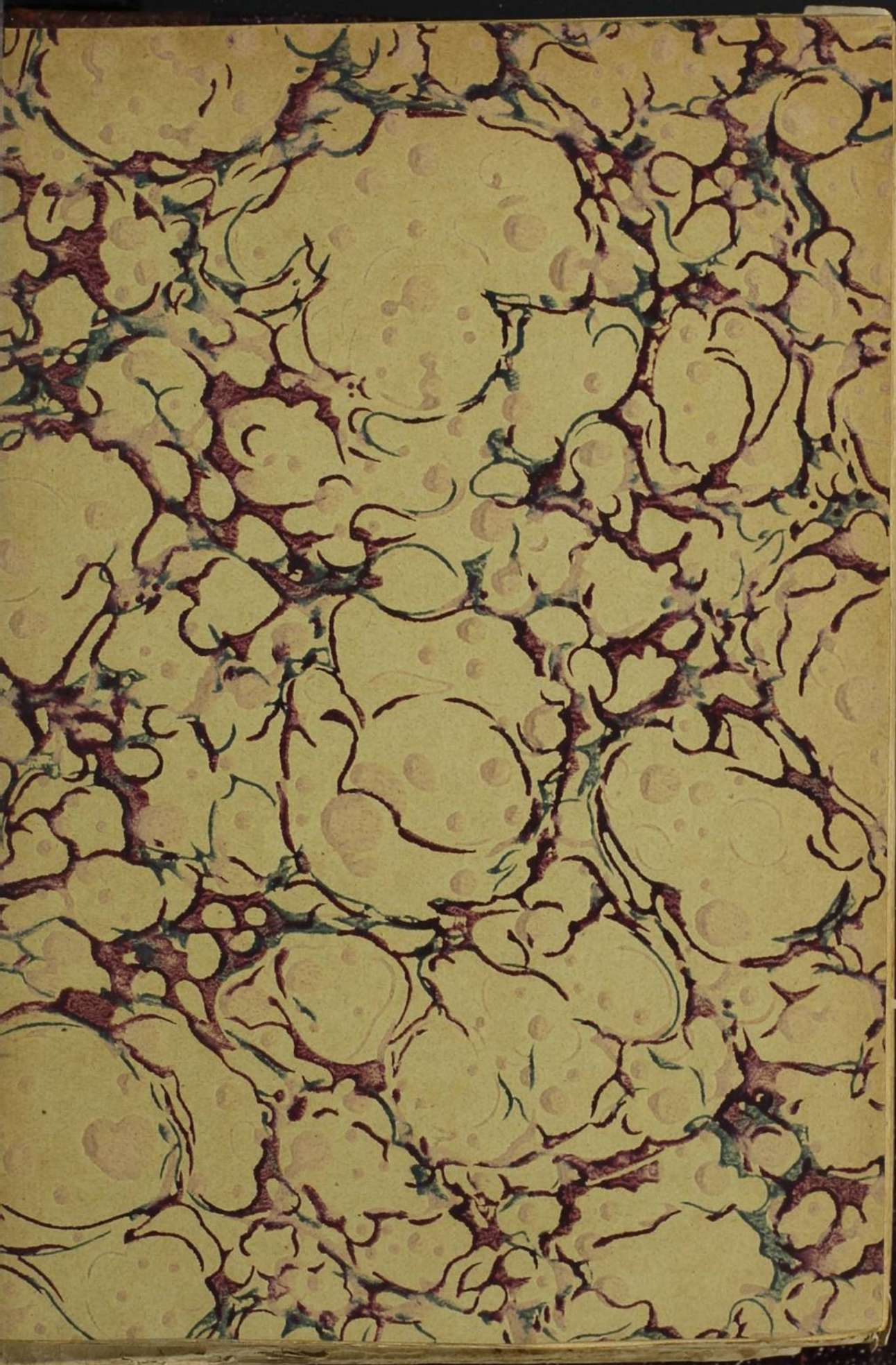
ENCADERNAÇÃO
VALLELE
JOSÉ LINO
MARTINS & C^ª
R. DO CARMO 63
TEL. 23-24-12
RIO

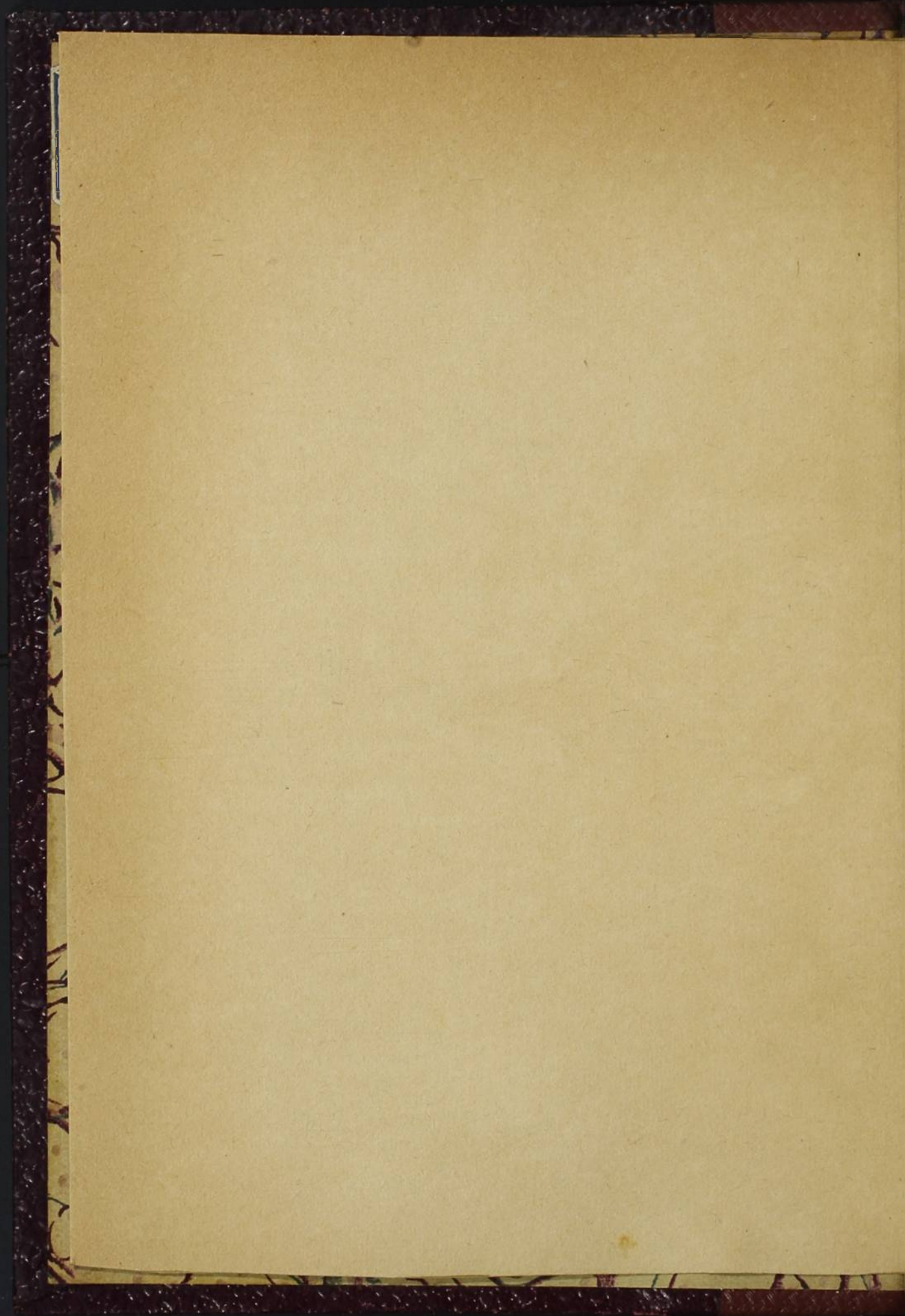
le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

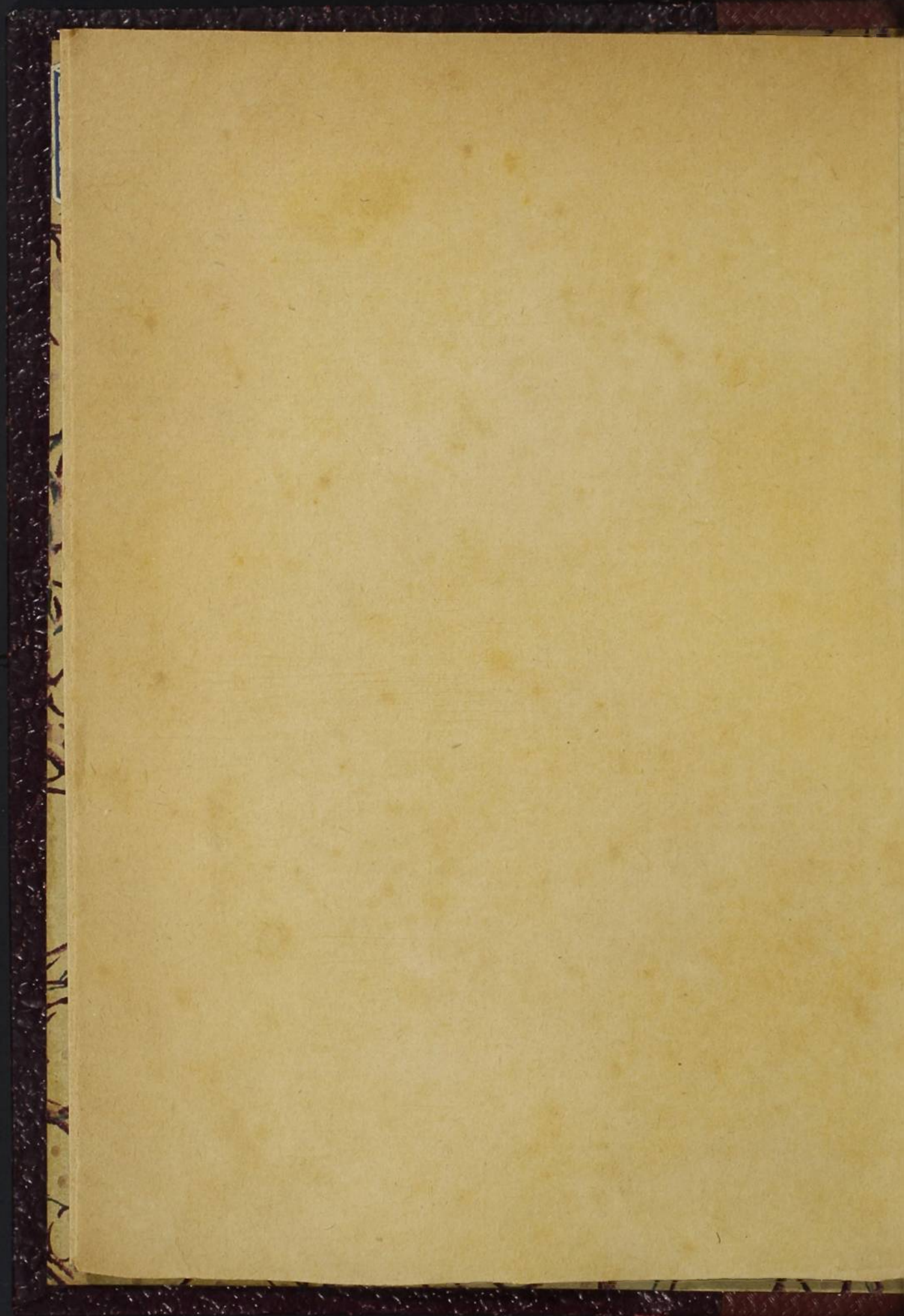
Ex Libris
José Mindlin





Actos Anuados.

1. A Joia - 1901
(representada pela
1ª vez em 1879)
2. A Princesa do Capoeira
1880
3. O Dote - representado
pela 1ª vez em 1907
4. O Draculo - Repre-
sentado pela 1ª vez
em 1907



2185

BIBLIOTHECA THEATRAL

A JOIA

COMEDIA EM 3 ACTOS

(EM VERSO)

POR

ARTHUR AZEVEDO

O DOTE E OUTROS

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DA — ESCOLA — DE SERAFIM JOSÉ ALVES

EDITOR DA BIBLIOTHECA-THEATRAL

83 — RUA SETE DE SETEMBRO — 83

Os direitos de representação e reprodução são reservados.

BIBLIOTHECA THEATRAL

DO EDITOR

SERAFIM JOSÉ ALVES

83 RUA SETE DE SETEMBRO 83

Rio de Janeiro.

Coração e Genio, por Pires Ferrão.....	
Abel, Helena, por Arthur de Azevedo.....	
A filha de Maria Angú, pelo mesmo.....	
A casadinha de fresco, pelo mesmo.....	
Jerusalem libertada, pelo mesmo.....	
Niniche, pelo mesmo.....	
A Joia, pelo mesmo.....	
As duas orphãs, drama em 5 actos e 8 quadros	
Aimée ou o assassino por amor, drama em 5 actos.....	
A Judia, drama por Pinheiro Chagas.....	
A morgadinha de Val-flôr, pelo mesmo.....	
Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antonio Ennes.....	
A Estatua de carne, traducção do Dr. Pires d'Almeida.....	
Viagem á Lua, por Eduardo Garrido.....	
O Joven Telemaco, pelo mesmo.....	
Os Sinos de Corneville, pelo mesmo.....	
Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros.....	
Romance de um moço pobre, drama.....	
Fausto, drama phantastico de Gutierrez da Silva.....	
Amor e honra, drama em 2 actos.....	
O architecto das moças, comedia em 1 acto.....	
FFFF e RRRR, comedia em um acto.....	
A B C, comedia em 1 acto.....	
Baptizado e casamento, comedia em 1 acto.....	
As saias nas calças e as calças nas saias, comedia drama em 1 acto.....	
223 por 225, comedia em 1 acto.....	
Amonomania, comedia em 2 actos.....	
A joia das joias, comedia em 1 acto.....	
Um diabrete de 16 annos, comedia em 1 acto.....	
Um idioma, entre-acto comico, (não entra dama).....	
Uma prima e tres bordões, comedia em 1 acto.....	
Os maçons e o bispo, comedia em 1 acto.....	
Bala queimada, scena comica.....	
O Amigo dos artistas, scena por um inimigo dos ditos.....	
As tribulações de um inspector de quarteirão, scena comica.....	
A historia de um marinheiro, contada por elle mesmo, scena comica.....	
Um alho, scena comica de Eduardo Garrido.....	
Em vespas de casamento, scena comica, em continuação a Um alho.....	
Uma victima do jogo, scena comica.....	
Cerração no mar, scena dramatica.....	
Cegueira ou bebedeira? parodia da precedente.....	
Faz-me o favor de seu fogo? dialogo comico.....	
Alto vareta! scena comica.....	
Um conductor de omnibus, scena comica.....	
O Orphão, scena dramatica.....	
O Assassino, scena dramatica.....	

OUTRAS PEÇAS DE THEATRO

A JOIA

COMEDIA EM 3 ACTOS, EM VERSO

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro no theatro
S. Luiz, em 28 de fevereiro de 1879

Do mesmo auctor

Trabalhos theatraes representados :

- * **Amor por annexins**, entreacto comico, original, musica de Leocadio Raiol.
- * **Uma vespera de Reis na Bahia**, comedia-opereta em 1 acto, original, musica de Francisco Libanio Colás.
- * **A filha de Maria Angú**, opera-comica em 3 actos, escripta a proposito da **Fille de Madame Angot**, musica de Lecocq.
- O alfacinha**, scena-comica em verso, original.
- * **Casadinha de fresco**, opera-comica em 3 actos, imitação da **Petite mariée**, musica de Lecocq.
- * **Abel, Helena**, opera-comica em 3 actos, escripta a proposito da **Belle Helene**, musica de Offenbach.
- A pelle do lobo**, comedia em 1 acto, original.
- * **Jerusalém libertada**, drama-phantastico em 4 actos e 10 quadros, traducção, musica de Cyriaco de Cardoso.
- A filha do fogo**, opereta-magica em 3 actos e 12 quadros, traduzida livremente e accrescentada, musica de Offenbach, Lecocq e Cyriaco de Cardoso.
- A perola negra**, drama em 5 actos e 7 quadros, traducção livre.
- O rei das arcias de ouro**, drama em 5 actos, traducção.
- Primeiras proezas de Richelieu**, comedia em 2 actos, traducção de sociedade com Arthur Barreiros.
- O Rio de Janeiro em 1877**, revista satyrica e burlesca em 1 prologo, 3 actos e 16 quadros, original, de sociedade com Lino de Assumpção. Musica de diversos.
- * **Niniche**, comedia em 3 actos, traducção livre. Musica de Mario Boullard.
- * **A joia**, comedia em 3 actos, original e em verso.
- A Camargo**, opera-comica em 3 actos, traducção, musica de Lecocq.

As peças com o signal * estão publicadas e vendem-se na livraria de *Serafim José Alves*, livreiro-editor, rua Sete de Setembro n.º 83, córte.

BIBLIOTHECA THEATRAL

A JOIA

COMEDIA EM 3 ACTOS

EM VERSO

POR

ARTHUR AZEVEDO

Lacerda e Silva

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DA — ESCOLA — DE SERAFIM JOSÉ ALVES

EDITOR DA BIBLIOTHECA-THEATRAL

83 — RUA SETE DE SETEMBRO — 83

Os direitos de representação e reproducção são reservados.

1901

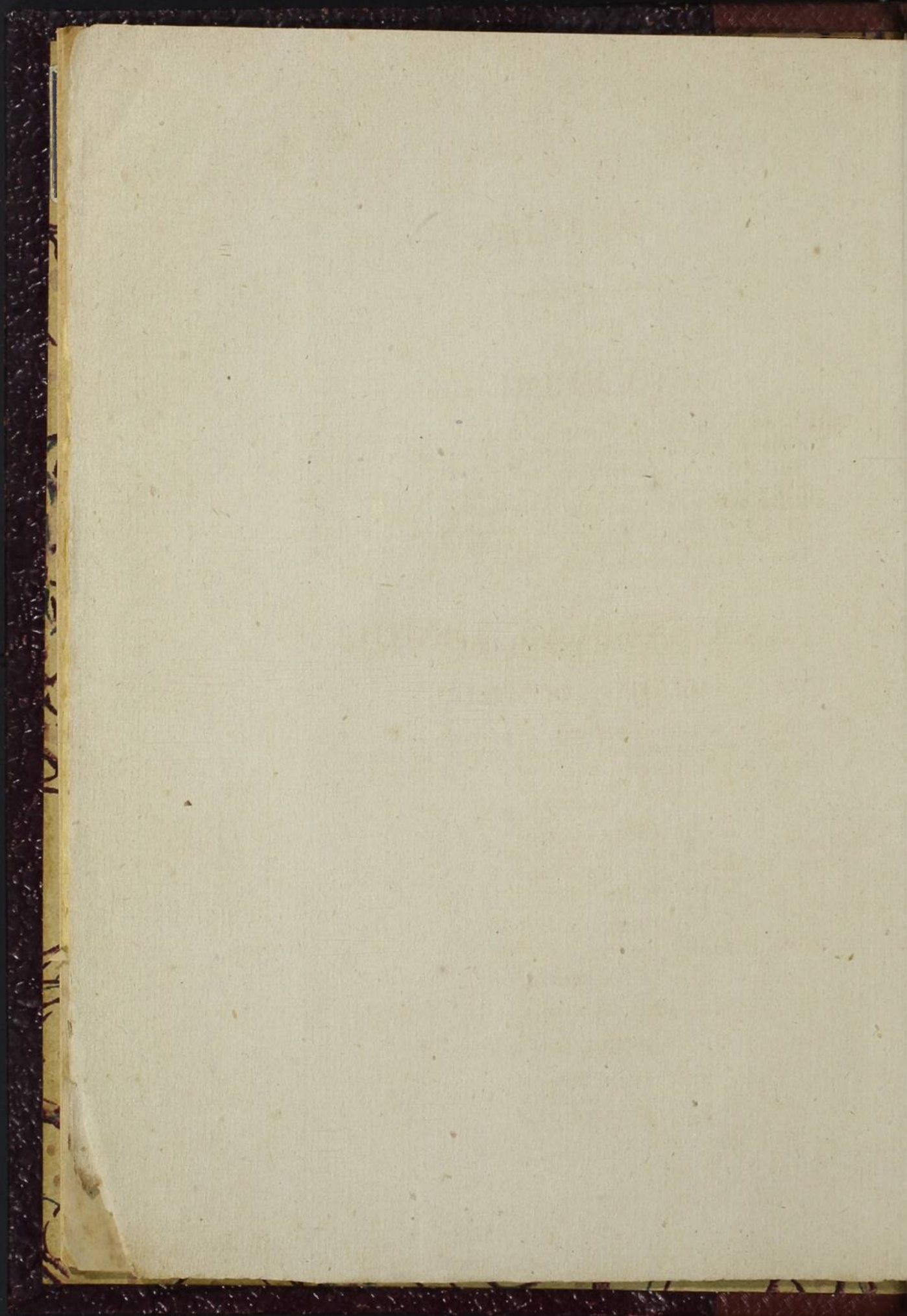
PERSONAGENS

VALENTINA D. HELENA CAVALLIER.
JOAQUIM CARVALHO SR. MATTOS.
JOÃO DE SOUZA SR. PEREGRINO.
GUSTAVO SR. BARRETO.
UM JOALHEIRO SR. BRAGA.
UM SUJEITO. SR. ARTHUR.

Rio de Janeiro.—1874.

A

THEMISTOCLES ARANHA



A JOIA

ACTO PRIMEIRO

Sala de visitas em casa de Valentina. Duas portas de cada lado e duas janellas de sacada ao fundo. A' esquerda do espectador, sofá; ao lado deste, poltrona. A' direita, escrivaninha, com preparos para escrever. Cadeiras, consolos com porta-joias, estatuetas, quinquilharias, etc. Nos intervallos das portas, gravuras ricamente emolduradas. Reposteiros de lan em todas as portas e cortinas de rendas ás janellas. Piano. Tapete. Lustre de gaz. E' dia.

SCENA PRIMEIRA

VALENTINA, UM SUJEITO.

Valentina está sentada na poltrona, de penteador branco. O sujeito de pé, prompto para sair, de chapéu na cabeça, tem uma das mãos entre as della.

VALENTINA.

Si o fazendeiro soubesse
que o senhor passou a noite...
Mulher que a tanto se afoite
aposto que não conhece!

O SUJEITO, *aborrecido*.

Adeus.

VALENTINA.

Adeus. (*Elle vae saindo*) Até quando?

O SUJEITO, *parando*.

Frometto voltar bem cedo.

VALENTINA.

Não minta.

O SUJEITO.

Não tenha medo :
estou sempre me lembrando
da senhora. (Sae)

SCENA II

VALENTINA, só.

Na verdade,
o tempo bem mal emprega !

Abrindo um envelope que o sujeito lhe tem deixado nas mãos.

Mas que vejo?! Estarei cega?!
Tanta generosidade!...

Erguendo-se, e como que dirigindo-se ao sujeito que acaba de sair.

Bem! cá ficas archivado
no livro dos preciosos...

Tirando tres cedulas do envelope.

Que tres bilhetes formosos!
Fazerr-lhe falta... Coitado...
Sei de dous credores seus
que a porta não lhe abandonam,
e sei tambem que tencionam
mandar cital-o... (Outro tom) Ora adeus!
Deixemos estas lembranças...
Fechemos a porta á chave...

Vae fechar a porta da esquerda, segundo plano, e, voltando á scena, vae abrir uma das gavetas da secretária.

E, nesta solidão suave,
vamos tratar de finanças.
Esta semana rendeu!
A receita, com certeza,
cento por cento á despesa
ultimamente excedeu.

Senta-se á secretária, donde tira um monte de notas de banco, que põe-se a contar.

Dez, vinte, trinta, quarenta,
cento e quarenta, duzentos,
tresentos, e quatrocentos,
quinhentos e cincoenta,
seiscentos... — Que nota antiga!
Não estará recolhida?

Guarda pressurosa o dinheiro, por ouvir bater á porta.

Quem está ahi?

A JOIA

9

VOZ DE GUSTAVO.

Sou eu, querida!

VALENTINA, *erguendo-se.*

Gustavo?

A VOZ.

Sim, minha amiga.

Valentina vae abrir a porta a Gustavo, que entra.

SCENA III

VALENTINA, GUSTAVO.

VALENTINA, *apertando-lhe a mão.*

Não te esperava já, palavra de honra!

GUSTAVO.

Querias que eu ficasse eternamente ^{Já!} lá?

VALENTINA.

Dêste-te bem?

GUSTAVO.

Então? Não vês como estou nédio?
Para o *blazé* não ha mais efficaz remedio
do que passar um mez de vida regular
onde os prazeres são difficéis de encontrar.
O physico e o moral a roça purifica:
tens precisão tambem da roça, minha rica.

Repoltreando-se na poltrona.

Dize-me cá: tem vindo o deputado?

VALENTINA, *encostando-se ao espaldar da poltrona.*

Tem.

GUSTAVO.

O João Ramos?

VALENTINA.

Tem vindo.

GUSTAVO.

E o Pimenta?

VALENTINA.

Tambem.

GUSTAVO.

E o Xavier?

VALENTINA.

Não falha; inda esta noite aqui ficou. Saiu ha pouco.

GUSTAVO.

Eu encontrei-o alli.
— Que boa roda tens! São bons os que te arranjo!
Em consideração deves tomar, meu anjo...

VALENTINA, *descendo á scena.*

Pois queres mais dinheiro?! E's exigente!

GUSTAVO.

Sou;
mas vê tu lá tambem os lucros que te dou!

VALENTINA, *sentando-se á direita.*

Não trouxeste o melhor dos que aqui vêm agora...

GUSTAVO.

Quem é? não é segredo?

VALENTINA.

Um typo que me adora!
Um fazendeiro rico e velho, que suppõe
ser elle só que os pés em minha casa põe.

GUSTAVO, *com interesse.*

E onde foste encontrar esse thesourô raro?

VALENTINA.

No Prado Fluminense Eu vi-o, deu-me o faro,
sorri lhe, elle sorrio-me... Eu dei-lhe o meu cartão...
Veio. Adora-me e... crê que tenho coração.

GUSTAVO.

Um fazendeiro é mina ; e quanto mais se explora,
mais ouro dá !.. — Pois bem, charíssima senhora,
— não é por me gabar — acredito que o seu
é muito bom, mas tenho um optimo !

VALENTINA.

Tu ?

GUSTAVO.

Eu.

VALENTINA, *erguendo-se.*

Onde elle está ?

GUSTAVO, *idem.*

Depois... depois nós fallaremos...

VALENTINA.

Mas que custa dizer ?

GUSTAVO.

Tempo de sobra temos.

VALENTINA.

Mas dize-me...

GUSTAVO.

Não posso agora ; logo mais
voltarei.

VALENTINA.

'Stás com pressa ?

GUSTAVO.

Estou.

VALENTINA.

Onde é que vaes ?

GUSTAVO.

Subi só por te ver. Espera-me um amigo ;
fiquei no Provençaux de ir almoçar comsigo.

VALENTINA.

Bem ; vae e volta.

GUSTAVO.

Dá-me uns cincoenta mil réis.

VALENTINA, *vae á secretária e conta dinheiro.*

Com muito gosto. E' já... Dois, quatro, cinco, seis...
Dez e dez vinte, e trinta... Ah! cincoenta... Péga!

Dá o dinheiro a Gustavo, que o guarda.

GUSTAVO.

Obrigado. Até logo! (*Sae por onde entrou*)

VALENTINA.

Adeus. (*Só*) Suppõe-me cega...
Com tal baléla quiz uns cobres me apanhar!

Fechando a porta.

Emfim... Vamos a ver... Bem posso me enganar.

SCENA IV

VALENTINA, só.

Senta-se de novo á secretária, abre-a e recomeça a contar dinheiro.

Terminemos esta conta...

Tres contos... quatro e quinhentos...
e seiscentos... setecentos...

Quasi a cinco contos monta
desta semana a receita!

Vamos conferir... (*Toma a penna*) O Ramos
deu-me na quarta... — Escrevamos —
oitocentos de uma feita...

(*Escrevendo*) « Oitocentos ». (*Pensa*) O Pimenta
aquelle broche me deu
que ha tres dias me rendeu
trescentos e cincoenta...

« E cincoenta ». O deputado,
quando voltou do Thesouro,
veio carregado de ouro
e voltou descarregado.

Deixou-me um conto e duzentos...

« Duzentos ». No dia seguinte
trouxe tres notas de vinte ..

O Sá tem dado tresentos...
O fazendeiro... (*Batem a porta*) Quem é?
Já lá vou!

Guardando o dinheiro que está espalhado.

Deve estar certo...
Levo isto ao Banco, que é perto,
daqui a pouco. (*Batem de novo*) Olé! Olé!
Com que pressa está!

A VOZ DO JOALHEIRO.

Estou!
Não se acha em casa a senhora?

VALENTINA, *a guardar o dinheiro.*

Si quer, espere!

A VOZ.

A demora
é pequenina.

VALENTINA.

Lá vou.

*Vae abrir a porta; entra o joalheiro com uma caixa de joias
na mão.*

SCENA V

VALENTINA, o JOALHEIRO.

VALENTINA.

Ah! é o senhor!

O JOALHEIRO.

*Abrindo a caixa, deixa vêr um formoso par de bichas de
brilhantes.*

Ora veja!

VALENTINA.

Vem aqui tentar-me, aposto!

O JOALHEIRO.

Não tentei nunca; não gosto
de tentar quem quer que seja!

Entregando a joia a Valentina que a examina.

Venho mostrar-lhe uns brilhantes
sem rivaes! Heim? Veja bem!
Si os quer comprar, muito bem!
Si os não quer, passo adiante.
Não tento... não sei tentar...
Apenas lh'os offereço...
Nem siquer os encareço...
Isto é pegar, ou largar!
Veja bem que são granditos!
Sem jaça... veja... sem jaça...
Examine... veja... faça
o que quizer!

VALENTINA.

São bonitos!

O JOALHEIRO.

'Stou a vendê-los disposto:
si lh'os vim mostrar agora,
é porque sei que a senhora
pode-os comprar, e tem gosto.
Não tento... tentar não vim...

VALENTINA, *fechando a caixa.*

Por quanto o senhor m'os vende?

O JOALHEIRO.

Ora, a senhora comprehende
que dois brilhantes assim...
de dez quilates!... E' boa!

VALENTINA, *abrindo de novo a caixa.*

Dez quilates?

O JOALHEIRO.

Está visto!

VALENTINA.

Porém quanto valem?

O JOALHEIRO.

Isto
não são brilhantes á tóa!

VALENTINA.

'Stou vendo ! Que tentação !
Vae ao espelho e chega uma das bichas á orelha.

O JOALHEIRO.

Não são joias de mascates,
brilhantes de dez quilates...
sem jaça... como estes são !...

VALENTINA.

Mas o preço ?

O JOALHEIRO.

Ora, avalie...
A senhora os tem comprado...

VALENTINA, *descendo.*

Quatro contos !

O JOALHEIRO, *tomando a joia.*

Obrigado !
Por favor não calunnie
os meus brilhantes ! (*Mostrando-lh'os*) Repare !
Cravados em dois aneis,
davam dez contos de réis !
Ambas as pedras compare :
são eguaes... nao vale a pena
separar ! (*Fecha a caixa*) Dou-lhe os marrecos...

VALENTINA.

Por quanto ?

O JOALHEIRO.

Por seis contecos.
A differença é pequena...

VALENTINA.

Não tenho dinheiro agora ;
leve os brilhantes. Adeus !
Vae sentar-se á direita.

O JOALHEIRO.

Porém, pelo amor de Deus!
não os pagará a senhora,
mas algum...

SCENA VI

VALENTINA, o JOALHEIRO, JOAQUIM CARVALHO.

Joaquim Carvalho entra pela esquerda, segundo plano, sem reparar no joalheiro que, de costas voltadas para elle, limpa as bichas com o lenço.

CARVALHO.

Cá vou entrando.

Tomando as mãos ambas de Valentina.

Como estás?

VALENTINA.

Bem, obrigada.

Só de saudades ralada...
e você nem se lembrando
talvez de que existo!

CARVALHO, protestando.

O' minha...

Vendo o joalheiro, interrompe-se.
Quem é aquelle senhor?

VALENTINA.

Um caixeiro.

CARVALHO.

Manda-o pôr
a pannos.

VALENTINA.

Uma continha
vem receber, e não ha
com que pagar...

CARVALHO.

Não me espanta!
Gastas tanto, minha santa!
Queres dinheiro? (*Tirando a carteira.*) Aqui está.
Quanto lhe debes?

VALENTINA.

Pouquito :
oitenta mil réis.

CARVALHO.

E' pouco.

Dando-lhe uma nota de cem mil réis.

Paga, e fica tu com o troco,
enquanto eu leio o *Mosquito*.

*Senta-se à direita e lê um periodico de caricaturas que vae
buscar sobre a secretária. Valentina dirige-se ao joalheiro.*

O JOALHEIRO, a meia voz.

'Stá terminado o negocio?

VALENTINA, *idem*.

Vá para casa, que em breve
alguem procural-o deve.

O JOALHEIRO.

Si não estou eu, está meu socio.
— Si uma decisão dar pôde...

VALENTINA.

Irei eu mesma em pessoa
em meia hora!

O JOALHEIRO.

Essa é boa!
Não quero que se incommode,
nem tenho mais pretendentes...

VALENTINA.

Em meia hora lá estou.

O JOALHEIRO.

Bem ! bem ! descansado vou.

VALENTINA.

Até logo ! (*O joalheiro sahe por onde entrou*)

SCENA VII

VALENTINA, JOAQUIM CARVALHO.

CARVALHO, deixando o periodico.

Impertinentes
são estes credores !

VALENTINA.

São ;
por isso é que me cohibo
de dever muito.

CARVALHO.

E o recibo ?
Pediste-lh'o ?

VALENTINA.

E porque não ?

*Approximando-se de Carvalho e passando-lhe o braço em volta
do pescoço.*

Porque não vieste esta noite ?
Ai, que saudades que tive !
Para a misera que vive
do teu amor, fero açoitado
é tua ausencia ! Sósinha
a noite inteira passei...
Lembrei-me tanto... Nem sei
mesmo porque...

CARVALHO.

Coitadinha !

VALENTINA, sentando-se n'um tamborete, aos pés do Carvalho.

Porém, vamos a saber :
de hontem como passaste ?

CARVALHO.

Assim...

VALENTINA.

De mim te lembraste ?

CARVALHO.

De ti me posso esquecer?
— E tu?

VALENTINA.

Muito despeitada...

CARVALHO.

Porque, meu bem?

VALENTINA.

Faze idéa :
desejar uma teteia,
e não poder... Que massada!

CARVALHO.

Não poder o que?

VALENTINA.

Compral-a.

CARVALHO.

Porque compral-a não pôdes?

VALENTINA.

Pois pensas que a dão de godes?

CARVALHO.

Si é muito cara, deixal-a!

VALENTINA.

E' difficil esquecer!

CARVALHO.

Difficuldade não vejo...

VALENTINA, *erguendo-se.*

Suffocar o meu desejo!
Matal-o logo ao nascer!
Esquecer! Fôra um supplicio!
Pois desejar hei de em vão? (*Batendo o pé*)
Oh! não! não!... Mil vezes não!...

CARVALHO, *erguendo-se.*

Mas eu não digo...

VALENTINA, *evitando-o.*

Outro officio!

CARVALHO

Menina, não te exacerbes!
Si queres a tal teteia,
não me faças cara feia,
que dentro em pouco a recebes!

Tomando o chapéu que deixou na cadeira perto da secretária.

Dize o que é que, n'um salto,
vou já comprar. O que é?

VALENTINA, *aparte.*

Parece estar de maré...
Preparemos este assalto!...

CARVALHO.

Algum chapéu enfeitado
pr'as corridas de amanha?
Algum vestido de lan?

VALENTINA, *com desprezo.*

Lan.

CARVALHO.

Ou seda.

VALENTINA.

'Stá enganado.
E' um capricho.

CARVALHO, *deixando o chapéu.*

Ah! caprichas?

VALENTINA.

Procure.

CARVALHO.

E' coisa que enfeita?

VALENTINA.

E' uma coisa que se deita
nas orelhas !

CARVALHO.

Umas bichas ?

VALENTINA.

Tem talento: adivinhou !

Senta-se no sofá !

CARVALHO.

Nas orelhas... Pois quem julga
não sejam bichas ? (*Aparte*) Co'a pulga
atraz das minhas estou.
— De que são as bichas ?

VALENTINA.

Ora !

CARVALHO, *aparte*.

Estes caprichos aleijam...

VALENTINA, *erguendo-se*.

Pois ha bichas que não sejam
de brilhantes ?

CARVALHO.

Sim, senhora:
ha bichas de coralina ;
ha de esmeralda, saphira,
de pingos d'agua....

VALENTINA.

Mentira !

CARVALHO.

Não me desmintas, menina:
quando te digo que as ha,
é porque ha !

VALENTINA.

Faço idéa !
Dás-me ou não dás me a teteia ?

CARVALHO.

Aos teus desejos conforme
'stou, mesmo quando caprichas ;
mas entre teteia e bichas
ha uma differença enorme !

VALENTINA.

Em que ?

CARVALHO.

No preço: a teteia
é sempre coisa miuda,
e as bichas.... Deus nos acuda !

VALENTINA.

Nem tanto assim !

CARVALHO.

Faço idéa
que essas, que desejas tanto,
custam dois contos !

VALENTINA, *ironica*.

Ou tres !
Sem os brilhantes, talvez....

CARVALHO, *benzendo-se*.

Padre, Filho e Esp'rito-Sancto !

VALENTINA.

Valem dez contos de réis ;
o dono, que é meu amigo,
além de freguez antigo,
deixa-as....

CARVALHO.

Por quanto ?

VALENTINA.

Por seis.

CARVALHO.

Seis contos !

VALENTINA.

Então não valho
seis contos, meu.... Que chalaça!
Nunca me lembra a tua graça!

CARVALHO, *sombrio*.

Joaquim dos Santos Carvalho.

VALENTINA.

Meu Quincas, meu Carvalhinho,
meu primeiro amor!

CARVALHO, *aparte*.

Tramoias....

VALENTINA.

Uma mulher que quer joias
e o mesmo que o nê-nêsinho
que quer balas!

CARVALHO, *aparte*.

Não sou zebra,
que, si quer balas alguém,
compra-as a tres por vintem;
e recebe uma de quebra.
(Alto) — Menina, deixa os brilhantes
para essas escandalosas
que contam duzias e grozas
de indifferentes amantes.
Tu, meu bem, que não és destas,
quesó me tens, que não vives
para prazer dos ourives,
compra umas bichas modestas....

VALENTINA, *desdenhosa*.

Modestas....

CARVALHO.

Eguaes a umas
que comprei para a Qué-qué....

VALENTINA, *arreatadamente*.

Quem é essa Qué-qué? Quem é?
Quero saber!...

CARVALHO.

Não presumas
que seja alguma cocote :
é minha mulher.

VALENTINA.

Si acaso
me mentes, vae tudo raso !

CARVALHO.

Qual ! aos pés do sacerdote,
capellão lá da fazenda,
recebi-a como esposa....
Isto foi.... ha de haver coisa....
de trinta annos....

VALENTINA, *acariciando-o.*

O' meu Quincas !

Desatando a chorar,

Mas ah ! que não me conheço !
Imploro.... peço.... Pareço
uma mendiga !

CARVALHO, *tomando-a nos braços, com interesse.*

Tu brincas !

VALENTINA, *desprendendo-se delle e em tom tragico.*

E quem me avilta ? E' este homem
que tanto amor me inspirou !
O que me resta ? o que sou ?
Minhas illusões se somem,
e para sempre ! Não voltam !
Crueis desenganos surgem !
Contra mim os ceus se insurgem
e os infernos se revoltam !
Amor ! qual amor ! E' peta !
(*Soluçando*) E eu, desgraçada ! que adore....
Senta-se no sofá.

CARVALHO, *aproximando-se della com mimo e bonhomia paterna.*

'Stás tal e qual a Ristori
Na Maria Antonietta.

VALENTINA, *a flngir um ataque de nervos.*

Ah! ah!...

CARVALHO.

Meu Deus! o que é isto?!

VALENTINA, *a espernear.*

Soccorro!

CARVALHO, *percorrendo a scena.*

Meu Deus!

VALENTINA.

Soccorro!...

Eu morro!

CARVALHO, *atarantado.*

Qual morres!

VALENTINA.

Morro!

Quem me acóde?

CARVALHO.

Jesus Christo!...

Que devo fazer? Eu vou....
Queres medico?

VALENTINA.

De certo.

CARVALHO.

Ha doutor por aqui perto?
Corro a chamal-o!

Na occasião em que toma o chapéu, Valentina ergue-se.

VALENTINA.

Passou.

CARVALHO, deixando o chapéu.

Pois os medicos da côrte
são bem bons: basta fazer
tenção de os chamar, p'ra ver
o doente livre da morte!

VALENTINA, depois de alguns momentos, angustiada.

A provação f i atroz....
Foi cruel o soffrimento....
Porém, desde este momento,
não ha mais nada entre nós.

Sae pela direita, segundo plano.

SCENA VIII

CARVALHO, só

Depois de alguma pausa.

Si eu não fosse um covarde,
que bella occasião para me pôr a andar....

Pegando no chapéu.

Ainda não é tarde!

Nem um momento mais eu devo aqui ficar!

*Dispõe-se a sair, e pára, olhando para a porta por onde entrou
Valentina.*

Encerrou-se na alcova!

'Stá soluçando a triste.... o seu amor maldiz....

Oh! que eloquente prova
de que ella me estremece e de que eu sou feliz!

*Collocando o chapéu sobre uma cadeira e o sobretudo nas costas
da poltrona.—Resoluto.*

Não! não sairei! Fico!...

Mas a colheita?... a safra? os filhos e a mulher?...

Eu sou bastante rico

e posso demorar-me o tempo que quizer!

Fui sempre optimo pae e optimo marido:

é muito que um momento esqueça-me de mim?

Hei de voltar melhor assim fortalecido...

Oh! maldito o momento em que á cidade vim!

(Pausa) E si eu pillado fôr co'a bocca na botija?

Não me posso entender!

Não sei para que lado os passos meus dirija!...
sou preso por ter cão e preso por não ter!

Dirigindo-se á porta por onde saiu Valentina.

Ella está mal comigo... as pazes fazer vamos...
Prometto dar-lhe a joia; e, quando a vir, direi
que é muito cara... e tal... Depois nos combinamos!
É uma joia barata então lhe comprarei...

Ajoelhando-se á porta.

Vamos lá... vamos lá... Meu anjo... Valentina...
D'entre os soluços teus soluça o meu perdão!
Não zangues-te, meu bem; não chores mais, menina...
Abre-me a porta já... Vem cá, meu coração!

SCENA IX

CARVALHO, VALENTINA

*Valentina está prompta para sair. Tem os olhos vermelhos.
Dirige-se á secretária e guarda em uma bolsa que traz na
mão as notas de banco, que tira da gaveta sem que Carvalho
veja.*

CARVALHO.

Menina, dos calcanhares
olha que não me levanto
nem mesmo a cacete, emquanto
teu perdão me não lançares!

*Valentina acaba de guardar o dinheiro e desce a scena, fingindo
que chora, mas rindo-se a sós. Aparte.*

Coitadinha! que lamuria!

VALENTINA.

Sei que não tenho o direito
de exigir nenhum respeito,
de perdoar uma injúria...
Vocês têm razão: enxerguem
na mulher que cae, somente
a meretriz impudente,
que nem as lagrymas erguem.
Tem graça o perdão! De rastros,
sou eu que devo alcançá-lo!

Ajoelha-se também. Ficam ajoelhados defronte um do outro.

Sou perdida, e quiz amal-o!
Sou lama: quiz ir aos astros!

CARVALHO.

Um astro és! E's minha lua,
és minha lua querida!

VALENTINA.

Sua sombra, reflectida
n'um charco immundo da rua,
serei....

Ergue-se e vae sentar-se na poltrona.

Meu pobre passado !
Tu onde estás? onde foste ?
— Da licença que me encoste
no seu capote ?—Obrigado.
—Eu tive a flôr dos maridos....
Que quer ? Não havia meio
de amal-o ! E quando deixei-o,
deu um tiro nos ouvidos !
Como mariposa inquieta,
pousei aqui e alli....
Amar jamais consegui....
Mas encontrei-te.... poeta !....

*Vae arrebatadamente collocar-se outra vez de joelhos, defronte
de Carvalho.*

CARVALHO, admirado.

Poeta !...

VALENTINA.

Poeta, repito !
A ti não te parecia :
mas tinhas tanta poesia !...
Escuta: não és bonito....
não és um joven, siquer....
E's calvo, tens nariz grande ;
mas nisso mesmo se expande
meu coração de mulher.
Não sou vulgar.... amo o horrivel,
e és horrivelmente bello !
Ao teu carão amarello
meu coração foi sensível
Um instante me pareceu
— mas, ai de mim ! me enganára—
que tu, com tão feia cara,
deverias ser só meu !
(Erguendo-se) Agora, que o mundo espante-se
e bellas razões dedusa :
— você uns contos recusa
a tanto affecto !— Levante-se !

CARVALHO, erguendo-se.

E's um anjo !

VALENTINA.

E você é...

CARVALHO.

Teu escravo !

VALENTINA.

E' um verdugo !
Entretanto, Victor Hugo
disse: *Oh ! n'insultez jamais....*

CARVALHO.

Então ? estou perdoado ?

VALENTINA.

Estás, que tudo se esquece.
Vendo que Carvalho limpa os olhos.
Choraste ?

CARVALHO.

Si te parece !
Fallas como um advogado !
— Onde é que as bichas se vendem ?
Vou buscal-as.

VALENTINA, *mudando inteiramente de tom.*

Meu amigo,
o ourives vem ter contigo
e vocês dois cá se entendem.

CARVALHO.

Quem o manda ?

VALENTINA.

Eu.

CARVALHO.

Deveras ?

VALENTINA.

Eu fiquei de lá ir. (*Aparte*) Como
tenho de ir ao banco, tomo
um carro e vou lá. (*Alto*) Esperas ?

CARVALHO.

Espero.

VALENTINA, beijando-o.

Adeus.

CARVALHO.

Seductora !

Saída falsa de Valentina, pela esquerda, segundo plano.

Si eu não poder arredar-me,
conto que hei de desforrar-me
pela colheita vindoura.

Senta-se no sofá.

VALENTINA, voltando.

Outra bicota ! (*Beija-o*) Mais duas !
— A chamma de amor me abraza !
Ainda não saí de casa,
já tenho saudades tuas !

Vae saindo e pára.

Não queres lér um pouquito ?

CARVALHO.

Quero, sim.

VALENTINA.

Olha, aqui tens....

*Dá-lhe o Mosquito e dirige-se para a porta da esquerda,
segundo plano.*

CARVALHO, deitando-se.

Emquanto tu vaes e vens,
eu fico lendo o *Mosquito*.

~~~~~



## ACTO SEGUNDO

A mesma decoraçào.

### SCENA PRIMEIRA

CARVALHO, só.

*Está ainda deitado no sofá; dorme e sonha alto, muito agitado. O Mosquito está caído a seus pés.*

Ai! o que é isto? O que é?  
Não me agarrem!... Não me puxem!...  
O que querem?... Desembuchem!...  
Não creias nisso, Qué-qué!

*Levanta-se do sofá e desperta, attonito.*

Heim? O que foi?... Foi um sonho!  
Um sonho... não ha que ver...

Já me lembro: estava a lêr  
o Mosquito... Foi medonho  
o pesadelo! Primeiro,  
sonhei que havia chegado  
à fazenda, e visitado

senzala, alpendre, chiqueiro.  
horta, engenho, etcætra e tal.

Depois, fui ter co'a patrão...

Os sonhos são coisa à tôa,  
pois que não é natural  
que eu, si a fazenda chegasse,  
do que a madama primeiro  
senzala, alpendre, chiqueiro,  
horta e pomar visitasse.

No momento justamente  
que os nossos labios se uniram,  
— agora o verás! — surgiram,  
donde não sei, de repente,  
mulheres assim... assim...

*Gesto indicando que eram muitas.*

Altas, baixas, magras, cheias;

bellas umas e outras feias,  
 que se acercaram de mim!  
 contei dez... mais dez... mais dez!  
 Saía uma por uma  
 do tecto... do chão... Em summa,  
 a alma caiu-me aos pés!  
 P'r' aggravar o pesadelo,  
 dessa tropa feminina  
 vinha á frente Valentina,  
 em desalinho o cabello,  
 e ás outras dizia assim:  
 « Segurem-me esse tratante!  
 Não sabem que é meu amante,  
 e que safou-se de mim?... »  
 E as outras me carregavam!  
 Davam-me beijos... abraços...  
 Disputavam-me em seus braços;  
 aos trambolhões me levavam!  
 « Levem-n'o; tenho o direito  
 de disputar seu amor,  
 pois amo-o... amo-o!... » Senhor!  
 que pesadelo! — No leito  
 a Qué-qué se revolvía!...  
 Teve mais de um faniquito!  
 Dava gritos! cada grito  
 que um surdo despertaria!  
 Nisto acordei; já de pé,  
 protestos inda fazia,  
 e á pobre Qué-qué dizia:  
 « Não creias nisso... »

*Batem á porta da esquerda, segundo plano.*

Quem é?

A VOZ DO JOALHEIRO.

Um criado de vossa senhoria.

CARVALHO, *comsigo*.

E' o sujeito das bichas. (*Alto*) Póde entrar.

## SCENA II

CARVALHO, o JOALHEIRO.

O JOALHEIRO.

Com licença, senhor. Muito bom dia.



CARVALHO.

Bom dia. — Faz favor de se sentar.

*Senta-se e indica-lhe uma cadeira.*

O JOALHEIRO.

Estou a gosto.

CARVALHO.

Sente-se.

O JOALHEIRO, *sentando-se.*

Obrigado.

CARVALHO, *aparte.*

Olho vivo! Tem cara de judeu...

— As bichas o senhor...

O JOALHEIRO, *erguendo-se.*

Um seu criado...

CARVALHO.

...é que vem...

O JOALHEIRO.

Sim, senhor.

CARVALHO.

...mostrar?

O JOALHEIRO.

Sou eu.

CARVALHO.

Queira sentar-se. Faz favor de dar-m'as?

O JOALHEIRO, *tirando a caixa do bolso e abrindo-a.*

Aqui as tem. (*Limpa-as*) Aqui as tem. — Perdão!

*Limpa-as mais uma vez.*

CARVALHO, *aparte*.

Vejam como o tratante aprompta as armas !  
*O joalheiro entrega-lhe a joia, que elle examina com attenção.*

O JOALHEIRO.

São benitos, não acha ?

CARVALHO.

Acho que são ;  
mas tambem acho exorbitante o preço.

O JOALHEIRO.

Exor... Meu charo, pelo amor de Deus !  
que preço lhe disseram ?

CARVALHO.

Seis !

O JOALHEIRO.

Não desço

um real. Veja bem !

CARVALHO, *aparte*.

Estes judeus !

O JOALHEIRO, *erguendo-se*.

Que me conste, até hoje aqui não houve  
dois brilhantes assim !  
Donos delles fazer-me aos ceus approuve;  
porém... pobre de mim !  
Muitos ha que desejam possuil-os ;  
mas seu valor não dão...  
E na vidraça os miseros tranquilllos  
por muito tempo permanecerão !

*Pausa durante a qual Carvalho continúa a examinar os brilhantes, mas com indifferença.*

Estes brilhantes tinham mais apreço  
em dois grandes anneis ;  
mas os não quero separar. O preço  
são seis contos de réis.  
Si não achar de todo nesta terra  
quem os queira comprar,



vou vendel-os á c'róa de Inglaterra,  
que os rão hade engeitar !

*Toma os brilhantes, colloca-os nas orelhas e passeia pela sala  
como uma senhora.*

Veja que bellos são ! De conta faça  
que uma senhora sou :  
veja que alvura !... que ladrões sem jaça !

CARVALHO.

Por quatro contos dal os quer ?

O JOALHEIRO.

Não dou.

CARVALHO.

Então, amigo, não fazemos nada:  
perde o seu tempo e perde o seu latim....  
(*Aparte*) Si eu me livrar podér desta rascada,  
hei de um terço resar a São Joaquim,  
meu glorioso patrono.

O JOALHEIRO, *aparte, embrulhando a caixa.*

A serigaita  
disse que o velho dava-me os seis paus ;  
ella suppõe que berimbau é gaita....  
Não se lembra que os tempos vão tão maus....  
Hei de sempre fallar-lhe.... talvez queira....

*Alto, guardando a joia.*

Até mais vêr, senhor.

CARVALHO.

Passasse bem !

O JOALHEIRO.

A palavra já disse derradeira !  
Não dá mais nada, não ?

CARVALHO.

Nem mais vintem.

*O joalheiro comprimenta e sae por onde entrou.*

## SCENA III

CARVALHO, só.

Seis contos ! seis contos ! Irribus !  
E' mesmo muito dinheiro !  
Trabalho um semestre inteiro  
para seis contos ganhar,  
e devo sem mais preambulos  
gastal-os com Valentina ?  
— Sae muito cara a menina ;  
não devo continuar...  
mas serei bastante energico  
p'ra fugir desta voragem ?  
Bater a linda plumagem,  
ir para juncto dos meus ?  
Lembrar-me dos meus negocios ?  
dos meus compromissos tantos ?  
de Valentina aos encantos  
dizer para sempre adeus ?...  
Seis contos ! São seis apolices  
p'ra garantir o futuro :  
de cinco por cento ao juro  
hão de trezentos render !  
No fim de quinze annos, chega-se,  
com juro accummulados,  
a ter dez contos guardados  
para o que dér e vier.  
Seis contos ! Compra-se um predio,  
que se aluga a dez por cento !  
E, afinal, n'um bom momento  
dez contos por elle dão !  
Cinco bons escravos mandam-se  
vir do Norte de encomenda,  
que, a trabalhar na fazenda,  
vinte por cento darão !  
Eu bem sei que a joia, cáspite !  
por seis contos não 'stá cara ;  
é de uma belleza rara :  
o homem no preço está.  
Off'reci-lhe uma miseria,  
e muito acertadamente :  
por quatro contos somente  
joias dessas ningnem dá.

*Senta-se na poltrona juncto da secretária e fica a meditar com a cabeça entre as mãos e os cotovellos fincados nas coxas. Aparecem á porta da esquerda, segundo plano, Valentina e o joalheiro, que não são presentidos por Joaquim Carvalho.*



## SCENA IV

CARVALHO, VALENTINA, o JOALHEIRO.

VALENTINA, *a meia voz.*

Elle alli está! .. Pscio.. . sentido!

Vá p'r'a sala de jantar....

*Encaminha-o, na ponta dos pés, para a porta da esquerda,  
primeiro plano.*Queira um instantinho esperar,  
emquanto a questão decido.O JOALHEIRO, *a meia voz*

Senhora, si acha isto caro...

Não tento... Tentar não vim...

VALENTINA, *no mesmo tom*Entre e espere. E' já. (*O joalheiro desaparece*)

Emfim!

*Logo que o joalheiro desaparece, Valentina machuca o chapéu  
e desmancha um pouco o penteado.*

E' preciso este preparo...

*Desce á scena fingindo estar desesperada, e fallando em voz  
muito alta.*Desaforo! Não se atura  
tamanha pouca vergonha!CARVALHO, *arrancado de subito á sua meditação.*

Valha-me Deus! vem medonha!

VALENTINA, *passeiando de um lado para o outro.*

Fiz uma bella figura!

## SCENA V

CARVALHO, VALENTINA.

CARVALHO, *aparte.*

Ella já sabe de tudo...

Temol-a agora travada!

VALENTINA, *na mesma agitação, senta-se na poltrona e amarrota e rasga o lenço.*

Inferno !

. CARVALHO, *aparte.*

Está tão zangada,  
que incontinente me mudo...

*Pega no chapéu e dispõe-se a sair sorrateiramente.*

VALENTINA, *levantando-se rapidamente.*

Faça favor !...

CARVALHO.

Valentina...

VALENTINA, *imperiosamente*

Venha cá !

CARVALHO, *aproximando-se timidamente.*

Cá estou...

VALENTINA.

Aqui !

— Como o senhor nunca vi  
homem tão tolo e sovina !  
Vá-se embora, si quizer,  
nem mais um segundo tarde !  
Mas saiba que é de um covarde  
maltractar uma mulher !  
Pois si é tão pobre o senhor,  
que meia duzia de contos  
não tem na carteira promptos,  
e delles possa dispôr,  
porque razão prometeu  
dar-me uma jóia ?...

CARVALHO.

Eu te digo...

VALENTINA, *passando agitada.*

Suppl-o tão meu amigo...

CARVALHO, *acompanhando-a.*

E eu não sou amigo teu ?



VALENTINA, *no mesmo.*

Encontrei alli na esquina  
o joalheiro ! Si visse  
como tractou-me ! o que disse !

CARVALHO, *no mesmo.*

Mas ouve cá, Valentina...

VALENTINA.

Julga o senhor por acaso  
que eu não tenho quem me dô  
seis... vinte contos ? ! Não vê !  
Sou eu que não faço caso  
de muitos banqueiros que andam  
a fazer-me roda ! .. Hontem  
(Deixal-os que desapontem :  
não recebo o que me mandam ! )  
um lá da rua Direita,  
que fez fortuna a galope,  
mandou-me n'um *enveloppe*  
um conto ! fiz-lhe a desfeita  
de não querer : devolvi-lh'o !

CARVALHO.

Elle não te conhecia ?

VALENTINA.

Não, senhor.

CARVALHO.

Foi covardia :  
maltractou-te ! Ai, que si o pilho !

VALENTINA.

Covardia foi a sua !  
Commetteu uma falta enorme !

CARVALHO.

Mas ouve, afinal !

VALENTINA.

Expôr-me  
ao ridiculo na rua !

Escute, senhor... Seu nome?  
Sempre me esquece!...

CARVALHO.

Carvalho.  
P'ra evitar este trabalho,  
aqui tem um cartão.—(Dando-lh'o)—Tome.

VALENTINA.

Escute : si o senhor fosse  
um pobretão, um mendigo ;  
si não trouxesse comsigo  
os contos de réis que trouxe,  
o mesmo affecto lhe tinha,  
a mesma attenção lhe dava,  
o mesmo agrado mostrava,  
o mesmo gosto mantinha !  
Mas o senhor está bem...  
Antes o não estivesse...

CARVALHO, *aparte*.

Ora esta ! si eu soubesse,  
não tinha gasto um vintem...

VALENTINA.

Em minha casa que paga  
julga o senhor, porventura,  
a amisade sancta e pura  
desta infeliz que o affaga ?  
Pois saiba que o seu dinheiro,  
si o gasta, não é comigo !

CARVALHO.

Pois eu não gasto comtigo ?

VALENTINA.

Não, senhor. Ouça primeiro  
e depois falle á vontade.  
*Fazendo-o sentar-se á força na poltrona.*  
Sente-se... sente-se ! convenha...  
Acha provavel que tenha  
mais doce commodidade  
em qualquer outra poltrona ?



CARVALHO.

Não acho, não, certamente,  
que este commodo excellente  
nenhuma outra proporciona.

VALENTINA.

Bem ! Agora venha cá.

*Fal-o erguer-se da poltrona e deitar-se no sofá.*

Deite-se... deite-se ! Assim !

CARVALHO, *deitado.*

Mas o que queres de mim ?

VALENTINA.

Que tal acha este sofá ?

Diga... diga !

CARVALHO.

E' uma obra prima !

E' o melhor sofá do mundo !

A gente vae para o fundo  
e depois volta p'ra cima !

Hoje — não te digo nada —  
fiz uma bella somneca !

VALENTINA.

Levante um pouco a careca,  
e chegue mais a almofada.

CARVALHO, *depois de obedecer.*

Estou no setimo ceu !

VALENTINA.

Pois bem: venha ver o oitavo !

Erga-se ! siga-me !

*Leva-o á porta da direita alta.*

CARVALHO, *olhando para dentro.*

Bravo !

Que bonito sobreceu !  
que cortinado bonito !

VALENTINA.

E a cama ?

CARVALHO.

A cama conheço...

VALENTINA.

Que tal ?

CARVALHO.

E' um traste de preço,  
de um gosto muito exquis to,  
pouco mais alta que o chao...

VALENTINA.

E' moda agora...

CARVALHO.

Sei... sim...

A gente, si faz assim,  
bate na esteira co'a mão.  
Minha cama na fazenda  
é deste tamanho...

VALENTINA.

E' alta !

CARVALHO.

Ninguem para cima salta  
sem que a dar um pulo aprenda !  
Por causa disto a madama  
vio-se muito embaraçada :  
muito depois de casada,  
não se deitava na cama,  
sem subir por uma escada !  
— Hoje pula como um gato !

VALENTINA, apontando sempre para o quarto.

Veja que lindo tapete !  
que magnifica *toilette* !  
que guarda-roupa !

CARVALHO.

E' exacto.



VALENTINA.

Peanhas, estatuetas,  
ondinas de bis uil!

*Percorrendo a scena e mostrando a sala, trazendo Carvalho pela  
mão.*

Veja : nada falta aqui !  
*Chinoiseries*, bocetas,  
e reposteiros de lã !  
Espelhos, lindas gravuras  
em sumptuosas molduras !

*Lendo os disticos das gravuras.*

*Socrates instruiant  
Alcibiades, aqui ; e  
cá : Van Dick quitte Rubens  
pour se rendre en Italie. (Descendo a scena)*  
Muito dinheiro enterrado  
está aqui !

CARVALHO.

Tens bom gosto. Toca!

VALENTINA, *aparte*.

Na rua da Carioca  
tem sido tudo comprado...

CARVALHO.

O que te digo é que ha trastes  
que com o dono se parecem !  
Teus olhos tudo merecem ;  
que importa que tudo gastes ?

VALENTINA, *aproximando uma cadeira*.

Meu charo, agora expliquemo-nos :  
os cobres que me tem dado  
emprégo... tenho empregado  
em tudo isto... Sentemo-nos?

CARVALHO.

Sim... tanto se paga em pé  
como sentado. (*Senta-se*)

VALENTINA.

O senhor  
não traz o meu puro amor  
dentro do *porte-monnaie*.

Paga poltrona macia,  
leito fôfo e perfumado,  
sumptuoso cortinado,  
custosa tapeçaria.  
Os carinhos de uma amante  
com beijos se restituem :  
elles não se retribuem  
com sujo metal sonante.  
Este rilão acertado  
sempre na memoria traga :  
com amor amor se paga...

CARVALHO.

E' muito velho o dictado,  
porém não menos o é  
o que diziam meus tios...

VALENTINA.

Qual é ?

CARVALHO.

Dous saccos vasioz  
não se podem ter de pé.  
E ha mais outro....

VALENTINA.

Ouçã primeiro :  
o senhor gôsta do luxo ;  
pois bem : aguenta o repuxo,  
uma vez que tem dinheiro.  
Eu, para estar de harmonia  
com o luxo que vejo em roda  
de mim, devo andar á moda,  
ter preciosa pedraria.  
Quer que lhe tenha paixão,  
sem que lhe custe brilhantes ?  
Vivamos quaes dois amantes  
dos tempos que já lá vão.  
Pr'algun romance ou comedia  
terão assumpto depois !  
Carvalho ! sejamos dois  
amantes da idade média !  
Lá, n'uma ilha deserta,  
longe da vista mundana,  
vivamos n'uma choupana  
de verdes folhas coberta !  
Deixa tudo quanto tens,  
esposa, filha, fortuna !



Nada disso se coaduna  
co'a vida que viver vens.  
Sim ou não ? Responde, emfim ! (*Erguendo-se*)  
Mas nos teus olhos eu leio  
a hesitação, o receio...  
E' que só me amas assim !  
Si por acaso me visses  
magra, suja, maltrapilha...

CARVALHO, *levantando-se*.

Onde, meu Deus ?...

VALENTINA.

Na tal ilha...  
...duvido que tu sentisses  
a caridade vulgar,  
siquier, por esta a quem hoje  
o dinheiro foge, foge,  
por que quer decente andar.  
Si me amas porque sou bella,  
mais bella faze-me ainda :  
verás como fico linda  
com os taes brilhantes !

CARVALHO, *aparte*.

Cautela !

*Conduz Valentina para o sofá e sentam-se.*

Agora atenção me presta ?  
Não interrompa-me ! ouça !

(*Aparte*). Apre ! que nunca vi moça  
mais exaltada do que esta !

(*Alto*). Eu quero dar-te as taes bichas :  
tomo o ceu por testemunha !  
Mas tomas o pião á unha  
e desejas que haja rixas  
onde amor só deve haver !  
— E' um refinado tractante,  
(acredita !) o miliante  
que as taes bichas quer vender.  
Conheço aquelle menino !  
e juro, por Quem nos ouve,  
que, até esta data, não houve  
quem me enganasse... sou fino

VALENTINA.

Muito fino ! E's um portento !

CARVALHO.

As bichas são muito bellas ;  
mas elle pede por el as  
mais cincoenta por cento  
do que deve ! O maganão  
quer roubar d'uma assentada  
dois contos ! Que vá p'r' a estrada,  
de bacamarte na mão !  
Já fiz ver ao tal sujeito :  
por quatro co'as bichas fico.  
E não abro mais o bico  
a similhante respeito.

*Ergue-se e passeia pela sala, com as mãos nas costas. Pausa.*

VALENTINA, *aparte*.

Que idéa ! (*Levanta-se. Alto*).  
Bem pouco entendo  
de joias.

CARVALHO.

Entendo eu !  
Por isso o preço ao judeu  
fui logo, logo dizendo.

VALENTINA.

Não sei si estás a illudir-me ;  
si as bichas valem somente  
o preço que dás...

CARVALHO.

O' gente !  
Outro ourives que o confirme !  
(*Aparte*). Si ella indaga, estou perdido !

VALENTINA.

Pôde bem ser que não queiras  
dar-me os seis contos e...

CARVALHO.

Asneiras !

Não quero é ser illudido !  
— Faze-me mais um discurso !  
Vem-me com outras cantigas !...  
mas olha que não me obrigas  
a fazer figura de urso !



VALENTINA.

Não queres gastar, máu, feio !  
Tens um meio extraordinario  
para provar-me o contrario.

CARVALHO.

Vamos lá ver esse meio.

VALENTINA.

Vou fallar já com o ourives,  
si o valor a joia tem  
que dás-lhe, elle cede...

CARVALHO.

Bem !

VALENTINA.

Mas, para que te não prives  
do gosto de me off'recer  
os seis contos por inteiro...

CARVALHO, *aparte*.

(*Alto*). Ai ! que ahi volta o pampeiro !  
Mas eu não posso entender...

VALENTINA, *affagando-o*.

Não te contrario ; assim  
bem mostro que te idolatro :  
si a joia compras por quatro,  
dar-me-ás os dous para mim.

CARVALHO, *aparte*.

Ai, que ella agora filou-me !

VALENTINA, *largando-o*.

Hesitas ? Eu logo vi !

CARVALHO, *titubeando*.

(*Aparte*). E' que... tu sabes... mas... si...  
'Stou arranjado ! apanhou-me !

VALENTINA.

Senhor, suppuz...

CARVALHO.

Não te excites ;  
 eu vou buscar o dinheiro...  
 Manda chamar o joalheiro. (*Tomando o chapeo*)  
 Mas ouve, e não te arrebitas :  
 si elle dér por quatro, é tua  
 e tens mais dous. Si não dér  
 porisso, não has de ter  
 nem joia nem... (*Signal de dinheiro*)

VALENTINA.

Anda ! rua !  
*Carvalho sae.*

## SCENA VI

VALENTINA, depois o JOALHEIRO.

VALENTINA.

*Dirigindo-se á porta por onde saiu Carvalho.*  
 Tu queres fazer-te esperto...  
 Oh ! mais esperta sou eu !

O JOALHEIRO, pondo a cabeça fóra da porta.

Entrar já posso ?

VALENTINA.

De certo.

O JOALHEIRO, *descendo á scena.*

Tolo ! chamar-me judeu  
 e tractante ! Eu tudo ouvi  
 por traz daquella cortina !

VALENTINA.

Vio que o maldito sovina  
 diz que não valem...

O JOALHEIRO.

Vi... vi...

Quem lhe dera que valesse  
 tanto quanto os meus brilhantes !  
 — Mas olhem que estes amantes...



VALENTINA.

E são todos como esse !  
Já homens eu não descubro.  
Ora, imagine que ha mezes,  
e isso dá-se muitas vezes,  
em que as despezas não cubro !

O JOALHEIRO.

Tambem me queixo um bocado,  
pois o negocio vae mal,  
tudo o que vendo é fiado  
e não recebo um real !  
— Mas vamos ; em que ficamos ?  
Olhe : tental-a não quero...

VALENTINA.

Uma idéa tenho ; espero  
que ha de approval-a.

O JOALHEIRO.

Vejamos...

VALENTINA.

Disse elle que, si comprar  
por quatro contos a joia,  
dá-me dois contos, e foi á  
casa o dinheiro buscar.

O JOALHEIRO.

Sei tudo e não peço *bis*,  
gracas áquella cortina.  
Saiba, dona Valentina,  
que é uma esplendida actriz !  
— Sei o que quer : que lhe entregue  
a joia por quatro agora,  
pr'a receber da senhora  
os outros dois : pois socegue :  
estou por tudo, na 'sp'rança  
de que os seis contos receba.

VALENTINA.

Mas elle que não conceba  
a menor desconfiança !

O JOALHEIRO.

E os dous contos ? Onde estão ?

VALENTINA.

Dar-lh'os-ei quando os tiver.

O JOALHEIRO.

Como assim ?

VALENTINA.

Quando m'os der  
o fazendeiro.

O JOALHEIRO.

Isso não !

VALENTINA.

Duvida de mim ?

O JOALHEIRO.

De tudo !  
Ai, minha rica senhora,  
não me dizia inda agora  
que este tempo anda bicudo ?  
Desculpe... o que quer ? Sou franco...

VALENTINA.

S'tá bem, 'sta bem ! Não insisto :  
é justo. (*Tirando papeis do bolso*)  
Sabe o que e isto ?

O JOALHEIRO.

Olé ! são cheques do banco !

VALENTINA.

Que horas tem ?

O JOALHEIRO, *vendo o relógio.*

E' meia-hora.



VALENTINA.

Pois vou buscar o dinheiro.  
Quando vier o fazendeiro...

O JOALHEIRO.

Vá descansada a senhora :  
julguei que só m'o daria  
quando lh'o dêsse o sujeito.  
Ha de encontrar tudo feito,  
quando voltar co'a quantia.

VALENTINA, *pondo o chapéu.*

Posso fazer um bom gancho...

O JOALHEIRO.

Quatro contos arrecada ;  
mas si está contrariada,  
todo o negocio desmancho :  
não tento...

VALENTINA.

Espere-o. Adeus. (*Sae*)

O JOALHEIRO.

Vá descansada.

## SCENA VII

O JOALHEIRO, só.

E' barato ;  
mas o lucro immediato  
é bem bom, graças a Deus !  
Daqui a dias talvez  
a joia não seja della :  
por cinco me ha de vendel-a ;  
por sete a vendo outra vez.

*Desembrulha a caixa da joia, que tira da algibeira, abre-a, e  
contempla-a com ar compassivo.*

Alvos brilhantes, peregrina joia,  
vou brevemente me ausentar de vós !  
De vendedor não julgueis ser tramoia  
este elogio que vos teço a sós !

Ninguém nos ouve nem nos vê ; portanto  
não é suspeito o candido louvor.  
Sinto nos olhos da saudade o pranto,  
sinto no peito a languidez do amor !

Durante o tempo em que tu foste minha,  
prenda formosa, prenda sem rival,  
todos os dias á minh'alma vinha  
lastima prévia... Adivinhava o mal!

Adivinhava que enfeitavas breve  
o corpo impuro que te appetiteu;  
foi rara a jeia de valor que teve  
melhor destino que o destino teu.

Ai, si eu te visse envelhecida, gasta...  
toda arranhada... não fazia mal...  
Mas nas orelhas de uma esposa casta...  
prenda formosa, prenda sem rival!

### SCENA VIII

#### O JOALHEIRO, CARVALHO.

CARVALHO, *entrando*.

Ora viva! (*Aparte*) Elle por cá!  
E' mau signal... (*Vendo a joia*)  
E os brilhantes...

O JOALHEIRO.

'Stava aqui ha alguns instantes  
á sua espera.

CARVALHO.

Onde está

Valentina?

O JOALHEIRO.

Saíu; tinha  
algumas voltas que dar.

CARVALHO.

E o senhor vem cá buscar  
o que?

O JOALHEIRO.

Eu lhe digo... eu vinha...

CARVALHO.

Para que voltou aqui?

O JOALHEIRO.

Saiba vossa senhoria...

CARVALHO.

Uma ridicularia  
pela joia offereci.  
Não quer de certo vendel-a  
por quatro contos...



O JOALHEIRO.

A instancias  
de minhas más circunstancias,  
sou obrigado a cedel-a. (*Dando-lhe a joia*)  
Aqui tem. Tudo isto é seu.  
De não vendel-a com medo  
a qualquer outro, é que a cêdo  
pelo que me offereceu.

CARVALHO, *sem acceitar a joia.*

O que ? Pois por quatro contos  
quer m'a ceder ?... Vale seis !

O JOALHEIRO.

De quatro contos de réis  
nós precisamos de prompto.  
Si inda agora não cedi,  
foi porque tinha contado  
com elles por outro lado...  
E' sua a joia : eil-a aqui ! (*Entrega-lh'a*)  
E' pechincha ! Mas... que quer ?  
tenho uma lettra a vencer-se... (*Vendo o relógio*)  
E não me dá que converse  
vinte minutos siquer.

CARVALHO.

Si Valentina tivesse  
dinheiro acaso, diria  
que entre o senhor e ella havia  
combinação.

O JOALHEIRO, *a meia voz*

Mas, si houvesse,  
eu, muito em particular,  
tudo dirla.

CARVALHO.

Acredito.

(*Aparte*) Outro remedio — bonito ! —  
não tenho sinão pagar !

O JOALHEIRO.

Veja que explendidos são !  
Veja que são opulentos !

CARVALHO, *deita a caixa da joia sobre o sofá, tira do bolso a  
carteira e dá notas do banco ao joalheiro.*

Oito notas de quinhentos !

O JOALHEIRO, *depois de conferir e guardar o dinheiro.*  
De nossa casa o cartão  
aqui tem.

CARVALHO.

Faça favor...  
Traz estampilha?

O JOALHEIRO.

Sim, trago...

CARVALHO, *opontando para a secretária.*  
Diga-me alli que está pago.

JOALHEIRO.

Pois não ; é pouco trabalho.  
*Senta-se á secretária, toma papel e penna.*  
Sua graça ? — Que bom papel ! —

CARVALHO.

O tenente coronel  
Joaquim dos Santos Carvalho.  
*O joalheiro escreve. A' porta da esquerda segundo plano  
apparece João de Souza.*

## SCENA IX

O JOALHEIRO, escrevendo, CARVALHO, JOÃO DE  
SOUZA.

CARVALHO, *admirado, vendo Souza.*  
O' compadre João de Souza !

SOUZA, *tambem admirado.*  
O' compadre !  
*Correm um para o outro e abraçam-se com effusão.*

O JOALHEIRO, *parando de escrever, comsigo.*

Me internecem !  
*Approximando-se dos dous que novamente se abraçam em silencio*  
Uma vez que se conhecem,  
mandem vir alguma coisa.

---



## ACTO TERCEIRO

A mesma decoração.

---

### SCENA PRIMEIRA

JOÃO DE SOUZA, JOAQUIM CARVALHO.

*Este sentado na poltrona, aquelle de pé.*

SOUZA.

Agora, charo compadre,  
que boas novas te dei  
dos pequenos, da comadre,  
que de saude deixei,  
explica a tua presença  
aqui....

CARVALHO.

E' bem natural.

SOUZA.

Si me concedes licença,  
direi que comes mal :  
metter aqui o bedelho  
homem casado não vem !  
E além de casado, velho !  
De natural nada tem....

CARVALHO.

E você? como é que explica  
sua presença? Ande lá!...

SOUZA.

A minha só significa  
que sou bom pae : aqui está !  
Na casa em que estou agora  
não era capaz de entrar,  
pagassem-me muito embora !

CARVALHO, *aparte*.

E eu entro para pagar...

SOUZA.

Fui obrigado a fazel-o....  
Hei de contar-te depois.  
Mas tu, compadre ! Um modelo !

CARVALHO.

Ouve, e fique entre nós dois...  
— Porém agora reparo  
que não te queres sentar !

SOUZA.

Eu tenho um character raro,  
tenho um'alma singular !  
Sentar-me n'estas cadeiras !  
Livre-me Nosso Senhor ! (*Escarra e cospe*)  
Cuspir nas escarradeiras  
farei.... por muito favor.  
Da morte embora na ancia,  
sentar-me... Oh ! não sou capaz !  
Eu não venço a repugnancia  
que esta miseria me faz !  
Este luxo deslumbrante  
é vil, é mais do que vil :  
producto negro, infamante,  
do falso amor mercantil !  
Não sei que nome lhe quadre,  
não sei seu nome qual é ....  
(*Outro tom*) Você desculpe, compadre,  
mas hei de ouvil-o de pé.

CARVALHO.

E's rigoroso, comtudo....

SOUZA.

Eu penso assim....

CARVALHO.

Pensas bem. (*Erguendo-se*)  
E, para dizer-te tudo,  
eu me levanto tambem.

*Depois de alguma pausa.*

Como sabes, compadre, vim á côrte  
vender uma partida de café ;  
era genero de primeira sorte ;  
nos commissarios não fazia fé.



Fiz bom negocio. Effectuada a venda,  
as malas a arrumar me decidi.  
Os deveres chamavam-me à fazenda....  
Infelizmente Valentina vi.

Encontrei-a no Prado Fluminense ;  
ella, a sorrir, mandou-me o seu cartão....  
Um peccador que já se não pertence  
tornei-me desde aquella occasião.

Vivemos sós. Aqui ninguem mais entra.  
Neste retiro sinto-me feliz.  
E a minha flicidade se concentra  
no que ella pensa, faz, ordena e diz !

Forçoso é dar um paradeiro a isto !  
Lá na fazenda espera-me o dever !  
E' grande a seducção, mas eu resisto ;  
e posso me ausentar quando entender !

Com parcimonia me regrado tenho ;  
só um conto gastei ; nem mais vintem.  
Só hoje é que de quatro gastar venho  
co' estes brilhantes que lhe dei.

*souza, pega na joia ; depois de examinal-a com indifferença.*

Pois bem.

*Deixa a joia onde estava. Pausa.*

Compadre, vou tudo expôr-te :  
appareceu lá na roça,  
em minha casa... na nossa...  
um rapaz aqui da côrte.  
Foi ha seis dias... e meio.  
Como pelo meu cunhado  
me fôra recommendado,  
em minha casa hospedei-o.  
— Era muito divertido ;  
conversava muito bem ;  
finalmente, que haja alguem  
mais sympathico duvido.  
Descobri (sabes, meu rico,  
que não ha quem me embarrelle)  
que entre minha filha e elle  
havia seu namorico.  
Tu sabes : eu sou pão-pão,  
queijo-queijo ; sabes ?

CARVALHO.

Sei.

SOUZA.

Por isso lhe perguntei  
qual era a sua intenção.  
Era casar. Ella quer....  
Eu não sou dos mais incautos,  
pois não estive pelos autos....  
e disse á tua mulher :  
« Vamos a ver si a merece.  
Não é seguir boa trilha  
entregar um pae a filha  
a homem que não conhece. »  
— Portanto, a missão que trago  
é indagar ; tu comprehendes  
que, si a filha me pretendes  
e eu não te conheço, indago.

CARVALHO.

Elle é só ?

SOUZA.

Tem uma irman  
viuva e muito bonita,  
que nesta cidade habita.

CARVALHO.

Tu viste-a ?

SOUZA.

Certa manhan  
vi-lhe o retrato : é bonita.  
— Elle ficou de voltar  
para saber da resposta ;  
minha filha está disposta  
a se esquecer ou casar.  
— Minha medida acertada  
não achas ?

CARVALHO.

Acho.

SOUZA, *inflammando-se*.

Pois bem ;  
sabes, compadre, com quem  
casava a tua afillhada,  
si eu não fizesse este exame ?

CARVALHO, *intrigado*.

Com quem ?



SOUZA, *indignado*.

C'um homem nojento,  
um typo asqueroso, odiento,  
maroto, velhaco, infame!

CARVALHO, *benzendo-se*.

Valha-me Nossa Senhora!

SOUZA.

Esse covarde, esse reu  
de policia, é chichisbeu  
da sujeita que aqui mora!...

CARVALHO.

De Valentina?! Não!... Qual!...  
Enganaram-te, compadre....  
Pintaram comtigo o padre....  
Aqui não entra um mortal!

SOUZA.

Não entra! Digo-te mais :  
esse miseravel homem,  
qual outros que á custa comem  
destas harpias sensuaes,  
pelas familias maldictas,  
é quem ás compras lhe vae,  
quem com ella as vezes sae...  
E' quem lhe traz as visitas!...

CARVALHO.

E tu, por mais que me digas,  
compadre, estás enganado.

SOUZA.

'Stou muito bem informado :  
é seu chichisbeu!

CARVALHO.

Cantigas....

SOUZA.

Tens uma venda nos olhos,  
pois deixa que hei de arrancar-t'a ;  
emquanto é tempo, te aparta

destes asp'ros abrolhos.  
Não sejas o typo eterno  
do irrisorio matuto,  
o lorpa, o simples, o bruto,  
sem juizo e sem governo  
a quem já nem mesmo importa  
mulher ou filha, si topa  
um desses demos que a Europa  
todos os dias exporta!  
— Como vês, compadre, aqui,  
a este alcouce lascivo,  
me trouxe melhor motivo  
que o máu que te trouxe a ti.  
Meu espirito recúa  
em frente desta deshonra ;  
mas venho salvar a honra....  
e tu vens perder a tua....  
— Que mal vos fazem, serpentes,  
viboras vis, — não direi  
homens assim (*Aponta para Carvalho*) que bem sei  
procuram-vos imprudentes ;  
porém a esposa, que vive  
da confiança do esposo,  
e perde d'alma o repouso  
ao mais ligeiro declive  
da sua felicidade ?!  
E o filho, cujo futuro  
'stá no respeito seguro  
do pae pela sociedade ?...  
— Tua mulher nunca teve  
brilhantes. Nunca lh'os déste,  
e comtudo os dás á peste  
que na côrte te reteve,  
emquanto lá na fazenda  
a obrigação te esperava  
e ao Deus-dará tudo andava !...  
— Que o que digo não te offenda ;  
mas o teu procedimento,  
compadre, não tem desculpa !  
Não lava tão grande culpa  
sincero arrependimento !  
— Vamos ! nem mais estejamos  
em casa desta mulher !  
Amanhan, si Deus quizer,  
o trem de ferro tomamos. (*Pegando na joia*)  
A joia ! ninguém a pilha !...  
Sou eu que a quero guardar. (*Abrindo a caixa*)  
Olha, isto fica a matar  
nas orelhas de tua filha....

*Guarda a joia na algibeira.*



Como has de ficar contente  
— parece-me estar a ver-te —,  
quando Laura agradecer-te  
um tão bonito presente.  
Ouve os meus conselhos sábios :  
de Laura os beijos na testa,  
certo valem mais que os qu'esta  
mendiga te dá nos lábios.  
Vamos ! Anda ! (*Dá-lhe o chapéu e o sobretudo*)

CARVALHO, *vestindo o sobretudo e pondo o chapéu.*

Não discuto  
sobre a verdade dos factos,  
que não sei si são exactos,  
nem mentirosos reputo.  
Vamos embora, mas quero  
que, antes de irmos, te convenças  
desses boatos que offensas  
me parecem.

SOUZA.

Pois espero.  
Nós aqui, com alguma arte,  
tudo havemos descobrir ;  
tomára que eu possa rir  
de maneira que me farte. (*Dispondo-se a sair*)  
Espera-me alguns instantes.  
Em casa desta giboia  
não ha de ficar a joia.  
Confia-me os teus brilhantes. (*Sae*)

## SCENA II

CARVALHO, só.

Zombaram do compadre ! Aquelle coração  
não póde alimentar tamanha perversão !  
Valentina é um anjo : as lagrymas que chora  
não se podem fingir. Não digo que me adora,  
mas ama-me, de certo. Um anjo, que me diz :  
« Si tu não fosses rico, eu era mais feliz ! »  
Eu não lhe pago o amor ; apenas eu lhe pago  
as cadeiras, o leito, o canapé que estrago  
e os quadros que desfructo. O mal, o grande mal,  
foi vel-a e gostar della. E' muito natural  
que um velho feio, achando uma mulher que o ame,  
que, sem saber si é rico, o seu amor reclame,  
sinta que lhe desperte o morto coração. (*Pausa*)  
Mas o compadre.... Não ! não é possível ! não !

O compadre.... Ora adeus! Até causou-me tédio!  
Vamos, Joaquim Carvalho: o quê não tem remédio  
remediado está! E' preciso sair!  
Mas não como elle quer; sair e não fugir!  
A ingratidão não está na minha natureza.  
As bichas hão de ser a ultima despeza...

## SCENA III

## CARVALHO, GUSTAVO.

GUSTAVO, *entrando sem cerimonia, sem reparar em Carvalho,  
pela esquerda, segundo plano.*

Valentina! (*Vê Carvalho e tira o chapéu, atrapalhado*)  
Perdão.... perdão....

CARVALHO.

Quem é?

GUSTAVO.

eu vinha procurar.... o doutor.... o doutor....  
Senhor,

CARVALHO.

O senhor, ao entrar, exclamou: Valentina!  
Pois é quem mora aqui. Que quer dessa menina?

GUSTAVO.

Não! Vossa senhoria enganou-se....

CARVALHO.

Ouvi distintamente o seu nome.  
Ora qual!

GUSTAVO.

Ouviu mal.

CARVALHO.

Peior é essa! Ouvi — Valentina!

GUSTAVO.

o doutor... Perdigão....  
Eu procuro



CARVALHO.

Ai, mau!

GUSTAVO, *aparte*.

(*Alto*) Julguei que aqui morasse o doutor Perdigão:  
é vossa senhoria?

CARVALHO.

Ai, mau!

GUSTAVO, *aparte*.

Que intallação!

CARVALHO.

Antes de entrar aqui devia bater palmas!  
Desta população de tresentas mil almas  
só o senhor assim procede!

GUSTAVO.

Mas, senhor,  
eu vinha procurar o doutor....

CARVALHO.

Que doutor!  
A senhora que aqui reside não é dessas....  
Vá lá! Não continue! Sae-lhe o trumfo ás avessas!

GUSTAVO.

Pois bem, adeus; perdôe um desalmado!

CARVALHO.

Bem!

*Emquanto Gustavo sae por onde entrou.*  
Aqui não se costuma a desmentir ninguém.

## SCENA VI

CARVALHO, só.

Grandicissimo idiota!  
Talvez que tambem supponha....  
E' muito pouca vergonha....

*Depois de dar alguns passos pela sala, pára, como ferido por  
uma idéa subita.*

Esperem ! Este janota  
será o tal chichisbeu  
de quem fallou inda ha pouco  
o meu compadre?.... Estou louco!  
Não pôde ser, Deus do ceu !  
Porém verdade, verdade,  
não deve entrar um estranho  
assim com tanto arreganho,  
com tamanha liberdade  
em casa de uma pessoa  
que não conhece ! Elle entrou,  
e « Valentina ! » gritou !  
Havia de entrar á toa ?  
sem que por ella estivesse  
auctorisado ? Não vê !  
Ah ! compadre, que você,  
si não tem razão, parece....

*Fica pensativo. Senta-se no sofá.*

## SCENA V

CARVALHO, SOUZA.

SOUZA, *entrando pela esquerda, segundo plano, e indo a*  
*Carvalho.*

(*Aparte*)  
Donde estão os teus brilhantes  
nem mil mulheres os tiram !  
Do bolso meu não saíram ;  
é bom que os julgue distantes  
pelas duvidas.... (*Alto*) Então ?  
Que tens, que estás pensativo?...  
dessa tristeza o motivo  
ou os motivos quaes são ?  
Dar-se-á caso que o remorso  
dos teus negros peccadilhos  
contra a esposa e contra os filhos  
escarranchou-se-te ao dorso ?  
Serão saudades pungentes  
daquelles que tanto adoras ?  
Como elles choram já choras ?  
O que elles sentem já sentes ?  
Ou simplesmente suspeitas  
são de que verdade era  
quanto disse da megera  
por quem a perder te deitas ?

CARVALHO, *erguendo a cabeça.*

Não é nada.



SOUZA.

Dentro em pouco,  
succede à melancolia,  
que o teu semblante annuvia,  
um contentamento louco !

*Approximando-se de uma das janellas e entre-abrindo a cortina  
com a bengala.*

A recrudescer começa  
o movimento das ruas (*Consultando o relogio*)  
Já passa um quarto das duas. (*Olhando para a rua*)  
Compadre, vem cá depressa !

CARVALHO, *erguendo-se e approximando-se de Souza.*

O que é ? !

SOUZA, *apontando para a rua.*

Vês alli parado  
aquelle sujeito... Aquelle... ?  
Pois é o chichisbeu !

CARVALHO, *como reconhecendo.*

E' elle ?...

SOUZA.

Vaes ver si estou enganado,  
ou si é certo o que te disse !  
Has de ficar c'uma cara...

CARVALHO, *olhando para a rua.*

Lá vem Valentina ; pára ;  
conversa com elle ; ri-se !  
Parece que elle lhe conta  
a aventura de inda ha pouco...

SOUZA.

Que aventura ?...

CARVALHO.

Que descoco !  
Para este lado elle aponta.

SOUZA, *que tem observado.*

Espera ! Si não me engano,  
é a senhora do retrato !

CARVALHO.

Quem ? aquella ? (*Apona*)

SOUZA.

Exacto ! exacto !

Não é chichisbeu : é mano !

CARVALHO.

Que é Valentina te digo !

SOUZA.

Valentina ! Valentina !

Ella chama-se Joaquina  
e é irman do tal amigo.*Tirando Carvalho pelo braço.*

Depressa ! Esconde-te cá !

Por detraz desta cortina.

si é Joaquina ou Valentina,  
verás !*Faz com que Carvalho se colloque atraz da cortina da outra  
janella. Olhando para a rua.*Ellesahi vêm já ! (*Indo para a outra janella*)

Eu aqui tambem me escondo.

Não faças rumor !

CARVALHO, escondido.

Descança.

SOUZA.

Deixa, que a nossa vingança  
ha de aqui fazer estrondo !

CARVALHO, pondo a cabeça de fora.

Mas o que queres que eu faça ?

SOUZA.

Si ver tudo não poderes,  
ao menos ouve !

CARVALHO.

Ah ! mulheres !...

SOUZA, abrindo a cortina com repugnancia.

Pegar nisto ! Que desgraça !

CARVALHO.

E' preciso ser malvada,  
p'ra que esta moça me illuda :  
tantas provas dei...



SOUZA.

Caluda!  
que sinto passos na escada.  
*Desapparecem ambos.*

## SCENA VI

CARVALHO, SOUZA, escondidos, VALENTINA,  
depois GUSTAVO.

VALENTINA, *entra pela esquerda, segundo plano, e começa a procurar Carvalho.*

Carvalho! Joaquim Carvalho!  
Quincas! Quincas! Carvalhinho!

*Entra, procurando sempre, na direita, primeiro plano.*

CARVALHO, *a meia voz, pondo a cabeça de fóra.*

Que diz a isto, visinho?

SOUZA, *no mesmo.*

E' preciso tempo; dá-lh'o. *(Escondem-se*

VALENTINA, *volta e, convencida de que está só, vae á porta da esquerda, segundo plano, e diz para fóra:*

Pódes vir, que foi-se embora. *(Vem sentar-se)*  
Fecha a porta á chave. *(Gustavo entra)*

CARVALHO, *aparte.*

E' elle.

GUSTAVO.

Então foi-se embora aquelle  
'stupido?

CARVALHO, *na janella, aparte.*

Heim?

VALENTINA.

Foi-se.

GUSTAVO.

Inda agora  
estava elle aqui.

VALENTINA.

Já sei....

Já me disseste.... Mas, vamos....

GUSTAVO.

Lá vou.

VALENTINA.

Tempo não percamos.

GUSTAVO, *sentando-se em uma cadeira.*

N'uma villa em que eu andei,  
hospedou-me um fazendeiro  
que se chama João de Souza ;  
typo que deve ter coisa  
de cem contos em dinheiro.  
Tem uma filha bem bôa ;  
tivemos logo um derriço  
pequeno...

VALENTINA.

Não passou disso ?

GUSTAVO.

Nada ! Ha coisa que mais'dôa  
do que uma carga de pau ?  
— O pae, que não é simplorio,  
deu-me a entender que o casorio  
não tinha nada de máu.  
Não reflecti um momento....

SOUZA, *aparte.*

Mas eu é que reflecti !

GUSTAVO.

E incontinenti pedi-  
lhe a pequena em casamento.

VALENTINA.

Mas isso não vem ao caso....

GUSTAVO.

Do resto vou pôr-te ao facto :  
eu levava o teu retrato  
comigo, por mero acaso.  
O velhote estava um dia  
a meu lado, e viu nas malas....  
(Eu estava a desarrumar-as....)  
.... a tua photographia.  
Quiz saber logo quem era !



Imagina o que lhe disse!  
— Fôra de certo tólice  
fallar verdade.

VALENTINA.

Podéra!  
Na tua situação!

GUSTAVO.

Que eras minha irman viuva....

VALENTINA.

Tira o cavallo da chuva!  
Pois lhe disseste isso?...

SOUZA, *aparte*.

Cão!

GUSTAVO.

O velho achou-te uma flôr!  
Muitos elogios fez-te!  
Emfim, tu nunca tiveste  
mais sincero admirador!

VALENTINA.

Finalmente.... o que conclues?

GUSTAVO.

O que conclúo? Essa é bôa!  
Que do velho na pessoa  
raro thesouro possues!  
Armamos-lhe um forte logro!  
Elle suppõe que és honesta:  
casa-se contigo.

CARVALHO, *aparte*.

E esta?...

GUSTAVO.

Por esse tempo é meu sogro.  
Liquidamos o que houver (*Acção de furtar*)  
e fugimos para a America!  
— Que tal esta idéa?

VALENTINA.

Homerica!

GUSTAVO.

E' um paiz como se quer  
a Amer'ca! De lá passamos  
à Italia, à França, à Allemanha,

á Suissa, á Austria, á Hespanha!  
Todo o mundo visitamos!  
Quando voltarmos, ninguém  
de nós se lembra; descança...

VALENTINA.

Só de ser rica a lembrança,  
não sei porque, faz-me bem.

CARVALHO, *aparte*.

Custa-me a crer!

GUSTAVO.

Mas que dizes?

Si tomas conta do pae  
e a filha nas mãos me cae,  
seremos muito felizes!  
Eu, que desveladamente  
faço a tua f'licidade,  
batendo toda a cidade,  
buscando quem te frequente,  
venho trazer-te a ventura,  
a independencia, talvez!

VALENTINA.

Mas trata-se desta vez  
de uma arriscada aventura!

GUSTAVO.

Que tem que seja arriscada?  
Somos alguns trapalhões?  
Já pensei nas precauções  
que exige a empresa arrojada  
Minha irman viuva morreu:  
pódes bem passar por ella,  
e o que foi marido della  
passa por marido teu.  
Mudas de nome, isso sim!  
Em logar de Valentina,  
tu ficas sendo Joaquina.  
Ella chamava-se assim.

*Batem á porta da esquerda, segundo plano.*

VALENTINA.

Quem bate? (*A Gustavo*) Vae para a sala  
de jantar. Já lá vou ter.

*Gustavo sae pela direi'a, segundo plano. Valentina abre a porta.  
Entra o joalheiro.*

Ah! é o senhor!



## SCENA VII

CARVALHO, SOUZA, escondidos, VALENTINA,  
o JOALHEIRO.

O JOALHEIRO.

Vim trazer  
o seu recibo. Esperal a  
não pude, que o fazendeiro  
estava aqui.

VALENTINA.

Bem ; dê ca.

*O joalheiro dá-lhe o recibo, que ella lê.*

O JOALHEIRO.

'Stá tudo conforme ?

VALENTINA.

Está !

*Tirando um maço de notas da bolsa e dando-lh'as.*

Aqui tem o seu dinheiro.

O JOALHEIRO, depois de contar as notas.

Dois contos. Está exacto. (*Guardando-as*)  
Muito obrigado. — A menina  
fez um negocio da China !  
Por um preço tão barato  
nunca brilhantes daquelles  
ninguem possuio !

VALENTINA.

Lamento  
que aquelle tolo e avarento  
não pagasse tudo !

O JOALHEIRO.

E elles,  
os brilhantes ? Já lh'os deu  
o fazendeiro ?

VALENTINA.

Inda não ;  
mas não tarda abi.

SOUZA, *aparte.*

Ladrão !

O JOALHEIRO.

Pois aproveite-o.

CARVALHO, *aparte*.

Judeu!

O JOALHEIRO, *apertando-lhe a mão como para retirar-se*.  
Si os brilhantes quer vender....

VALENTINA.

Por quanto?

O JOALHEIRO.

Por cinco contos....

VALENTINA, *pensando*.

Ganho tres.

O JOALHEIRO, *deixando de apertar-lhe a mão e batendo no bolso*  
Já cá estão promptos;  
si quizer, é só dizer....

VALENTINA, *pensando*.

Não é má idéa, não....  
(Resoluta) Vou consultar com Gustavo....  
Espere-me um pouco....  
*Sae pela direita, segundo plano.*

## SCENA VIII

SOUZA, o JOALHEIRO, CARVALHO.

O JOALHEIRO, *que se julga só*.

Bravo!

Um conto de pé p'ra mão!

SOUZA, *sahindo do seu esconderijo e tomando o braço do joalheiro*.

Passe já para cá os cinco contos! Já!...  
Não pense! não reflecta! A joia, eil a aqui está!

*Tira a joia da algibeira e arremessa-a aos pés do joalheiro.*

O JOALHEIRO, *attonito, apanhando a joia*.

Mas, senhor....

CARVALHO, *da cortina*.

Não recuse! Em flagrante delicto



por crime preso está de estellionato !

*Puxando um apito. a Souza.*

Apito ?

SOUZA.

Não apites ! não ! — Já os cinco contos de réis !  
E dê-se por feliz que não lhe peço os seis !

O JOALHEIRO, *a Carvalho.*

Mas vossa senhoria hade passar recibo !

*Dá dinheiro a Souza.*

CARVALHO.

Eu dou-lhe o seu. Cá está ! (*Du-lh'o*)

*SOUZA, tendo verificado o dinheiro.*

E olhe que o prohibo  
de estar mais tempo aqui ! Já ! Rua !

*O joalheiro sae pela esquerda, segundo plano.*

CARVALHO.

Muito bem !

SOUZA.

Esconda-se, compadre : os ladrões ahi vêm.

## SCENA IX

CARVALHO, SOUZA, escondidos, VALENTINA,  
GUSTAVO.

VALENTINA, *entrando pela direita, segundo plano, acompanhada  
por Gustavo.*

Já cá não está !

GUSTAVO.

Foi-se embora ?

VALENTINA.

Arrependeu-se talvez....

GUSTAVO.

Pois olha : mesmo por tres  
é negocio.

SOUZA.

Nós agora!...

*Salta do esconderijo e agarra Gustavo pelo pulso.*  
Grandicissimo cachorro!

CARVALHO, *o mesmo com Valentina.*  
Canalha! corja! canalha!...

SOUZA, *agitando a bengala.*  
Vaes ver como isto trabalha!

CARVALHO.

Pede já perdão!

VALENTINA, *caindo de joelhos.*  
Socorro!...

CARVALHO, *cruzando os braços.*  
Pois lucrei com a minha vinda aqui!

SOUZA.

Com que, tua irman  
é uma torpe barregan,  
e tu és mais torpe ainda!  
Apanha! (*Dá-lhe com a bengala*)

GUSTAVO, *esquivando-se.*  
Senhor!

SOUZA, *perseguido-o e dando-lhe.*  
Apanha!...  
Toma! Toma!

GUSTAVO, *no mesmo.*

Ai! Quem me acode?!

CARVALHO, *a Valentina que se ergue.*  
Sem vergonha!

SOUZA, *como acima.*  
Apanha, bode!  
*O joalheiro entra pela esquerda, segundo plano, e interpõe-se.*

CARVALHO.

Pouco vergonha tamanha  
nunca se viu!



O JOALHEIRO, *apartando Souza e Gustavo.*

O que é isto ?

SOUZA.

Deixe matar este cão !

CARVALHO, *a Gustavo.*

Que é do doutor Perdigão ?

O JOALHEIRO.

Que fez o pobre de Christo ?

VALENTINA, *como ferida de uma idéa subita.*

E a joia ? !

*Cae desmaiada em uma cadeira. Souza e Carvalho dão o braço e descem a scena. Gustavo corre para Valentina, e, vendo que está desmaiada, sae pela direita, primeiro plano. Saída falsa. O joalheiro fica ao fundo, como apreciando.*

SOUZA, *a Carvalho.*

'Stá satisfeita  
de todo a nossa vingança !  
Partamos sem mais tardança !

CARVALHO.

E, compadre, a conta feita,  
saio com o cobre que trouxe.

SOUZA.

Eu sinto um prazer estranho ;  
mas hei de tomar um banho  
quando sahir deste alcouce.

GUSTAVO, *volta com um frasquinho que faz aspirar a Valentina.*

Valentina !

SOUZA, *ao publico.*

O exemplo importe  
da estranha aventura nossa,  
não só aos tolos da roça,  
como aos espertos da côrte.

---



Não quero fechar este folheto, sem deixar público o meu eterno agradecimento—, a Emilia Adelaide, a festejada actriz, empreadora do S. Luiz, pelo delicado acolhimento que se dignou fazer á *Joia*,—e aos generosos e distinctos artistas, que tomaram parte na representação, pela bôa vontade com que se houveram no desempenho dos respectivos papeis.

A. A.

---



# LIVRARIA DE SERA FIM JOSÉ ALVES

83 RUA SETE DE SETEMBRO 83

Rio de Janeiro

|                                        |        |                                           |        |
|----------------------------------------|--------|-------------------------------------------|--------|
| Amores de Antonico Juca s. c..         | 200    | Filho (o) do ministro, com. em            |        |
| Amante(o) das harmonias, s. c...       | 200    | 1 acto.....                               | 500    |
| Antes quebrar do que torcer, dr.       | 1\$000 | Filhos (os) do inferno, dr. em            |        |
| Amores de Paris, dr.....               | 1\$000 | 5 actos.....                              | 1\$000 |
| Amores de Roberto, dr.....             | 1\$000 | Fatalidades da vida, dr. em 4 a.          | 1\$000 |
| Beata de mantilha, com.....            | 500    | Filho (o) extravagante, ou lições para os |        |
| Caminho (o) para o céu ou trabalhos do |        | paes, com. em 3 actos.....                | 1\$500 |
| christão, dr.....                      | 1\$000 | Fechamento (o) das portas, farça.         | 1\$000 |
| Chales de cachemira verde, com.        | 1\$000 | Filhos (os) dos tres leitos, dr.          |        |
| Cavalleiro (o) Theotonico ou a freira  |        | em 5 actos.....                           | 1\$000 |
| de Mariemburg.....                     | 1\$000 | Falso (o) heroismo, com. em 3 a.          | 500    |
| Cornelia.....                          | 500    | Familia (a) dos Possidonios,              |        |
| Correspondencia, s. c.....             | 200    | com. em 1 acto.....                       | 500    |
| Carlos, dr. em 4 actos.....            | 2\$000 | Festim ou a mulher estrava-               |        |
| Club Godipan, com.....                 | 500    | gante.....                                | 1\$000 |
| Canto do Salteador, sec. dr.....       | 200    | Fausto, dr. de Goethe.....                | 1\$500 |
| Cometa (o) e o fim do mundo, s. c.     | 200    | Figuras (a) de cera, com.....             | 500    |
| Carta de Domingos Manoel Mendes ao     |        | Festas e bonitas, com em 1 acto.          | 500    |
| José do Capote, s. c.....              | 200    | Familia (a) de Moraux, dr.....            | 1\$000 |
| Casa de duas portas é má de guardar    |        | Filha (a) do administrador, com.          |        |
| dr.....                                | 1\$500 | em 3 actos.....                           | 1\$000 |
| Cioso (o) em 3 act.....                | 1\$000 | Fugido (o) da Bastilha, dr.....           | 1\$000 |
| Carestia (a) dos alimentos, s. c.      | 200    | Fernão Teles ou a primeira expedição      |        |
| Costureira (a) com.....                | 500    | a Ceuta, dr.....                          | 2\$000 |
| Casamento (o) clandestino.....         | 1\$000 | Francisca de Rimini, trag.....            | 500    |
| Dois renegados, dr.....                | 1\$000 | Fidalgas (as) de Pontalec, com.-          |        |
| Dois sargentos, dr.....                | 1\$000 | dr.....                                   | 1\$500 |
| Dois atraz de uma, com.....            | 1\$000 | Falta (a) de mudos, com.....              | 500    |
| Dois surdos, com.....                  | 1\$000 | Grã (a) duqueza, com.....                 | 1\$000 |
| Diabo (o) atraz da porta, com..        | 500    | Gaiato (o) de Lisboa, dr. em              |        |
| Desencantos, por Mac. de Assis.        | 500    | 2 actos.....                              | 1\$000 |
| Estranguladores no Pará, dr....        | 2\$000 | Grêve (a) dos Srs. Barbeiros, poesia      |        |
| Egas Muniz, dr.....                    | 1\$000 | comica.....                               | 200    |
| Escravo (o) fiel, dr.....              | 1\$000 | Gil Braz de Santilhana, com.-dr. em       |        |
| Estatuario, scen. dr.....              | 200    | 3 actos.....                              | 1\$500 |
| Estatua (a) amazonica, com....         | 1\$500 | Gravata (a) branca, com. em               |        |
| Embirro muito commigo, poe.            |        | 1 acto.....                               | 500    |
| com.....                               | 200    | Guerras do alecrim e da mangerona,        |        |
| Emigrante, (o) sen. com.....           | 200    | com. em 2 actos.....                      | 1\$500 |
| Engeitado (o) com.....                 | 1\$000 | Galucho (o) ou amor e gloria, far. em     |        |
| Extremos (os) com. dr.....             | 1\$000 | 2 actos.....                              | 1\$000 |
| Enviado (o) de Roma, com.....          | 500    | Gloria (a) da marinha brasileira, scen.   |        |
| Encontrei-o afinal, com.....           | 1\$000 | dr.....                                   | 500    |
| Em noite de S. João, com.....          | 500    | Grandes aillições de um esposo, com.      |        |
| Esposa de além tumulo, dr.....         | 500    | em 1 acto.....                            | 500    |
| Eleições (as).....                     | 500    | Gabriel e Lusbel, (milagres de Santo      |        |
| Engajamento na cidade do Porto         | 1\$000 | Antonio).....                             | 600    |
| Episodios de um noivado, dr....        | 1\$000 | Galileu, dr.....                          | 1\$000 |
| Evangelho e Syllabus, dr. em 5         |        | Homem (o) da mascara negra, dr.           | 1\$000 |
| actos de Rangel de S. Paio...          | 2\$000 | Henrique o Justiceiro, dr. em 2 ac-       |        |
| Fui ver a Grã-Duqueza, s. c....        | 200    | tos.....                                  | 1\$500 |



# LIVRARIA

DE

## SERAFIM JOSÉ ALVES

83 RUA SETE DE SETEMBRO 83

Rio de Janeiro.

|                                                            |        |                                                                        |        |
|------------------------------------------------------------|--------|------------------------------------------------------------------------|--------|
| Homens (o) que riem, com. em 3 actos.....                  | 1\$500 | Lusitano (os) trag. em 5 actos.                                        | 1\$000 |
| Homem (o) pardo, com. em 3 actos.....                      | 1\$000 | Meninos grandes, com. em 3 act.                                        | 1\$000 |
| Hade servi-me a lição, com. em 2 actos.....                | 500    | Medea.....                                                             | 500    |
| Hamleto, trag. em 5 actos.....                             | 1\$000 | Marquez de Pombal (o) ou vinte annos de sua administração, dr.....     | 1\$000 |
| Homem (o) da mascara de ferro, dr. em 5 actos.....         | 1\$500 | Montezuma, rei do Mexico, ou os combates de odio e amor, dr.....       | 500    |
| Homem dos sete officios sen. com.                          | 200    | Morte (a) de Calimbão.....                                             | 400    |
| Hora (a) do crime, dr. em 1 acto                           | 500    | Mithridates.....                                                       | 500    |
| Hypolito, trg. em 5 actos.....                             | 500    | Mudo (o) com. em 5 act.....                                            | 1\$000 |
| Homens (os) sérios, dr. em 4 actos                         | 1\$000 | Mania Franco-prussa, com.....                                          | 400    |
| Herança (a) do Barbadão, dr. em 3 actos.....               | 1\$000 | Marido (o) da viuva, com. 1 acto de A. Dumas.....                      | 500    |
| Herança (a) do chanceller dr. em actos.....                | 1\$500 | Matar-se... para casar, com....                                        | 500    |
| Horis (nas) das consultas com. em 1 acto.....              | 500    | Mundo (o) é assim, com.-dr....                                         | 500    |
| Iphigenia em Tauride.....                                  | 500    | Manceiros (os) da desgraça, dr... 1\$000                               |        |
| Inglez (os) no Brazil, com. em 2 actos.....                | 1\$000 | Marido (o) no prego, com.....                                          | 500    |
| Inglezes (os) na costa, com. em 1 acto.....                | 1\$000 | Morgado (o) de Fafe amoroso... 1\$000                                  |        |
| Infortunio (o) de um fiel da armada, com.-dr. em 2 actos.. | 1\$000 | Morgado (o) de Fafe em Lisboa.. 1\$000                                 |        |
| Intimos (os) com. em 4 actos... 1\$000                     |        | Mãe, dr. de J. Alencar. ....                                           | 1\$000 |
| Ivanhoe, dr. em 5 actos.....                               | 2\$000 | Mysterio (um) de familia, dr... 1\$000                                 |        |
| Jogador, com. em 5 actos.....                              | 1\$000 | Morte (a) do Gallo, com.....                                           | 500    |
| Julia, dr. em 3 actos.....                                 | 1\$000 | Manoel d'Abalada, s. c.....                                            | 200    |
| Jogo dos Bancos ou a febre das acções com. em 2 actos..... | 500    | Meu (o) amigo Banana, s. c....                                         | 200    |
| João o Britador, dr. em 5 actos.                           | 1\$000 | Maridos (os) são escravos.....                                         | 1\$000 |
| Julieta, dr. em 4 actos.....                               | 2\$000 | Maldito (o) scen. dr.....                                              | 200    |
| Joven emigrado portuense, dr.. 1\$000                      |        | Mestre Joaquim, s. c. ....                                             | 200    |
| Judas (o) em sabba lo de allaluia                          | 500    | Mar beth, tragedia.....                                                | 1\$000 |
| Juarez, dr.....                                            | 1\$500 | Nova Castro, trag.....                                                 | 500    |
| Lucrecia, trag. em 5 actos. ....                           | 500    | Orphã (a) sen. dr. por Vasques                                         | 200    |
| Livro (o) negro, dr. em 5 actos.                           | 1\$000 | Orgulho (o) do dinheiro, com. em 2 actos.....                          | 500    |
| Louros da mocidade, com. em 1 acto.....                    | 1\$000 | Octavio, trag. em 5 actos.....                                         | 500    |
| Legado (o), com. em 1 acto... 500                          |        | Olgiato, trag. de aMgalhães....                                        | 1\$500 |
| Luiza e Marçal, dr. em 2 actos.                            | 1\$000 | Orpheu na cidade, pelo Vasques.                                        | 1\$000 |
| Livro (o) de orações, com.-dr. em 3 actos.....             | 1\$500 | Orpheu na roça, pelo Vasques..                                         | 1\$000 |
| Lições para maridos, com. em 3 actos.....                  | 2\$000 | Orpheu nos Infernos.....                                               | 1\$000 |
| Lanterna (a), com. em 1 acto... 500                        |        | Prophecia (a), ou a queda de Jerusaleu, dr. em 5 actos.....            | 2\$500 |
| Lagrimas perdidas dr. em 1 acto.                           | 1\$000 | Primo (o) da California, opera em 2 actos.....                         | 500    |
| Ladrão (de) a barão, dr. em 5 actos.....                   | 1\$500 | Pupila (a) dos negros nagôs, ou a força do sangue, dr. em 3 actos..... | 1\$000 |
|                                                            |        | Pagem (o) rei, com. em 1 acto..                                        | 500    |
|                                                            |        | Peccados velhos, com. em 1 acto                                        | 1\$000 |
|                                                            |        | Por causa de uma mulher, com.                                          | 500    |
|                                                            |        | Pupilas (as) do Sr. Reitor, com. em 5 actos.....                       | 1\$000 |
|                                                            |        | Protocolo (o), com. em 1 acto.                                         | 1\$000 |



BIBLIOTHECA THEATRICAL

A

# PRINCEZA DOS CAJUEIROS

OPERA COMICA EM 1 PROLOGO E 2 ACTOS

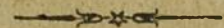
POR

ARTHUR AZEVEDO

MUSICA

DE

F. DE SÁ NORONHA



RIO DE JANEIRO

Typ. da — **Escola** — de Serafim José Alves — Editor

**83** — Rua Sete de Setembro — **83**

1880



# PERSONAGENS

## DO PROLOGO

|                                       |            |
|---------------------------------------|------------|
| EL-REI CAJU (*).....                  | GUILHERME  |
| DOUTOR ESCORREGA, medico do paço..... | VASQUES    |
| NHECO, mestre de cerimonia.....       | PINTO      |
| MARCOS, pescador.....                 | FELIPPE    |
| VIRGINIA, mulher do povo.....         | HERMINIA   |
| UM PAGEM.....                         | M. PERUCHI |
| UMA ENFERMEIRA.....                   | MATHILDE   |

Conselheiros, ministros, fidalgos, cortezaes, damas do paço e amas de leite.

## DOS DOUS ACTOS

|                                            |             |
|--------------------------------------------|-------------|
| PRINCEZA DOS CAJUEIROS.....                | ROSA VILLIO |
| PAULO, pescador.....                       | J. DELMAY   |
| DUQUEZA DA GUARDA VELHA.....               | HERMINIA    |
| PETRONILHA, } mulheres do povo.....        | MATHILDE    |
| THEREZA }                                  | IZABEL      |
| EL-REI CAJU.....                           | GUILHERME   |
| BARÃO DO BOM-SUCCESSO, medico do paço..... | VASQUES     |
| NHECO, mestre de cerimonia.....            | PINTO       |
| MARCOS, pescador.....                      | FELIPPE     |
| O ADVOGADO DA DEFEZA.....                  | LEAL        |
| O ADVOGADO DA ACCUSACÃO.....               | ANDRÉ       |
| 1.º MINISTRO.....                          | LISBÔA      |
| 2.º MINISTRO.....                          | ADELINO     |
| 3.º MINISTRO.....                          | MACHADO     |
| 4.º MINISTRO.....                          | ADELAIDE    |
| UM LACAIO.....                             | VICENTE     |

Pescadores, gondoleiros, fidalgos, damas, lacaios, guardas, etc.

A scena passa-se na ilha (imaginaria) dos Cajueiros, os d  
ultimos actos vinte annos depois do prologo.

*Ensaaiador, Jacintho Heller. Regente da orchestra, Henri  
de Mesquita. Scenographo, Julio de Abreu.*

(\*) O nome de Cajú foi substituido na representação p  
de Tatú. Essa mudança foi suggerida por mal entendid  
ainda que delicados, escrupulos do digno empresario da Ph  
Dramatica.



# A PRINCEZA DOS CAJUEIROS

## PROLOGO

Sala de gosto antigo e exquisito. Duas portas á direita e duas á esquerda. No fundo um arco em toda a largura da sala. Depois do arco uma grade, aberta no centro, para dar passagem para um bosque por uma escaza que não se vê. A' esquerda um sofá.

## SCENA PRIMEIRA

CORTEZÃOS, depois o DOUTOR ESCORREGA, depois UM PAGEM, depois EL-REI CAJU e sua comitiva.

### INTRODUÇÃO

CÔRO DE CORTEZÃOS.

Contentes, contentes,  
Nós vamos ficar!  
Ferventes, ferventes,  
Sabemos amar  
A belia rainha  
Que o céu  
Nos deu,  
E que, coitadinha!  
Stá p'ra dar á luz

Um filho que ha de ser um principe de truz!

DOUTOR, (*apparecendo á porta dos aposentos da rainha, á meia voz.*)

Senhores, não façam tamanho barulho,  
Que nada de novo por ora não ha....

CORTEZÃOS, (*á meia voz.*)

Pois bem ! não façamos tamanho barulho,  
Que nada de novo por ora não ha....



DOUTOR.

Senhores, estamos a quinze de julho ;  
Ha já nove mezes que.... tra la ra la !

CÔRO.

Tra la ra la,  
Tra la ra la,  
Ha já nove mezes que.... tra la ra la !

DOUTOR, (*descendo á scena.*)

COPLAS.

I

Eis o doutor Escorrega,  
Do paço medico mór,  
Que os doentes se encarrega  
De mandar para melhor.  
Eis o doutor Escorrega !  
No bem da humanidade os dias seus emprega !

CÔRO.

Eis o doutor Escorrega !  
No bem da humanidade os dias seus emprega !

DOUTOR.

II

Ha quatro mezes somente  
Da Academia sahi :  
Já matei radicalmente  
Cinco ou seis typos d'aqui !  
Eis o doutor Escorrega ! etc., etc.

(*Declamando.*) Viram o medico do paço ? Vejam agora o  
paço do medico ! (*Dansa um burlesco sapateado durante  
o seguinte côro.*)

CÔRO.

Ah ! Ah ! Ah ! Ah !...  
Quem mais burlesco,  
Quem mais grotesco  
Será ? será ?...  
Passo indecente !  
De rir á gente  
Vontade dá !  
Ah ! Ah ! Ah ! Ah !...

(*Findo o côro, entra o pagem a correr.*)



PAGEM.

Limpem fatos  
E sapatos,  
Que ahí vem el-rei !

*(Cada um dos cortezãos tira uma escova do bolso : limpam-se uns aos outros.)*

CORTEZÃOS.

Zas ! Traz ! Zas !  
Traz ! Zas ! Traz !  
Fatos limpos e sapatos !  
Que ahí vem el-rei !

PAGEM.

Vim prevenir-vos depressa,  
Mal que o avistei !

CORTEZÃOS, *(a escovarem-se.)*

Pressa ! pressa ! pressa ! pressa !  
Que ahí vem el-rei !

*(Apparece ao fundo numerosa e luzida comitiva que precede El-rei, que vem acompanhado de couteiros, trazendo petrechos de caça.)*

MARCHA E CÔRO GERAL.

Praça ! Praça !  
Praça, porque aqui está  
El-rei que vem da caça !  
Toca trombeta : tra la ra !  
EL-REI, *(á bocca de scena.)*

COPLAS.

I

Eu sou o rei mais pandigo,  
Um rei sou de mão cheia !  
Pareço um rei de magica,  
Por ser original !  
Por isso os meus bons subditos  
Não fazem cara feia....  
P'ra rei de opera comica  
Não estou de todo mal !  
Tur lu tu tu,  
Tur lu tu tu,  
Ora aqui está el-rei Caju !



EL-REI.

## II

No meu paiz esplendido  
E' tudo monarchista !  
Ninguem falla em republica,  
Ninguem diz mal de mim !  
Si acaso algum sacrilago  
Quizer metter-me a crista,  
Irá para o patibulo,  
Pois.... eu cá sou assim !  
Tur lu tu tu,  
Etc. etc.

CÔRO.

Tur lu tu tu,  
Etc., etc.

EL-REI.

(*Aos cortesãos, que desde a sua entrada têm-se inclinando bastante.*) Levantar cabeças ! (*Perfilam-se.*) Doutor, dou-te a honra de dizer que venho da caça.

DOUTOR.

A caça é o rei dos prazeres e o prazer dos reis !

EL-REI.

Foi uma caçada real !

DOUTOR.

O que matou ?

EL-REI.

Um veado.

DOUTOR.

Teve medo ?

EL-REI.

Não. — Estou satisfeitiíssimo com os meus couteiros ! (*A' comitiva.*) Na proxima fornada, hei de fazer-vos barões, marquezes, conselheiros, coroneis da guarda-nacional, etc. Sois optimos caçadores ! (*Inclinam-se.*) Levantar cabeças ! (*Perfilam-se.*) Que novas me dás do estado de sua magestade a rainha, ó doutor ?



DOUTOR.

O estado de vossa real esposa é o mais satisfactorio possível. Ha todas as probabilidades de um parto feliz. Conto que dentro de meia hora terá vindo á luz do dia o dono ou dona desta prenda! (*Pega na corôa do rei.*)

EL-REI.

(*Zangado.*) O dono ou dona? (*Naturalmente.*) Dá cá a corôa, doutor. .. (*De mau humor, deitando a corôa.*) Pois não tens certeza de que a creança é do sexo feminino? Ha nove mezes te ordenei que empregasses toda a tua sciencia, além de que não seja varão, e sim varôa, a primicia do meu feliz matrimonio !

DOUTOR.

Suppuz que fosse gracejo....

EL-REI.

Gracejo ! pois eu gracejo com os meus vassallos !

DOUTOR.

Relevae vos diga que a sciencia, por isso mesmo que é a sciencia, submete-se aos phenomenos communs da natureza.

EL-REI.

Falla claro.

DOUTOR.

Si o filho não tiver de ser uma filha, nem vossa magestade, nem eu, nem a sciencia em peso....

EL-REI.

Então para que se inventaram as invenções? Para que diabo cursaste dez largos annos a universidade, donde sahiste ha quatro mezes somente....

DOUTOR, (*cantando sem musica.*)

Ha quatro mezes somente  
Da Academia sahi ...

TODOS, (*idem.*)

Já matou radicalmente  
Cinco ou seis typos d'aqui !

EL-REI.

Silencio ! (*Inclinam-se.*) Levantar cabeças ! — Pois não podes arranjar uma droga que obtenha o desejado effeito ?

DOUTOR.

Vossa magestade pede....

EL-REI.

Não peço : mando !

DOUTOR.

Manda um impossivel !

EL-REI.

Posso, quero e mando !

DOUTOR.

Senhor....

EL-REI.

Quero, mando e posso !

DOUTOR.

Mas....

EL-REI.

Mando, posso e quero !

DOUTOR.

Desta vez, vossa magestade póde querer, póde mandar, mas não póde poder !

EL-REI.

Olha que sou teu rei !

DOUTOR.

E eu o mais respeitoso dos vossos subditos !

EL-REI.

Obrigado.

DOUTOR.

Não ha de que ... O nascimento, real senhor, é questão de mero acaso ; nós nascemos homens, porque não nascemos mulheres....



EL-REI.

Boa duvida!—Não sei onde estou....

DOUTOR.

Estaes em vossa casa....

EL-REI.

Não sei onde estou, que te não esmurro....

DOUTOR.

Isso é mais facil!

EL-REI.

Senhores, attenção ! Vou deitar decreto ! Decreto verbal !  
(*Inclinam-se todos. El-rei sobe ao sofá.*) Sua magestade el-rei Caju ha per bem decretar ao medico de seu paço real, doutor Escorrega, que, empregando os meios postos a seu alcance por dez annos de Universidade, faça com que sua magestade a rainha dê á luz uma creança do bello sexo. Si succeder que a creança pertença ao sexo barbado, morra por el o referido Escorrega (*Movimento do doutor.*) que assim o tenha entendido. Assignado : Eu ! (*Descendo.*) Levantar cabeças !

DOUTOR.

Reflecti, senhor....

EL-REI.

Já reflecti maduramente.—Ah ! (*Trepando ao sofá e batendo palmas.*) Post-scriptum ! Post-scriptum ! (*Silencio; inclinam-se.*) Si for macho, enforque-se o doutor ; si for femea, faço-o barão de qualquer coisa !

DOUTOR.

Senhor !

EL-REI.

Assim o tenhas entendido ! E bico ! Levantar cabeças !

DOUTOR.

Com que então, desejaes que o fructo do vosso amor....

EL-REI.

O fructo, não : deve ser a fructa !



DOUTOR.

O fructo é prohibido : vá vossa magestade descansado.

EL-REI.

Bem. Assim é que gosto que me fallem. Toca lá estes ossos. (*Apertando-lhe a mão.*) Vê lá : um titulo ou o cadafalso ! (*Aos cortezãos.*) Rua ! rua ! Fazeis muita algazarra, e convem que minha augusta espoza esteja em completo socego.—Doutor, uma princeza ou...,

REPITIÇÃO DO ESTRIBILHO.

Tur lu tu tu,  
Tur lu tu tu,  
Verás quem é el rei Caju !

(*Aos cortezãos.*) Marche !—Vou ver a rainha. (*Entra no quarto da rainha.*)

CÔRO

Tur lu tu tu,  
Tur lu tu tu !  
Oh ! que é ratão el-rei Caju !

(*Os cortezãos saem pela esquerda alta. A comitiva do rei pelo fundo.*)

## SCENA II

DOUTOR

Bonito ! Ou uma princeza ou... tur lu tu tu ! Estou metido em bôa ! Não ha que ver ! o meu soberano é soberanamente tolo ! Tão tolo, que ahi pela ilha, quando alguem faz uma tolice, diz-se : E' uma cajuada ! Persuadir-se o enxovedo de que é a coisa mais natural deste mundo a realisação do seu originalissimo desejo ! O que hei de fazer ? Isto de morrer enforcado aos trinta annos não lembra ao diabo ! E o peor é que a rainha vae dar á luz um menino ! Si fosse menina, a mãe seria accommettida de dores de dentes : não foi. Na Academia ensinaram-me que, quando uma senhora de esperanças, ao subir uma escada, deita sempre em primeiro logar o pé direito, tem uma creança do sexo feminino... Ora, acontece que sua magestade deita sempre no primeiro degráu o pé esquerdo.... Estou aqui, estou enforcado !



SCENA III

O DOUTOR, MARCOS

MARCOS.

(*Apparecendo ao fundo.*) Doutor....

DOUTOR.

Hein?

MARCOS.

Uma palavrinha....

DOUTOR.

Ah! és tu, Marcos? O que queres? Como podeste penetrar aqui?

MARCOS.

Pelo jardim.... Quero....

DOUTOR.

Escolheste mau logar e má occasião.

MARCOS.

Mas é tão urgente...

DOUTOR.

Falla.

MARCOS.

O outro dia morreu o Belisario.... Nós, os outros pescadores, por espirito de classe, fizemos-lhe o enterro e offerecemos uma quantia á viuva, á bôa Thereza, que a despendeu inteiramente com a molestia do filhinho.

DOUTOR.

Um filhinho? De que idade? De que sexo?

MARCOS.

Um menino de tres mezes (*Decepção do doutor.*), que acaba de lhe morrer nas mãos!

DOUTOR.

(*Mais despeitado.*) Ora!—Mas, afinal, o que queres?



MARCOS.

Encarreguei-me de pedir algumas pessoas que concorressem para o enterro da pobre creança; e como o doutor é das que conheço.... e se acha no caso.... não hesitei em introduzir-me no jardim e....

DOUTOR.

Fizeste bem. Toma, e deixa-me. (*Dá-lhe dinheiro.*)

MARCOS.

Agradeço-lhe por mim e por aquella desgraçada! (*Vae saindo pelo fundo.*)

DOUTOR.

Oh, que idéa! Marcos! (*Marcos volta.*) E's ainda homem em quem a gente se possa fiar?

MARCOS.

Conhece-me de creança.

DOUTOR.

Tracta-se talvez da felicidade dessa mulher.

MARCOS.

De Thereza? Ainda bem, pois que o merece, coitada!

DOUTOR.

(*Dando-lhe mais dinheiro.*) Com o que já lá tens, deve dar para o enterro. Leva-lhe esse dinheiro e volta. (*Conduzindo-o ao fundo e apontando para o bosque.*) Logo que voltares, posta-te juncto áquelle cajueiro; em te eu chamando, vem cá. Não digas nada á mulher.

MARCOS.

Está dito. Até logo. (*Sae pelo fundo.*)

## SCENA IV

## o DOUTOR

Tracta-se agora de arranjar uma menina, e substituir por ella o principe, que será confiado á tal Thereza. E' patifaria grossa, mas não o é mais fina mandar-me enforcar! Vamos arranjar uma princeza; não ha tempo a perder. (*Vae a sair; entra o pagem pela esquerda.*)



SCENA V

O DOUTOR, O PAGEM

PAGEM.

Diversas amas de leite esperam ordem para entrar.

DOUTOR.

Que contra tempo !

PAGEM.

Inscreveram-se todas para o concurso annuciado.

DOUTOR.

E sou eu que lhes devo examinar a qualidade do leite, e escolher a melhor ! Isto leva um tempo ! Podia ficar para depois que sua alteza nascesse ! Enfim, mande entrar : esperarão na ante-camara.

PAGEM.

Tomo a liberdade de observar que cada uma das amas de leite traz uma creança.... e isso pôde perturbar....

DOUTOR.

*(Vivamente.)* Traz cada uma uma creança ? Mande entrar tudo ! Mande entrar tudo ! *(A um signal do pagem, que sae, entra pela esquerda um côro de amas de leite, cada uma com a sua creança nos braços.)*

SCENA VI

O DOUTOR, AS AMAS DE LEITE, depois VIRGINIA

CÔRO DAS AMAS.

As amas de leite,  
De leite, de leite,  
Vêm-se apresentar,  
A ver qual se acceite,  
Ou qual se regeite  
P'ra dar de mamar.

DOUTOR.

Deleite, deleite,  
E' ouvil-as cantar!  
Quanta creança!  
Quanta esperança!  
Deixem-me vêr s'estes pequenos  
Gordos estão, pois si não estão,  
Logico é que não convem-nos  
As mães....

AS AMAS.

Pois não ! pois não ! pois não !

DOUTOR, (*examinando as creanças uma por uma, aparte.*)

Este é rapaz—que o leve a breca!—  
Este é rapaz!—Rapaz!—Rapaz!—  
Este tambem!— Tambem! que séca!  
Idem, idem, idem, idem!  
'Stou damnado, não duvidem;  
De alguem morder sou bem capaz!

AS AMAS.

'Stá damnado, não duvidem :  
De alguem morder é bem capaz !

VIRGINIA, (*entrando com uma creança nos braços.*)

Licença para dois!

CÔRO.

Ainda uma !

DOUTOR.

Quem sois?

VIRGINIA.

Senhor, tambem desejo,  
Sem mais tirte, nem mais guarte,  
Do concurso fazer parte.

CÔRO.

No concurso toma parte.



DOUTOR.

Deve inscrever-se....

(Reconhecendo Virginia que levanta o rêu e encara-o.)

Oh! céus! que vejo!

Virginia!

VIRGINIA, (fazendo uma mesura)

Para o servir.

DOUTOR.

Grande escandalo an'te vejo  
No que d'aqui vae sahir....

(A's amas, apontando-lhes a porta da esquerda baixa.)

Senhoras, entrae!

Lá dentro esperae

A decisão que em pouco vae!

AS AMAS.

As amas de leite,  
De leite, de leite  
Lá vão esperar,  
A ver qual se ageite,  
Se ageite, se ageite  
P'ra dar de mamar.

(Saem pela esquerda baixa.)

## SCENA VII

o DOUTOR, VIRGINIA

(Virginia, durante o côro, tem accommodado no sofá a creança que trazia.)

VIRGINIA.

Finalmente!

DOUTOR.

Tua presença assusta-me! Será possível que, affrontando tudo, penetrasses no paço real, para dar-me de viva voz novas edições de teus queixumes?



VIRGINIA.

(*Em tom dramático.*) Perfido! Ha trez annos eras um pobre estudante, que não tinhas onde cahir morto. Onde cahir morto! Que digo eu? Onde cahir vivo!

DOUTOR.

Filha, olha que tenho mais que fazer. Adeus!

VIRGINIA.

(*Agarrando-o pelo fato.*) Espera! vaes livrar o pae da forca?

DOUTOR.

Vou me livrar a mim mesmo, o que é mais serio!

VIRGINIA.

Nesse caso, fica. — Meu pae, honrado velho, vendo que tu nem casa tinhas para morar, e dormias ao relento como um cão sem dono, offereceu-te uma alcova em nossa casa e um talher á nossa mesa. Aceitaste a generosa offerta. Dahi por diante, as tuas olheiras, que as leváras fundas como as de um condemnado, começaram a desfazer-se. As côres rosadas da infancia voltaram-te ás faces, cuja pallidez cadaverica dissiparam. E' que ás horas, que te sobravam de orgias torpes, succederam as noites bem dormidas no concavo tepido de um colchão honesto.

DOUTOR.

(*Aparte.*) Esta rapariga tem muita leitura; foi o que a perdeu.

VIRGINIA.

Ao cabo de tres mezes, disseste-me um dia....

DOUTOR.

Disse-te....

VIRGINIA.

Disseste-me: Amo-te. E o teu amor, mentido n'um olhar estudado, encontrou uma porta escancarada onde devêra encontrar um baluarte inacessivel: amei-te. O resto, tremo de repetil-o.... Meu pae observou-nos e murmurou: Aqui ha coisa.... Chamou-me de parte....



DOUTOR.

E disse-te....

VIRGINIA.

Disse-me: Filha, os teus requebros e medeixes pelo Escorrega que, entre parenthesis, é um farroupilha, podem passar despercebidos a outros olhos que não sejam os de teu pae. Lembra-te de que já não tens mãe, e és o unico penhor de minha felicidade nesta vida. Esquece-te delle e casa com teu primo Bernardino, para quem te destinei de pequena.

DOUTOR.

Estás a perder tempo: sei disso tão bem como tu.

VIRGINIA.

Eu quizéra que uma voz mysteriosa te repetisse a todo o momento essa historia de lagrimas.—Quando saí do quarto de meu pae....

DOUTOR.

Eu disse-te....

VIRGINIA.

Disseste-me: Espera-me no jardim. (*Com exagerado lyrismo.*) E foi lá, ao ciciar da brisa, ao brilho tremulo da lua, que te repeti as palavras de meu pae....

DOUTOR.

(*Aparte.*) Estou aqui, estou enforcado....

VIRGINIA.

Nesse instante, parece que o demonio te inspirou estas palavras: Amo-te, Virginia! Luctar contra a vontade de teu pae, será malhar em ferro frio! Fugamos! Arranjarei um emprego qualquer! Casar-nos-emos! Um dia voltaremos á casa de teu pae e pedir-lhe-emos a sua benção!

DOUTOR.

Que noite aquella!

VIRGINIA.

Fugimos!... Não conseguiste.... não procuraste o emprego, e eu achei quem me dêsse roupa para lavar e engommar. Era d'ahi que eu tirava a subsistencia de nós.



ambos. Todos os dias eu te fallava no nosso casamento, e esta palavra—Veremos—vinha morrer aos meus ouvidos como uma condemnação. Um dia, poucos mezes antes da tua fórmatura, saíste de casa e não appareceste mais ; mas, ó desgraçado ! o que não sabes é que me deixavas no seio o fructo de tua paixão maldicta !

DOUTOR.

O que ouço !. . Essa creança.... (*Corre para a creança.*)

VIRGINIA.

(*Interpondo-se.*) E' tua filha !...

DOUTOR.

Minha filha !... (*Querendo tomar a creança.*) A que sexo pertence ? E' menina ? Deixa-a vêr !

VIRGINIA.

(*Interpondo-se ainda.*) Ouve o resto : ha um mez que veio ao mnudo essa pobre creança....

DOUTOR.

Oh ! não calculas o interesse....

VIRGINIA.

Mentes tu !

DOUTOR.

E onde estavas tu ?

VIRGINIA.

Em casa da Rosa.... uma pobre mulher, que se compadeceu do meu estado.—Dois dias depois do nascimento dessa pobre creaturinha, meu pae me appareceu em companhia do primo Bernardino....

DOUTOR.

E disse-te....

VIRGINIA.

E disse-me : Minha filha, eu sei o que são mulheres e sei o que são homens.... O Escorrega seduziu-te, e tu, com a fraqueza propria de teu sexo e de tua indole romanesca, escorregaste.... Eu te perdôo.... Aqui te trago o primo Bernardino, que já de muito te perdoou tambem.



DOUTOR.

Bravo! bravo! E o que te disse o primo Bernardino?

VIRGINIA.

Disse-me: Virginia, o Escorrega, á vista desta creança, não hezitará em dar-te a mão de esposo.

DOUTOR.

Hein?

VIRGINIA.

Nunca! respondi eu....

DOUTOR.

Ah! respondeste bem....

VIRGINIA.

Prefiro o seu despreso, meu primo; a sua maldicção, meu pae; prefiro a minha desgraça.... Foi nesse instante que o primo Bernardino, illuminado pela auréola sublime da piedade, balbulciou com a voz intercortada pelos soluços: Virginia, eu sou o mesmo que d'antes era! Põe-te fina e tens marido. Amanhan vou mandar correr os banhos!...

DOUTOR.

Sublime! sublime!...

VIRGINIA.

Tu, que tens o coração de pau, não imaginas que scena! Meu pae chorava; eu chorava. Bernardino desviava os olhos para lhe não trahirmos o pranto.... a creancinha chorava....

DOUTOR.

(*Rindo-se.*) Só eu é que não choro, porque já não tenho lagrimas....

VIRGINIA.

Hoje, logo ao amanhecer, o primo Bernardino foi ter comigo....

DOUTOR.

E disse-to....

VIRGINIA.

E disse-me: Minha adorada noiva, já podes sair á rua; estás prompta para outra! Péga nessa creança e vae leval-a ao pae. Ha um bom pretexto para entrares no paço e fallares ao Escorrega: o concurso para o logar de ama de leite do principe ou princeza que está para nascer.

DOUTOR.

Dá-me! dá-me essa creança!...

VIRGINIA.

(*Vae buscar a creança.*) Aqui a tens. (*Vae entregal-a, como que se arrepende e abraça o filho.*)

ROMANZA

I

Que vás, ó penhor querido,  
A sorte o quer, cruel, fatal!  
Vae, que me deixas partido  
O coração meu maternal....  
Adeus, amores meus,  
Talvez p'ra sempre adeus....  
Adeus!...

II

Crescendo, tu não affagues  
Desejos bons de ver-me, oh! não!  
Por tua mãe não indagues,  
Pois quem fui eu não te dirão....  
Adeus, amores meus,  
Talvez p'ra sempre adeus....  
Adeus!

(*Entrega a creança ao doutor, que a examina.*)

DOUTOR.

Uma menina!... Oh! céus! que felicidade!... Virginia, Virginia!... Deixa beijar-te os pés! (*Ajoelha-se aos pés de Virginia.*)



SCENA VIII

o DOUTOR, VIRGINIA, EL-REI

TERCETTO

EL-REI, (*apparecendo á porta dos aposentos da rainha.*)

Bravo, doutor ! Gostei !...

DOUTOR, *aparte.*

Ora bolas ! el rei !...

(*Ergue-se e deita a creancinha no sofá.*)

VIRGINA, *aparte.*

El-rei !...

DOUTOR.

Vossa magestade malicia não deite  
Em ver-me ajoelhado desta moça aos pés:  
Ia examinar-lhe....

EL-REI.

O que ?

VIRGINA.

O que ?

DOUTOR.

O leite ...

VIRGINA, (*aparte.*)

Que diz elle?

EL-REI.

Serve ?

DOUTOR.

E' a melhor das dez.

EL-REI, (*a Virginia.*)

Já que ser a ama  
Da pequena vae,  
Escute o programma  
Que lhe traça o pae :  
Tres vezes são quantas  
De dia dará de mamar,  
E á noite são tantas  
Quantas a pequena chorar.  
Ao ter a pequena  
Quatro mezes já,  
Papas de maizena  
Preparar-lhe-á.

DOUTOR.

Papa de araruta  
Não lhe fará mal,  
Sendo bem enxuta,  
Tendo pouco sal.

EL-REI, (*aparte, depois de olhar muito para Virginia.*)

Que mulher tão galantinha !  
Ai, como olha para mim !  
Quem me dêra que a rainha  
Tivesse uns olhos assim !

JUNCTOS.

EL-REI.

Que mulher tão galantinha !  
Etc , etc.

VIRGINIA.

Oh ! que cara de fuinha !  
Como elle olha para mim !  
Saberei, por vida minha,  
Tudo, tim tim por tim tim !

DOUTOR, (*aparte.*)

Esta pobre creancinha  
Que dorme neste coxim,  
Veio salvar a vida minha,  
Teve compaixão de mim !

EL-REI, (*ao doutor.*)

As outras amas já não são  
Precisas, não !  
Manda-as embora,  
Sem mais demo.a !



VIRGINIA, (*protestando.*)

Então ? Então ?

DOUTOR, (*baixo.*)

Amor, socega :  
De ti depende a salvação  
Do pae da filha do Escorrega !

EL-REI.

Então, doutor ?

DOUTOR.

Lá ! vou, senhor.

(*A' porta da esquerda baixa.*)

Sem mais demora,  
Vinde p'ra fóra !  
Sai  
D'ahi ! ..

EL-REI.

Vão já se embora,  
Tumultuarias,  
Que necessarias  
Não são aqui !

## SCENA IX

O DOUTOR, VIRGINIA, EL-REI, as AMAS DE LEITE.

(*As amas saem a correr uma atraz da outra, passando por entre os tres personagens que se acham em scena, e vão alinhar-se ao fundo.*)

AS AMAS.

Ha muito mais tempo podiam ter dito :  
A gente escusava de estar a esperar !

JUNCTOS.

AS AMAS.

Ha muito mais tempo podiam, etc., etc.

VIRGINIA.

Que caso exquisito !  
Que caso inaudito !  
Ao principe novo vou dar de mamar !

DOUTOR E EL-REI.

Meu Deus, quanta bulha ! meu Deus ! quanto grito !  
Tão alto, senhoras, não devem fallar !

EL-REI.

Leva de rumor !  
Isto para quem doente  
Se sente,  
E' massador !

VIRGINIA.

Aqui anda algum mysterio !

EL-REI.

O doutor pallido está !

DOUTOR.

El-rei me parece serio !

OS TRES.

Hei de vêr o que será !...

*(As amas de leite descem, em linha, á bocca da scena e cantam á meia-voz.)*

AS AMAS.

As amas de leite  
Ao principe novo não dão de mamar....  
S'tavam preparadas com estes brinquedos....

*(Tira cada uma a sua gaita de sopro.)*

Que o principe novo devia estimar.

*(Cada uma tira um accorde da gaita, e saem todas.)*

## SCENA X

O DOUTOR, VIRGINIA, EL-REI

EL-REI.

Como sabes, doutor, não sou homem de sciencia. Mas  
deixa dizer-te: sua magestade a rainha parece que vae  
dar-me um rapaz !

DOUTOR.

Porque, real senhor ?



EL-REI.

Aquelle volume....

DOUTOR.

• Não quer dizer nada, senhor : o que pôde acontecer é que sua magestade dê á luz uma pequena grande !

EL-REI.

Pequena grande !

DOUTOR.

Vossa magestade é um homem robusto... sua magestade a rainha é uma mulherça....

EL-REI.

Mulherça ?

DOUTOR.

A menina, quando nascer, ha de parecer que já tem para ahi um mez !

EL-REI.

Olha que a minha ameaça está de pé ! Não revogo o decreto ! Si nascer uma princeza, serás commendador....

DOUTOR.

Perdão ; mas vossa magestade havia me promettido um baronato.

EL-REI.

Vá pelo baronato.—E si fôr um principe, serás queimado vivo.

VIRGINIA.

Ai !

DOUTOR.

Vossa magestade havia dito que me mandava enforcar.

EL-REI.

Bem, bem : não havemos de brigar por isso. Escolherás a morte. Que morte preferes ?

DOUTOR.

Prefiro morrer de velhice.

EL-REI.

Escolhe outra, não faças cerimoniaes.—A fallar em cerimoniaes: é bom prevenir o mestre dellas. Desejo que a minha augusta chara metade tenha o seu bom successo com todas as formalidades prescriptas.—Vou dar uma volta pelo jardim. Adeus, ó doutor. (*A Virginia.*) Até logo, ó.... Como te chamas?

VIRGINIA.

Virginia, umá sua creada.

EL-REI.

Minha ama.... quero dizer: de minha filha. Ai, gentes! (*Aparte.*) Que olhos! (*Alto.*) Adeus, Virgínia! (*Ao doutor que se inclina.*) Levantar cabeça! (*Desce a escada do fundo, cantarolando.*) Tur, lu, tu, tu... (*Desapparece.*)

## SCENA XI

## O DOUTOR, VIRGINIA

VIRGINIA.

Vamos! ergue a ponta do véu.... Tu sabes que a curiosidade foi sempre o meu fraco.... Estás envolvido em alguma conspiração?.. E minha filha, minha pobre filha, arriscada a ficar sem pae?! Olha que não é por ti, miseravel; não é por ti que temo: é por ella, ouviste? E' só por ella!

DOUTOR.

Reveste-te de todo o sangue-frio, e escuta.

VIRGINIA.

Falla.

DOUTOR.

Sou um miseravel, dizes tu. Pois bem: não receias que esse miseravel não possa dar boa educação a tua filha?

VIRGINIA.

Tanto receio, que só as exigencias do primo Bernardino me obrigam a confiar-te em deposito sagrado.

DOUTOR.

(*Tomando-lhe o pulso.*) E o que dirias tu....



VIRGINIA.

Olha que não tenho febre !

DOUTOR.

• Não ! Tomo-te o pulso para fazer mais effeito .... E o que dirias tu, si, em vez de ser a pobre rapariga, filha do acaso e da occasião, ella se tornasse a moça mais prendada e a mais rica de toda a ilha dos Cajueiros?! (*Inflammando-se.*) Crescesse coberta de ouro e prata, de sedas e veludos, rodeiada de innumeros vassallos, a disputar entre si a honra de lhe beijar os pés?!

VIRGINIA.

Enlouqueceste ! Fôra mister que minha filha houvesse nascido princeza !

DOUTOR.

O nascimento não quer dizer nada ; aqui estou eu, que não nasci doutor.

VIRGINIA.

Explica-te.

DOUTOR.

Em duas palavras : como sabes, sua magestade el-rei Caju é estúpido como uma porta....

VIRGINIA.

Como duas portas....

DOUTOR.

Como trez, e não fallemos mais nisso. — Imaginou que a medicina podesse fazer com que a creança que está para vir á luz pertencesse....

VIRGINIA.

Já sei : ou é uma menina, ou morres...!

DOUTOR.

Morro, não : matam-me. — O meu plano é este : tu és a ama escolhida para amamentar o real pimpolho ; eu sou o medico parteiro. Combinamô-nos, e, na occasião do parto, trocamos as bolas !

VIRGINIA.

Que bolas ?

DOUTOR.

As creanças.

VIRGINIA.

Ah !

DOUTOR.

Que te parece ?

VIRGINIA.

Mas el-rei não tem que assistir ao parto ?

DOUTOR.

El-rei é myope : grau cinco ; não vê nada sem luneta ; farei com que a perca.

VIRGINIA.

Mas o primo Bernardino reclama-me.

DOUTOR.

Logo que houver nascido o menino....

VIRGINIA.

Como sabes que é um menino ?

DOUTOR.

*(Gravemente.)* Eu sou medico, senhora.

VIRGINIA.

Bem sei.

DOUTOR.

Logo que houver nascido, darás parte de doente e serás substituída....

VIRGINIA.

Mas...

DOUTOR.

Tu vaes casar-te ; si nossa filha ficasse em meu poder, a sociedade obrigar-te-ia a esqueceres-te d'ella. Reflecte bem : assim como assim, não seria melhor que tua filha fosse antes a filha do rei Caju ? Em vez da pobre moça sem mãe, a poderosa princeza dos Cajueiros?...



VIRGINIA.

Mas.... é um esbulho!

DOUTOR.

•Esbulho é enforcarem-me!

VIRGINIA.

O que se ha de fazer do principe real? Quando digo o principe real, quero dizer: o que na realidade é principe.

DOUTOR.

Queres vêr? (*Vae á grade do fundo e acena para o jardim.*)

VIRGINIA.

O que fazes?

DOUTOR.

Vaes vêr.

## SCENA XII

o DOUTOR, VIRGINIA, MARCOS

MARCOS.

(*Ao fundo.*) Cá estou. (*Dirigindo-se ao doutor.*) Thereza ignora.... (*Cala-se, vendo Virginia.*)

DOUTOR.

Podes fallar.... esta senhora não é de mais.

MARCOS.

Thereza ignora de onde lhe veio o dinheiro.... Eu disse-lhe que era producto de uma subscrição.

DOUTOR.

Bem. (*Tirando um lapis e uma folha da carteira.*) Espera. (*Escreve. Musica na orchestra.*) « Thereza. Faze de conta que esse menino é o filho que perdeste; circumstancias de força maior me obrigam a occultar-lhe o nascimento. Dá-lhe o nome que quizeres: Paulo, Sancho ou Martinho. Mando-te uma bolsa: é para as primeiras despesas. Todos os mezes ser-te-á remettida



uma quantia com que possam, tu e teu filho adoptivo, viver ao abrigo de toda e qualquer necessidade. Educa-o bem.» (*Declamando.*) E' quanto basta. (*Escrevendo.*) Mixture e mande. (*Riscando.*) Ora esta ! julguei que estivesse fazendo uma receita. (*Ergue-se ; cessa a musica.*) Tõma este bilhete, ó Marcos. (*Leva Marcos até a grade do fundo ; desce alguns degraus da escada com elle e aponta para a direita.*) Vae collocar-te juncto á segunda janellinha azul que se vê d'aqui, e espera. Tenho de entregar-te lá uma creança, que depositarás com este bilhete e esta bolsa na porta de Theresa.

MARCOS.

Um engeitado !

DOUTOR.

Cuidado ! Tracta-se de um grande segredo. O teu silencio será largamente remunerado.

MARCOS.

E' quanto manda ?

DOUTOR.

Todos os mezes virás ter comigo ; dar-te-ei uma quantia que farás chegar mysteriosamente ás mãos de Thereza.

MARCOS.

Sim, senhor.

DOUTOR.

De fórma alguma deve ella saber a origem ....

MARCOS.

Fique socegado. (*Querendo descer.*) E' quanto manda ?

DOUTOR.

E'. (*Marcos desce um degrau.*) Ah ! (*Detem-o.*) Sabes quem vem alli ? (*Aponta para baixo.*)

MARCOS.

El-rei !...

DOUTOR.

Approxima-te delle sem que te presinta e arrebatallhe a luneta ! (*Movimento de Marcos.*) Não te assustes : sem luneta el-rei não vê coisa alguma : é myope : grau cinco.



MARCOS.

Nesse caso, é facillimo. (*Vesce um degráu e pára, para perguntar.*) Assegura-me que posso fazer tudo isto sem correr perigo?

DOUTOR.

(*Que já tem voltado á scena.*) Asseguro. (*A' meia voz.*) Tracta-se de salvar a honra de uma donzella de honor.

MARCOS.

Bem. (*Aparte, referindo-se a Virginia.*) Deve ser aquella : tem cara de resguardo. (*Desapparece.*)

## SCENA XIII

o DOUTOR, VIRGINIA, a ENFERMEIRA

ENFERMEIRA.

(*Saindo dos aposentos da rainha.*) Senhor doutor ! Senhor doutor !

DOUTOR.

Já ? !

ENFERMEIRA.

Já.

DOUTOR.

Bem. Vá prevenir o mestre de cerimoniaes. Os seus serviços são desnecessarios alli. (*A enfermeira sae.*)

VIRGINIA.

São horas ?

DOUTOR.

São. Vamos, entra. Vou apresentar-te á rainha ; traze a menina.... Vou pol-a á mão.... (*Virginia pega na creança e entra para o quarto da rainha.*) Decididamente sou um homem feliz ! Sem arredar pé desta sala, arranjei tudo ! (*Acompanha Virginia.*)

## SCENA XIV

NHECO, CORTEZÃOS, DAMAS DO PAÇO, depois o DOUTOR,  
depois EL-REI

*(Entram pela esquerda, segundo plano, precedidos por Nheco.)*

CÔRO

Cautos, cautos,  
E precautos,  
Vamos todos esperar  
Que a rainha,  
Coitadinha!  
Dê á luz a creancinha  
Que ha de um dia governar.

NHECO.

Eu cá de cerimonia mestre  
Da côrte sou!  
Do são Fulgencio ao são Silvestre,  
Suado estou!  
Entra semestre e sae semestre,  
E eu sempre a pé!  
Mestre encontrar que não palestre  
Difficil é!  
Quando eu morrer, estatua equestre  
Terei, olé!

DOUTOR, *(apparecendo.)*

Nheco, nestes aposentos  
A ninguem conceda ingresso!

NHECO.

Isso está já por momentos?

DOUTOR.

Vae-se dar o bom successo....

CÔRO.

Bom successo!  
Vae-se dar o bom successo!

NHECO.

Já lá está de leite a ama?



DOUTOR.

Já lá está !

NHECO.

Tudo o que manda o programma ?

DOUTOR.

Lá está já !

NHECO.

E a madama ?

DOUTOR.

Que madama ?

NHECO.

A parteira, meu amigo !

DOUTOR.

Este seu criado é.

NHECO.

Isto agora é brincadeira !

Doutor, quer mangar comigo ! ?

DOUTOR.

Do riscado entendo, olé !

CÔRO.

Olaré !

Olaré !

Do riscado entende, olé !

DOUTOR.

Onde está el-rei Caju ?

NHECO.

E' verdade: el-rei Caju ?

CÔRO.

Onde estás tu,

El-rei Caju ?

EL-REI, *(vindo do fundo a tactear, sem luneta.)*

Cá estou ! cá estou ! por Belzebuth !

Estava eu lá—parece incrível !  
A passear pe'lo jardim,  
Quando uma sombra horrenda, horrível,  
Cae do ar por cima de mim !  
Era um phantasma  
Deste tamanho !...  
Oh ! si te apanho,  
Faço-te assim....

CÔRO.

Era um phantasma !  
E' caso estranho,  
Que a todos pasma !

EL-REI.

Quero apanhal-o,  
Vou segural-o ;  
Mas o ralão  
Piza-me um callo !  
Eis que resvalo....  
Bumba ! no chão !  
Perco a luneta  
E o sangue frio !  
Parece peta !  
Que corropio !  
Caio aqui, caio acolá !  
Acho-me cêgo !  
Negro qual prego  
Tudo em meu redor está !...  
Era um phantasma  
Etc. etc.

CÔRO.

Era um phantasma !  
Etc., etc.

DOUTOR.

Real senhor, não ha um momento a perder !

EL-REI.

¶ Quem vae ao meu quarto buscar outra luneta ? (*Entra um cortezão á direita, segundo plano.*)

DOUTOR.

Senhor, senhor ! Vêde o que prescreve a Constituição !

EL-REI, (*zangado.*)

Ora ! a Constituição !



DOUTOR.

Venha, venha, real senhor! *(Fal-o entrar á força para os aposentos da rainha e entra tambem. Fecha a porta por dentro.)*

NHECO.

*(Aos cortesãos.)* Que vida trabalhosa a minha! Não de crêr que, desde que estou ao real serviço de sua magestade, ainda não tive tempo de tomar um banho! ●

TODOS.

Oh!

NHECO.

E' o que lhes digo.... Ainda agora, eu ia descendo para o banheiro, quando a enfermeira veio prevenir-me.... Vamos a isto.

*(O cortesão, que tinha ido buscar a luneta ao quarto do rei, volta com ella.)*

## SCENA XV

NHECO, FIDALGOS, FIDALGAS, depois OS MINISTROS, depois OS CONSELHEIROS DE ESTADO, depois a BAILADEIRA DO PAÇO, depois EL-REI.

FINAL

NHECO.

Agora é já, sem mais tardar,  
A porta sellar!

*(Um pagem tem trazido lacre, luzes e carimbos em uma bandeja de ouro. Dous cortesãos lacram e sellam as portas do aposento da rainha.)*

CÔRO.

Agora é já, sem mais tardar,  
Lacrar, sellar,  
Sellar, lacrar !...

NHECO.

Nesta sala esperar deve,  
Segundo a Constituição  
Prescreve,  
Todo o conselho de estado,  
E o ministerio—pois não !—  
Fardado.

CÔRO.

Eis o conselho de estado,  
Respeitavel, respeitado !

*(Entrada de meia duzia de conselheiros muito velhos, a dansarem de mãos dadas uns aos outros.)*

Tur lu tu tu,  
Tur lu tu tu !

Tem bom conselho el-rei Caju !  
— Eis que chega o ministerio,  
Muito serio, muito serio....

*(Entrada de meia duzia de ministros, com suas respectivas pastas, a marchar uns atraz dos outros.)*

Tur lu tu tu,  
Tur lu tu tu !...

Ministros são d'el-rei Caju !..

CÔRO GERAL.

Cautos, cautos  
Etc., etc.

NHECO.

Agora exijo  
Que danse um passo,  
Em signal de regosijo  
A bailadeira do paço !

*(Entra uma bailadetra.)*

PASSO DE DANSA.

*(Findo o passo de dansa, abre-se violentamente a porta lacrada, e entra el-rei Caju, trazendo nos braços uma creança, envolvida n'um rico manto bordado a ouro.)*

EL-REI.

A luneta ! a luneta !...  
Quero vêr a principeta !...

*(Collocam-lhe a luneta no nariz.)*

Que linda està ! !



CÔRO.

Que linda está!

A CRIANÇA, (*chorando.*)

Ah! ah! ah! ah!....

EL-REI.

Que linda é!

CÔRO.

Que linda é!

A CRIANÇA.

Eh! eh! eh! eh!

EL-REI.

Mais nunca vi!

CÔRO.

Mais nunca vi!

A CRIANÇA.

Ih! ih! ih! ih!

EL-REI.

Linda ella só!

CÔRO.

Linda ella só!

A CRIANÇA.

Oh! oh! oh! oh!

EL-REI.

Que linda és tu!

TODOS, (*imitando a criança.*)

Uh! uh! uh! uh!

EL-REI.

Nheco, vê que já se ri....

Dez minutos tem de idade!

NHECO.

Não admira, pois é fi-

Lha de vossa magestade!

(*Espalha-se na sala dos espectadores um cheiro de alfazema.*)

EL-REI.

Oh ! que cheiro de alfazema !

NHECO.

Oh ! que cheiro de alfazema !

TODOS, (*aspirando.*)

Um ! um ! um ! um !

Que bonissimo systema

O de queimar alfazema,

Si ao mundo vem

Gentil nen-nen !...

EL-REI.

Estou louco de amor

E de prazer possesso !

Nomeio o meu doutor

Barão do Bomsucesso !...

(*A' bocca de scena.*)

Tur lu tu tu,

Tur lu tu tu !

'Stá satisfeito el-rei Caju !

TODOS.

Tur lu tu tu !

'Stá satisfeito el-rei Caju !...



---

## ACTO PRIMEIRO

Praia. Ao fundo, o mar. A' esquerda, uma cabana. A' direita uma grande arvore, cujas ramagens, prolongando-se, formam as bambolinas.

---

### SCENA PRIMEIRA •

MARCOS, PESCADORES, depois CREADAS

Ao erguer o panno, a scena está vazia.

#### INTRODUÇÃO

CÔRO, (ao longe )

Do lar ao rimanso

Lá vou,

Que a vez do descanso

Chegou !

(Chegam á praia duas canôas tripoladas por Marcos e pescadores, que saltam para terra, trazendo cestos de peixe.)

CÔRO.

Que viver folgado,

Pesar de arriscado,

Viver a pescar!

Não ha quem se queixe

De haver pouco peixe

No fundo do mar.

MARCOS.

Tocae as buzinas,

E venham, meninas,

O peixe comprar !

(Toque de buzina pelos pescadores.)

TODOS.

Ao som das buzinas

Vão vir as meninas

O peixe comprar !

(Entra um grupo de creadas, munidas de cabazes.)



CREADAS.

A noite começa  
Começa a cahir,  
Por isso depressa  
Nos devem servir.

PESCADORES.

A noite começa  
Começa a cahir,  
Por isso é depressa  
Que as vamos servir.

*(Durante este côro as creadas enchem os seus cabazes de peixe que compram e pagam aos pescadores.)*

AS CREADAS.

Adeus! Adeus!

MARCOS.

Um momento!  
Que minha voz eu vou soltar ao vento!

BARCAROLA.

1

Minha barquinha ligeira,  
Feiticeira,  
Leva-me longe d'aqui!  
Singra esse mar docemente,  
Suavemente....  
Eu todo me entrego a ti!  
Ai, lô lê!  
Ai, lô lê!  
Ao largo, qu'enche a maré!

TODOS.

Ai, lô lê, etc.

MARCOS.

A lua triste e formosa  
Surge airosa,  
Surge airosa lá nos céus!  
E a brisa que ajuda o leme  
Chora e geme  
Passando nos mastareus.  
Ai, lô lê! etc.

*(A's creadas).—Estou satisfeito. Podem ir embora.*



AS CREADAS.

Adeus, adeus! (*Saem por diversos lados, como entraram.*)

• MARCOS.

Bem. Desta vez os cestos ficaram vazios. — Rapazes, a noite parece que é boa... Vão tractar da vida, que a morte é certa.

OS PESCADORES. •

Até amanha, Marcos! (*Entram para as canôas.*)

MARCOS.

Até amanha.

CÔRO DE PESCADORES.

Do lar ao rimanso

Lá vou,

Que a vez do descanso

Chegou!

(*As canôas afastam-se e as vozes perdem-se ao longe.*)

## SCENA II

MARCOS

A occasião é excellente. A tia Thereza está sosinha em casa e Paulo erra nos mares, a pescar sardinhas e a entoar barcarolas. Vamos lá deixar a mezada. (*Tira uma bolsa e vae deital-a por baixo da porta de Thereza.*) Prompto! E dizer que faço isto ha vinte annos! Toca a safar! (*Vae saindo. Thereza abre a sua porta.*)

## SCENA III

MARCOS, THEREZA

THEREZA.

(*Vendo-o.*) Adeus, ó Marcos! (*Dando com a bolsa.*) Ah! cá está.... cá está....

MARCOS.

(*Voltando.*) Olá, tia Thereza!... (*Aparte.*) Si me vio....



THEREZA.

Que novas me dás de Paulo ? Viste-o por ahí ?

MARCOS.

Vi-o a pescar.

THEREZA.

Saio de casa pela madrugada.... vae cahir a noite, e nem signal ! E' incorrigivel ! Só a minha paciencia !

MARCOS.

(*Que tem deitado lume a um cachimbo.*) Na verdade, dão muito que fallar os modos mysteriosos de seu filho.

THEREZA.

Meu filho.... Antes o fosse !

MARCOS.

Mas é como si o fosse : vive em sua companhia desde a tenra idade.

THEREZA.

Quando veio para a minha companhia, ha vinte annos, poderia ter poucas horas de nascido. Foi n'uma epoca terrivel para mim.... Meu marido e meu unico filho haviam morrido.... eu estava reduzida á mais negra miseria....

MARCOS.

Mas Paulo foi o seu anjo bom ; não é assim ?

THEREZA.

Dizes bem : foi o meu bom anjo. Engeitaram-o á minha porta, é verdade ; mas, ao mesmo passo que me sobrecarregavam com a pensão de educal-o, substituiam meu filho e garantiam-me subsistencia honrada.

MARCOS.

(*Aparte.*) A quem ella o diz....

THEREZA.

Entre os pannos em que o envolveram, achei uma bolsa recheiada e uma carta que assim dizia : (*Recita a carta escripta pelo doutor no prologo. A mesma musica na orchestra.*)



MARCOS.

E a tia Thereza, justiça se lhe faça, cumpriu religiosamente a mysteriosa incumbencia.

THEREZA.

Cumpri. Dei ao menino o nome de Paulo, que, dos tres apontados, foi o que melhor me pareceu. Recebeu uma educação de principe.

MARCOS.

De principe ?

THEREZA.

Isto é um modo de fallar.

MARCOS.

E todos os mezes é infallivel o dinheiro ?

THEREZA.

(*Mostrando-lhe a bolsa.*) Vês ? Agora mesmo acabo de encontrar, mettida por baixo da porta, a mezada correspondente ao mez que hoje principiou. Graças a esse dinheiro, a nossa existencia tem sido descansada e feliz. O que me dá que pensar, é a negação absoluta que Paulo, desde os mais verdes annos, revelou pelo trabalho. Quando soube do mysterio em que se acha envolvido o seu nascimento, e da mezada certa que eu percebia, disse: Bem! esse dinheiro chegamos : não é preciso trabalhar.

MARCOS.

Nasceu para fidalgo....

THEREZA.

Nasceu fidalgo, deves dizer. O seu prazer é andar pelos bosques ou pelo mar : quem lhe tirar a caça ou a pesca, tira-lhe tudo.

MARCOS.

E, segundo me consta, é outro exquisitão a respeito de mulheres....

THEREZA.

Não fazes idéa, Marcos ! Nunca ninguem lhe conheceu namoro ! A Petronilha.... sabes ?



MARCOS.

Sei, tia Thereza ..

THEREZA.

Pois bem : a Petronilha gosta delle.... Estou mesmo convencida de que o ama devêras.... e .... não ha meio !

MARCOS.

Deixe lá, tia Thereza : Paulo não é nenhum sancto ; aquillo é que a faz pela calada.—Olhe, si me não engano, é elle que alli passa ao largo.

THEREZA.

E' elle.... é...

MARCOS.

Deixa-se levar pela correnteza....  
(Paulo passa pelo fundo, sentado á prôa de uma canôa, que desliza suavemente nas aguas, e canta o seguinte.)

## BARCAROLA

O mar que ruga raivoso  
Medo nunca me causou!  
As minhas velas ás brisas,  
A's brisas eu soltar vou.  
Meu Deus, como se parecem,  
Quando a noite é de luar,  
Os pyrilampos da terra  
Co'as ardências do mar.

(Desapparece pelo lado opposto.)

MARCOS.

Bom. Vae longo o palanfrorio. Adeus, tia Thereza.

THEREZA.

Vou contigo. Tenho que dar umas voltas. Deixa-me dar uma á chave.

MARCOS.

Uma ! o que ?

THEREZA.

Uma volta. (Tira a chave e mette-a por baixo da porta.)  
Cá fica por baixo da porta. Paulo já sabe onde a deve encontrar.



MARCOS.

Vamos, tia Thereza. (*Saem.*)

## SCENA IV

## PETRONILHA

(*Entra arrebatadamente pelo lado opposto d'quelle por onde saíram Marcos e Thereza.*)

## COPLAS

## I

Eu sou Petronilha,  
Moça original,  
Que não tem rival  
Em toda esta ilha ;  
Ninguem pelos campos  
Me apanha a saltar ;  
E lá recuar  
Nem chuvas, relâmpos,  
Coriscos  
E riscos  
Que sempre formigam,  
Me obrigam !  
Eu sou Petronilha, etc., etc.

## II

Como eu quem maneja  
Qualquer varapau ?  
De faca e calhau  
Não sei quem mais seja !  
S'tou doida de amores :  
Meu fraco aqui está ;  
Mas olhem que lá  
Cabellos e flôres,  
E cousas,  
E lousas  
Que as outras empregam,  
Não pegam !  
Eu sou, etc.

Paulo já deve estar de volta. (*Batendo á porta.*) Paulo !  
Paulo ! Dar-se-á caso que não voltasse ainda?... (*Bate.*)



A tia Thereza, essa não está, que a vi ir daquelle lado em companhia de Marcos. (*Batendo.*) Paulo! Paulo! Aposto que não quer abrir, porque já me reconheceu a voz! E não é outra coisa! Pirracento! (*Bate.*) Qual! (*Desce á scena.*) E dizer que me entrou este amor no coração como uma praga! Amo-o, adoro-o, e elle despreza-me, como si eu não fosse digna de seus cuidados! — Ah! mas agora resolvi mudar de tactica, e exigir o seu amor, como os salteadores exigem a bolsa ou a vida dos viandantes na estrada. A mulher está no seu direito, deixando de corresponder a este ou áquelle affecto, mas o homem... Faça-me o favor! Nada! ha de ir por aqui, si por aqui o mandarmos. Era o que faltava: estar eu agora á mercê dos caprichos do senhor Paulo! Ou elle ama-me, ou deito-me a perder! (*Vae bater á porta.*) Paulo! Paulo! Abre, abre ou deito hombros á porta! Ah! não ouves? não queres abrir?! Lá vae! (*Tenta arrombar a porta. Durante a ultima parte deste monologo, Paulo tem entrado pelo fundo e observado.*)

## SCENA V

PETRONILHA, PAULO

PAULO.

(*Do fundo.*) O' mulher, não me escangalhes a porta!

PETRONILHA.

(*Puxando-o pelo braço á bocca da scena.*) Ha duas horas que estou a bater!

PAULO.

E que culpa tenho eu disso?

PETRONILHA.

Não podias ter dito que não estavas em casa?

PAULO.

Vamos saber: o que deseja a senhora? Si ainda me vem offerecer o seu amor, o melhor é calar-se, porque, a esse respeito, resolvi pôr em pratica o adagio: orelhas moucas a palavras oucas!



PETRONILHA.

Sim, senhor: tracta-se de amor, mas note bem: não lh'o venho offerecer: venho impor-lh'o; entende? Arrebatal-o, arrancal-o á força desse coração de pedra!

PAULO.

Ora ouve, e deixa-te de desatinos!

PETRONILHA.

Vamos lá!

PAULO.

COPLAS

I

Mal empregaste esse affecto:  
Vê si o empregas melhor;  
Vae procurar outro objecto  
Para o teu férvido amor.  
Si te causo algum desgosto,  
Bem mereço o teu perdão,  
Pois amor não é imposto,  
Lançado no coração.

PETRONILHA.

Si eu fosse de faniquitos,  
Trimiliques, trimilaques,  
Dava agora quatro gritos,  
Tinha agora tres ataques!...

PAULO.

II

A correnteza de um rio,  
Si alguma pedra topar,  
Ha de tomar um desvio,  
Ha de outro rumo tomar;  
Faze tu como o regato,  
Essa pedra, eil-a aqui está....  
Tão bom conselho e sensato  
Ninguem te deu nem te dá.

PETRONILHA.

Si eu fosse, etc., etc.

PAULO.

Que queres que eu te faça ? Reconheço que és uma excelente rapariga, que nada deixa a desejar : bonita, virtuosa, trabalhadeira....

PETRONILHA.

E apatacada.

PAULO.

Isso é o menós; mas enfim.... és uma mulher como se quer. Feliz do homem que se fizer teu marido !

PETRONILHA.

Então ? O que mais queres tu ? Amo-te, por que te distingui de todos os pintalegres da ilha, e tu desprezas tão generoso affecto !

PAULO.

O meu coração não foi feito para o amor. Adeus, minha amiga, não me queiras mal; offereço-te uma amizade de irmão, como nos romances. Aceitas ? Si accentas, muito bem; si não, viva !

PETRONILHA.

Nada ! não quero assim ! Desejo que me ames para casar.

PAULO.

Isto é o que se chama a faca aos peitos !

PETRONILHA.

Vamos : faze-me a vontade.

PAULO.

Não está em minhas mãos.

PETRONILHA.

Mas está em teu coração; procura bem, que acharás.

PAULO.

Não tenho coração.

PETRONILHA.

Anda, dá cá um beijo, e eu te mostro si tens ou não tens coração....



PAULO.

Estás douda! Eu dou lá beijos no meio da rua! (*A scena vae ficando escura a pouco e pouco.*)

• PETRONILHA.

Então entremos.... Onde está a chave?

PAULO.

Tu enlouqueceste, mulher! •

PETRONILHA.

Vae, pedaço d'asno! A culpada sou eu, que me não devia apaixonar por um engeitado!

PAULO.

Si sou o engeitado da familia, tu és a engeitada do amor. Ella por ella!

PETRONILHA.

Olha que te esmurro!

PAULO.

Pois esmurra! (*Procurando a chave.*) Nem assim conseguirás que te eu ame! (*Abre a porta, entra e fecha-se.*)

PETRONILHA.

Paulo! Paulo!...

PAULO.

Adeus! adeus!

## SCENA VI

PETRONILHA

Aqui anda coisa.... Quem não come é porque já comeu, dizia meu avô. Mas digo eu: quem não come está para comer. Deixa estar que não te perco de vista. (*Olhando para dentro.*) Quem vem alli?! Uma mulher com o rosto inteiramente encoberto por um véu! Quem sabe si.... (*Escondendo-se atraz da arvore.*) Observemos.

## SCENA VII

PETRONILHA, escondida, a PRINCEZA, ao fundo,  
PAULO, que sae da cabana cautelosamente.

PAULO.

São horas de chegar a minha mysteriosa amante. Custei  
a vêr-me livre d'aquella maldita Petronilha!

PETRONILHA, (*aparte.*)

Obrigada.

PAULO, (*vendo a princeza.*)

Ah! Era tempo! Eil-a! (*Corre para a princeza e tral-a  
á bocca da scena.*)

PETRONILHA, (*aparte.*)

Então? Sempre ha palpites....

DUETTO

PRINCEZA.

Paulo!

PAULO.

Meu anjo!

PRINCEZA.

Aqui me tens!

A tremer venho....

PAULO.

A tremer vens....

PRINCEZA.

Será saudade ou ciúme  
O abalo que sinto aqui?  
A pobre rolinha implume,  
Ao verde ninho arrancada,  
Não fica tão magoada  
Como eu, si longe de ti!



PAULO.

Será ciúme ou saudade  
A causa desta emoção?  
Tristeza cruel me invade,  
Pungente dor me quebranta,  
Si tardas, ó minha sancta,  
Si tardas, meu coração!

JUNTOS.

O' meu } amante, ●  
O' minha }  
Charo penhor,  
Que doce instante  
Do nosso amor!  
Amo-te muito :  
Ama-me assim !  
Amo-te muito,  
Meu cherubim !

PAULO.

Mas quero emfim saber quem és, ó doce amada !

PETRONILHA, (*aparte.*)

Ah ! si ella o diz, estou vingada !

PRINCEZA.

Saber não desejes,  
Meu Paulo, quem sou !

PAULO.

Amor, não gracejes,  
Que soffrego estou....

PRINCEZA.

Saber tu não deves  
Quem sou, donde vim.

PAULO.

Porque não te atreves  
A dizer-m'ó a mim ?

PRINCEZA.

Segredos eu tenho....

PAULO.

Convenho, convenho ;  
Mas diz-m'os !

PETRONILHA, (*aparte.*)

Emfim !

PRINCEZA, (*com mysterio.*)

Eu a princeza sou dos Cajueiros !

PAULO

A princeza !... Tu ? !

PETRONILHA, (*aparte.*)

Tur lu tu tu

Tur lu tu tu !

A filha! o' ceus! d'el-rei Caju !...

(*Saindo, com gestos ameaçadores.*)

Vou-me vingar destes brejeiros !

PAULO.

E's a princeza !

PRINCEZA.

E no emtanto,

Amo-te tan'o, amo-te tanto....

JUNTOS.

O' meu /  
O' minha } amante,

Charo penhor,

Que doce instante

Do nosso amor !

Amo-te muito :

Amia-me assim !

Amo-te muito,

Meu cherubim !

## SCENA VIII

PAULO, A PRINCEZA

PAULO.

Mas tu.... vossa alteza....

PRINCEZA.

Qual vossa alteza ! Tracta-me por tu. .. Ora ahi está ! Por essas e outras é que eu queria guardar o incognito.



PAULO.

Princesa! Filha do rei! E' impossivel então que nos unamos! Nada pôde haver de commum entre nós, sinão o esquecimento mutuo.

PRINCEZA.

Porque?

PAULO.

Sou um pobre engeitado....

PRINCEZA.

Que importa! Fuziremos!

PAULO.

Fugir! pois ha de vossa alteza...

PRINCEZA.

Tracta-me por tu, sim?

PAULO.

Desprezarás as honras que te cercam, o sceptro de ouro que te aguarda, para seguir um miseravel, sem passado, sem presente e sem futuro?!

PRINCEZA.

Deixa dizer-te, e acredita: o viver da côrte me enfastia, faz-me mal aos nervos. Depois que morreu minha mãe, e já lá vão tantos annos, apoderou-se de mim um desapego tal pela côrte... O que deu motivo a tanto azedume? Não sei, não sei... O que é certo é que não me sinto princesa... Os meus instinctos são todos burguezes e triviaes. Quizéra viver tranquilla, ao lado de um maridinho como tu... a pontear meias, a marcar lenços...

PAULO.

Eu, o inverso, senhora! Porisso mesmo que nasci sem pae nem mãe; porisso mesmo que sou o infimo dos homens, sinto-me talhado para as regiões supremas do poder! Ah! que si eu pudesse mandar cortar uma cabeça... ou duas... ou todas, como Caligula! Por ser o menor, desejava tornar-me o maior... Para que? Para vingar-me talvez! Para ter occasião de desprezar os que me desprezam!



PRINCEZA.

Admiras-te de me ver aqui? O amor tinha para mim irresistível encanto. Eu não o conhecêra nunca, mas adivinhava-o.

PAULO.

Não o conhecias?

PRINCEZA.

Não ligava o nome... Quem se atreve na côrte a levantar os olhos para a infanta? O amor é-lhe interdicto. Um dia, mandam o seu retrato a um príncipe de outro reino, e dizem-lhe, ao príncipe: Ahi vae a amostra, vêde si vos agrada. Si assim fôr, mandae buscal-a. E' sacrificando as princezas que se apertam laços entre as nações. Não nos casamos por amor: casam-nos por diplomacia. Ah! politica! politica!

PAULO.

Meu anjo!

PRINCEZA.

Ante-hontem, descobri no meu aposento uma porta secreta que dá para o jardim. Descobri no jardim outra porta secreta que dá para a rua.... E' hoje! disse eu comigo. E saí! Vi-te, e amei-te. D'ahi é que principiei a ligar o nome....

PAULO.

Mas.... si dão pela tua ausencia?

PRINCEZA.

Não dão. Tenho por costume fechar-me por dentro. O unico que poderia interromper a minha solidão é meu pae; mas esse anda todo entretido com a duqueza da Guarda-Velha!

PAULO.

A duqueza da Guarda-Velha!

PRINCEZA.

Uma fidalga estrangeira, que foi ha dias apresentada á côrte... Uma excellente senhora. Ama-me como si me conhecesse de velha data. Diz-se no paço que meu pae casa com ella. E' uma felicidade! Eu não escolheria outra madrasta!



(Musica. Aparece no mar uma sumptuosa gondola, cheia de lanternas multicores. Dentro da gondola distinguem-se a duqueza da Guarda-Velha e o barão do Bom Successo.) Oh! céus! Saíamos, fujaamos d'aqui! E' ella!....

PAULO.

Ella quem?

PRINCEZA.

A duqueza da Guarda-Velha! O que virá aqui fazer? Ai! O barão vem com ella! Não ha mais tempo! Viram-me! Estou perdida! Condennam-me á morte!

PAULO.

Cala-te! (Leva-a para a cabana.)

PRINCEZA.

Ah! (Entram ambos na cabana.)

## SCENA IX

O BARÃO, A DUQUEZA, GONDOLEIROS e DAMAS de COMPANHIA

Noite completa. Luar.

CANTO

CORO GERAL.

Da Guarda Velha eis a duqueza!

Cá s'tá! Cá s'tá!

Melhor senhora com certeza

Não ha! Não ha!

BARÃO.

(Saíndo da gondola e offerecendo a mão á duqueza para sair tambem.)

Eis-vos, enfim, chegada

A' praia desejada.

(Aparte.)

Não sei porque,

Nem para que.

DUQUEZA.

Muito obrigada.

BARÃO.

Não ha de que.

DUQUEZA, (*a uma dama.*)

Manda embora os gondoleiros :  
Volto a pé.

TODOS.

Volta a pé!

AS DAMAS.

Ide embora, gondoleiros,  
Ide ligeiros,  
Que a duqueza volta a pé!  
Um de seus caprichos é.

GONDOLEIROS.

Da Guarda-Velha eis a duqueza ! etc., etc.

*(As gondolas desaparecem com os gondoleiros, e as damas ficam ao fundo.)*

COPLAS.

I

DUQUEZA.

Não me foi a sorte avara,  
Eu não me devo queixar.

BARÃO, (*sempre aparte.*)

Não me é estranha aquella cara,  
Mas não me posso lembrar.

DUQUEZA.

A ventura bem se esconde ;  
Mas, no entanto, a descobri.

BARÃO.

Não sei quando, nem sei onde  
Aquelles olhos já vi.

AS DAMAS.

Como é bella esta paragem !  
Fresca aragem  
Corre aqui !



## II

DUQUEZA.

Da pobreza que victoria !  
Pois duqueza eu hoje sou !

BARÃO.

Dou mil tractos á memoria  
E, comtudo, em branco estou...

DUQUEZA.

'Spero em breve ser rainha,  
Pois el-rei morre por mim !

BARÃO.

Ai, que cabeça esta minha !  
Nunca vi cabeça assim !

AS DAMAS, (*descendo á scena.*)

Que logar ! que formosura !  
Que frescura !  
Que jardim !

DUQUEZA.

(*A's damas.*) Afastae-vos ! Ide admirar os prodigios desta natureza privilegiada. Preciso conversar a sós com sua senhoria, o senhor barão do Bom Successo. (*Aparte.*) A casinha deve ser esta.

(*As damas afastam-se para o fundo onde se dividem em grupos.*)

REI ETIÇÃO.

AS DAMAS.

Que logar ! que formosura !  
Que frescura !  
Que jardim !

DUQUEZA.

Afinal ! Chegou enfim o momento ! (*Dirigindo-se ao barão e fitando-o.*) Olha bem para mim ! Não me conheces ?

BARÃO.

Duqueza !

DUQUEZA.

Desconheces-me ! não assombra ! ha vinte annos que não nos vemos.... as physionomias transformam-se....



BARÃO.

Ah! Virginia!!

DUQUEZA.

Mas ouve: eu reconheci-te á primeira vista. Assim devia ser: conservava de tia mais dolorosa impressão.... Era impossivel que se me varressem da memoria esses olhos, que me mentiram.... esses labios, que me mentiram.... esse nariz....

BARÃO.

Nada! o nariz é que te não mentio.... E folgo de vêr que ainda não déste de mão ao teu romantismo.

DUQUEZA, (*em outro tom.*)

Dê-me excellencia, barão.

BARÃO.

Dê-me senhoria, duqueza.... e expliquemo-nos.— Desde que vossa excellencia chegou, que tenho buscado adivinhar em suas feições a physionomia de outra pessoa. Vossa excellencia é a Virginia, a minha pobre Virginia, emendada e consideravelmente augmentada. Vossa excellencia dignar-se-á, si tanto mereço, explicar-me o modo pelo qual se operou tão estranha metamorphose.

DUQUEZA.

Muito simplesmente, barão: vossa senhoria lembra-se de que, logo depois de casado com o primo Bernardino, fomos, eu e elle, correr mundo? Depois de andarmos por Seca e Meca, resolvemos firmar a nossa residencia na ilha da Guarda-Velha.

BARÃO.

O que? Pois foram a Seca e Meca e não deram um pulo até Olivaes de Santarem, que é tão perto?....

DUQUEZA.

Oito annos depois, meu marido morreu deixando-me uma avultada riqueza. Dois annos depois da morte de meu marido, comecei a ser requestada pelo fidalgo mais poderoso da ilha, o duque da Guarda-velha, senhor feudal em dez leguas de terreno e homem de senso pratico. Casei com o duque da Guarda-Velha. Seis annos depois, enviuei pela segunda vez. Ha quatro annos que me succedeu essa catastrophe.



BARÃO.

Vejam de que escapei! Si me tivesse casado com vossa excellencia, estava a estas horas no outro mundo!

DUQUEZA.

Deixei passar no feudo a minha lua de mel....

BARÃO.

Outra?

DUQUEZA.

A lua de mel da viuvez... E aqui estou. Vamos ajustar contas, senhor barão: vossa senhoria sabe onde quero bater?

BARÃO.

Perfeitamente. Vossa excellencia quer bater áquella porta... Agora percebo porque a duqueza me pediu que a acompanhasse a este sitio....

DUQUEZA.

Ainda bem que o percebe. Sem querer, fui informada de que é alli que vive aquelle cujos direitos extorquimos por amor da cabeça de vossa senhoria e por amor de minha filha.

BARÃO.

De nossa filha, duqueza.

DUQUEZA.

De nossa filha, barão.—Pedi então a vossa senhoria que me acompanhasse a esta praia, para, de viva voz e em sua presença, informar-me si foram cumpridas as suas obrigações. Si assim não succedeu, trema: vossa senhoria não deve ignorar que foi hoje tractado o meu cosamento com el-rei Caju.

BARÃO.

Não, senhora duqueza, e esse casamento é uma grande honra para mim.... porque, emfim, eu.... mas lembre-se vossa excellencia de que mesmo porque eu.... *in illo tempore*... comprehende? não póde lançar-me no abysmo, sem ser arrastada na queda pelo meu corpo....



DUQUEZA.

Emfim, viveremos como os anjos, si o barão cumpriu o que prometteu ha vinte annos. Serei feliz ao lado de minha filha....

BARÃO.

De nossa filha, duqueza.

DUQUEZA.

De nossa filha, barão.—Hei de habitual-a a dar-me o tractamento de mãe.

BARÃO.

Eu é que não posso obrigar-a a chamar-me pae.... e no entanto, amo-a....

DUQUEZA.

Sei que a ama, e agradeço-lhe.... Mas .. vamos...,

BARÃO.

Não é preciso :ahi vem a mulher a cujos cuidados está entregue o principe. Ella nos dirá....

DUQUEZA.

Silencio....

## SCENA X

OS MESMOS, THEREZA, que vae atravessando a scena para entrar em casa, depois EL-REI

BARÃO, (*embargando-lhe a passagem.*)

Senhora Thereza....

THEREZA.

Quem é?

BARÃO.

Um momento de attenção. Conhece-nos?

THEREZA.

Ah ! o medico do paço!



BARÃO.

Então já vê que não somos para ali quaesquer noctivagos.—Esta senhora deseja tomar certas informações....

THEREZA.

Estou ás suas ordens, minha senhora. Não quer entrar?

DUQUEZA.

Por ora não. Diga-me cá... *(Toma-a de parte e falla-lhe baixo. El-rei entra, embuçado dos pés á cabeça, sem ser presentido pela duquesa, e bate levemente no hombro do barão.)*

BARÃO.

El-rei !

EL-REI.

O que vieste aqui fazer em companhia da duquesa?

BARÃO.

Sua excellencia quiz admirar esta praia.... Faz um luar esplendido.... Pediu-me que a acompanhasse....

EL-REI.

E' singular ! no momento em que firmamos o nosso contracto de matrimonio, abandona-me, para vir admirar uma praia ! Ah ! barão ! quem me vio e quem me vê ! Quem diria que aquelle el-rei Caju, o energico, havia de tornar-se um babão por esta mulher ! Julguei não dever contrahir segundas nupcias ; mas o amor, barão, o amor....

COPLAS

I

Para ser livre, tinha resolvido  
Não mais casar-me. Que dirás, ó povo ?  
Mais, ai ! de amores, ó barão, perdido,  
Caio n'asneira de casar de novo.  
O amor de nós dá cabo !  
E' o diabo !

AMBOS.

E' o diabo !



EL-REI.

II

A ninguém poupa de Cupido a setta ;  
Ninguém se isenta de ser alvo d'ella :  
Si o mais altivo coração espeta,  
O mais altivo coração debella !  
O amor de nós dá cabo !  
E' o diabo !

AMBOS.

E' o diabo !

EL-REI.

E sabes o que aqui me trouxe, barão ? O ciume.... Ora aqui tens tu: teu rei tem ciumes !—Quem é aquella mulher com quem conversa a duqueza ?

BARÃO.

Uma pobre creatura.... A duqueza, sempre que se lhe apresenta ensejo, dá expansão ao sentimento da caridade, que é o apanagio de seu bonissimo character.

EL-REI.

Ah !

DUQUEZA.

Muito bem. Aprecio as suas virtudes, e hei de premial-as. (*Voltando-se.*) Estou satisfeita, barão. (*Vendo o rei.*) Quem é ?

EL-REI.

(*Desembuçando-se.*) Eu, duqueza !

THEREZA.

(*Aparte.*) El-rei ! Que quer isto dizer ?! (*Entra em casa.*)

DUQUEZA.

(*Perturbada.*) Vossa magestade ! Que agradavel surpresa !

EL-REI.

Porque não me ordenou que a acompanhasse ?

DUQUEZA.

Oh ! senhor.... não me atrevia....



EL-REI.

Nada de cerimonia.... Não sei estar um instante longe da duqueza.... Estou cahido, estou derreado.... Oh! como a amo!

BARÃO.

(*Que tem olhado para os bastidores.*) O que é aquillo? Um grupo!

EL-REI.

Vamos para alli. Não convem que nos reconheçam. (*Reunem-se os tres ás damas que se conservaram ao fundo.*)

## SCENA XI

Os mesmos, os MINISTROS, NHECO, PETRONILHA  
(*Os ministros e Nheco trazem cada um a sua lanterna furta-fogo na mão. Petronilha condul-os.*)

FINAL

PETRONILHA.

Já cá não estão!

(*Apontando para a cabana.*)

Entrem; alli os acharão!

NHECO.

Isto parece estranho!  
Ha já vinte annos que não tomo banho!

PETRONILHA.

Não ha tempo a perder!  
Os melros podem as azas bater!

(*Dirigem-se todos com muito mysterio para a cabana.*)

NHECO.

Vamos lá! vamos lá!

NHECO E MINISTROS.

Cautela!

Cautela!

Baixa a voz!

Que a bella

Que a bella

Não dê por nós...

OS OUTROS.

O que quer dizer aquillo ?  
Que quer aquillo dizer ?

BARÃO.

Eu não estou nada tranquillo !

DUQUEZA.

'Stou a tremer !

DAMAS.

'Stou a tremer !

NHECO, *(batendo á porta.)*

Em nome abrí d'el-rei Caju !

EL-REI.

D'el-rei Caju !

TODOS.

Em nome d'el-rei Caju !...

*(Abre-se a porta e entram na cabana Petronilha, Nheco e os ministros, repetindo o côro.)*

Cautela ! etc.

## SCENA XII

EL-REI, BARÃO, DUQUEZA, DAMAS, CORTEZÃOS,  
depois NHECO, PETRONILHA, PAULO, a PRIN-  
CEZA, os MINISTROS.

CÔRO DE CORTEZÃOS.

*(Entrando em confusão.)*

Será possível !  
Não pôe ser  
Que succeder  
Possa este facto ;  
Mas, si assim for,  
Que espalhafato !  
Que horror ! Que horror !



## A PRINCEZA DOS CAJUEIROS

OS QUE ESTÃO AO FUNDO.

O que será ?

O que haverá ?

Do paço a gente toda aqui está !...

(Saem da cabana os ministros e Nheco, segurando em Paulo e na princeza. Acompanha-os Thereza e Petronilha. Assombro geral. Perturbação do barão da duqueza.)

NHECO E OS MINISTROS.

Cá 'stão !

Precisam bem de uma lição !...

EL-REI.

Exijo disto explicação !

NHECO.

Quem és tu ?

EL-REI, (deixando cair a capa.)

El-rei Caju !. .

TODOS.

El-rei Caju !...

NHECO.

Somente vos direi  
Que vossa filha está perdida, ó senhor rei !

EL-REI.

Perdida !

DUQUEZA.

Perdida !

BARÃO.

Perdida !

TODOS.

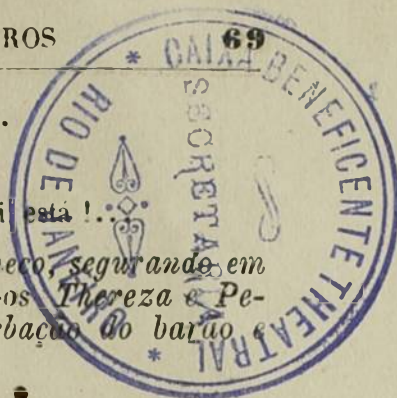
Perdida !

EL-REI.

Por minha vida !  
Vaes-me explicar no mesmo instante !

PRINCEZA.

Pois não ! Pois não ! Eis meu amante !



PAULO.

Sou seu amante !

PAULO E A PRINCEZA.

Estamos perdidos !  
Fatal situação !  
E em breve mettidos  
Em negra prisão !...

CONCERTANTE.

DOUTOR E A DUQUEZA.

Não posso salvar-me !  
Fatal situação !  
Vae prejudicar-me  
Tal complicação !

EL-REI.

Eu caio !  
Desmaio !  
Tombar vou no chão !  
Foi como que um raio !  
Foi um furacão !

TODOS.

Immoveis de pasmo  
Todos aqui estão !  
Que enorme sarcasmo !  
Que insulto á nação !...

PAULO E A PRINCEZA.

Que desgraça infinda !  
Que negro soffrer !  
Tão novos ainda,  
Nós vamos morrer !

REPETIÇÃO DO CONCERTANTE.

EL-REI.

Tudo esqueceste, tudo, princeza !...

PRINCEZA.

Meu pae, attenda !



EL-REI.

Não sou teu pae !  
E tremam todos ! A vossa alteza  
Castigo horrendo ser dado vae !

TODOS.

Ser dado vae !

EL-REI.

I

Quer como pae, quer como rei,  
Abuso tal castigarei !  
Mas conheço,  
Reconheço  
Que o amor de nós dá cabo....  
E' o diabo !...

TODOS.

E' o diabo !

EL-REI, (*a Paulo.*)

II

E a ti, plebeu, villão ruim,  
Mandarei dar na forca fim !  
Mas no entanto,  
Não é sancto !  
E o amor de nós dá cabo....  
E' o diabo !...

TODOS.

E' o diabo !...

EL-REI.

Senhores meus minstros,  
Tomae ares sinistros,  
E os dois heroes levae !

(*Encarando Paulo.*)

Mas agora reparo !  
Caso realmente raro !  
Este insensato  
De minha mulher é o retrato !...

TODOS.

Justiça ! Justiça !  
Justiça fatal !  
Não haja preguiça  
Para um caso tal !

PAULO E A PRINCEZA.

Cruel castigo  
Não nos importe !  
E' doce a morte  
Ao lado teu !  
Viver na terra  
Não nos é dado !  
Vem ao meu lado  
Viver no céu !

CORO GERAL.

Mas na verdade,  
Na realidade,  
O amor de nós dá cabo....  
E' o diabo !...  
E' o diabo !...

---



## ACTO SEGUNDO

Sala do conselho no palacio d'el-rei Caju. A scena está armada para um julgamento. No centro uma mesa, coberta com veludo. Bancos em volta.

### SCENA PRIMEIRA

CORTEZÃOS, depois NHECO, depois os MINISTROS,  
depois EL-REI.

Ao levantar o panno, cada um dos cortezãos está a arranjar os bancos, e a espanal-os. De vez em quando param o seu serviço e impõem-se mutuamente silencio.

côao.

Pscio ! Pscio ! Pscio !...

Ninguém levante a voz neste salão !

Haja silencio e discrição !

Pscio ! Pscio ! Pscio !...

*(Entra Nheco. Todos se curvam.)*

NHECO.

Oh ! não faças cerimoniaes

Com quem dellas mestre está !

*(Recommendam-lhe silencio, e, por gestos, pedem que lhes diga o que se tem passado.)*

Vós sois pessoas idoneas:

Vou dizer-vos o que ha.

Atenção !

TODOS.

Pscio !

NHECO, *(baixo.)*

Atenção !

TODOS.

Pscio !

Haja silencio e discrição !

¶ NHECO, (*com mysterio.*)

## I

Caso exquisito  
Que é de pasmar,  
Facto inaudito  
De embasbacar,  
Hontem, contricto,  
Presenciar  
Fui muito afflicto,  
Quasi a chorar !

CORO.

Psio !...

NHECO.

## II

Digo e repito  
Que é de assombrar !  
Nomes não cito,  
Que, si os citar,  
Desacredito  
Quem devo amar !  
Nomes evito  
Pronunciar....

CORO.

Psio !. .

NHECO.

## III

Eu me limito  
Tal nova a dar;  
Nomes omitto,  
Que é mau palrar....  
Não facilito....  
Sei me guardar !  
Tudo hei vos dito....  
Vou-me banhar !

(*Vae fugindo. Os outros impedem-lhe a passagem.*)



OS CORTEZÃOS.

Não se vá !  
Venha cá !  
Do que ha  
Nos fará  
Narração,  
Confissão !  
Far-nos-á  
Descripção !

NHECO.

*(Volta, e, depois de muito mysterio, irrompe alto.)*

Tra la la la !  
Mettida em máus lençoes nossa princeza está !

TODOS.

Tra la la la !  
Etc., etc.  
Ai, que o caso é muito serio !

NHECO.

Eis que chega o ministerio !  
*(Arranjam-se todos a um lado da scena.)*

ENTRADA DOS MINISTROS.

Ministros somos  
Do rei melhor ;  
Chamados fomos  
Para compôr  
O conselho feroz que vae julgar  
A princeza que deu p'ra namorar !

NHECO, *(approximando-se.)*

Na qualidade de mestre  
De cerimoniaes, que sou,  
Fazer discurso que preste  
Neste instante tentar vou.

EL-REI, *(entrando.)*

Silencio ! o teu discurso é natural dispense-o  
Quem está como estou eu !

TODOS.

El-rei Caju !...



EL-REI.

Silencio !

*(Descendo á scena, sombrio.)*

Tor lô tô tô !

Tor lô tô tô !

El-rei Caju quer ficar só....

TODOS.

*(Saíndo mysteriosamente.)*

Tor lô tô tô

Tor lô tô tô !

El-rei Caju quer ficar só....

NHECO.

*(Saíndo por ultimo, ao som dos derradeiros compassos.)*

Este momento apanho

Para tomar um banho...

## SCENA II

EL-REI

El-rei Caju quer ficar só... E para que quer ficar só el-rei Caju ? Apenas para retardar este julgamento, porque, afinal de contas, sou rei, mas tambem sou pae ! Sou pae ! e hei de passar pela semsaboria de ver subir ao cadafalso a minha querida filha ? Sim, que a Constituição é clara neste ponto, apezar de escura em todos os outros. *(Tirando um litrinho do bolso e lendo.)* « Artigo duzentos. Toda a pessoa real que, esquecendo o decoro que deve a si propria e ao povo, dêr escandalo publico, será julgada por um conselho composto de quatro ministros de estado e, averiguado o delicto, condemnada á pena ultima. » Si se podesse sophismar este maldito artigo duzentos ! Vejamos por partes : « Toda a pessoa real.... » Minha filha é ou não é pessoa real ? E'. E' real. E' realmente real ! Mas tambem quem se lembra de fazer um artigo contra as pessoas reaes ? Vejam si, nas partes descobertas do universo, os principes vão ao cadafalso por causa destas ninharias !... « que, esquecendo o decoro que deve a si propria e ao povo.... » Disto se esqueceu ella.... Comeu queijo.... « dêr escandalo publico.... » Escandalo foi ! Lá ser, foi.... E' o diabo ! Não ha meio de



sophismar! E o conselho não pôde estar á espera! (*Vae a chamar o conselho e pára.*) Mas, afinal de contas, qual é o crime de minha filha? A pobre pequena passava aqui uma vida levada de todos os diabos. Um dia deu-lhe a mosca.... e.... psit! Isto acontece á mais pintada! E não é que o rapaz é um rapagão? Sympathiso com elle.... é uma coisa exquisita! Que bonitos olhos! Parecem-se tanto com os de sua magestade a fallecida minha mulher ... Que olhos! vamos lá ver esta gente.... Enquanto julgam, vou pensar.... Hei de achar furo. (*Vae á porta por onde saíram os ministros.*) Olha esse conselho que saia! (*Sae pelo lado opposto.*)

## SCENA III

NHECO, os MINISTROS

(*Entrando a disputar.*)

OS MINISTROS.

Não pôde ser! não ha tempo!

1.º MINISTRO.

Com mil raios! Pois o senhor mestre de cerimoniaes quer abandonar-nos no momento do conselho!

2.º MINISTRO.

Era o que faltava!

3.º MINISTRO.

Tomar banho quando o serviço do estado reclama-o!

4.º MINISTRO.

Incuria!

NHECO.

Mas, senhores ministros...

1.º MINISTRO.

Com mil bombardas!

NHECO.

Ha vinte e tantos annos que não tomo banho!



4.º MINISTRO.

Quem esperou tanto tempo, póde esperar mais duas horas!

1.º MINISTRO.

Vamos! Mande entrar os reus, ou fuzilo-o, com m cânhões!...

NHECO.

Este ferrabraz bem mostra ser ministro da guerra! (*A um gesto seu, entram Paulo e a princeza, escoltados por guardas, e cortezãos de ambos os sexos, ao som de uma marcha triste. Sentam-se todos. Os ministros em volta da mesa. Os cortezãos nos bancos. Os reus em bancos especiaes.*)

#### SCENA IV

OS MINISTROS, NHECO, CORTEZÃOS, GUARDAS, PAULO, a PRINCEZA, depois os ADVOGADOS

NHECO, (*approximando-se.*)

Como mestre de cerimonias que sou, vou proceder á leitura do artigo da Constituição do reino, que tem relação com o caso vertente. (*Tira a Constituição do bolso.*)

OS MINISTROS.

(*Tirando cada um a sua Constituição.*) Nós todos sabemos. (*Abrem os livros.*)

TODOS, (*menos os reus.*)

E nós! (*Estão todos de livro na mão; leitura geral do artigo duzentos. Lendo:*) « Artigo duzentos. Toda a pessoa real que, esquecendo o decoro quo deve a si propria e ao povo, der escandalo publico, será julgada por um conselho composto de quatro ministros de estado e, averiguado o delicto, condemnada á pena ultima. »

1.º MINISTRO.

Mande entrar os advogados. (*A um gesto de Nheco, entram os dois advogados*)

1.º ADVOGADO, (*muito alegre.*)

Meus senhores, minhas senhoras, bom dia.



2.º ADVOGADO, (*sorumbático.*)

Bom dia.

4.º MINISTRO.

Diabo! este aposto que é o da accusação!

2.º ADVOGADO.

Está enganado: sou o da defesa.

4.º MINISTRO.

Ah!

2.º ADVOGADO.

Mas acredite que é contra a vontade.... O meu desejo era vel-a morta....

TODOS.

Oh!...

1.º ADVOGADO, (*sempre muito alegre.*)

Pois eu, apesar de vir accusal-a, queria vê-la livre de culpa e pena. Que diabo! Amar nunca foi crime!

TODOS.

Oh!

1.º ADVOGADO, (*ao collega.*)

Uma proposta: vá o senhor accusal-a; eu irei defendel-a.

2.º ADVOGADO, (*vivamente.*)

Acceito.

1.º MINISTRO.

A seus logares, com mil duzentas e trinta e quatro espingardas! (*Os advogados tomam logares. Erguendo-se.*) Estão em presença deste tribunal.... porque, não sei si sabem, isto é um tribunal,—dois reus.

3.º MINISTRO.

Não apoiado!

2.º MINISTRO.

Como não apoiado?

2.º MINISTRO

Não são dois reus: é um reu e uma ré. (*Todos riem.*)



## 1.º MINISTRO.

Silencio! com cem cartuchos!—Cumpre-me fazer uma observação.... (*Ao quarto ministro que ainda se ri às gargalhadas.*) Esteja quieto, menino! (*O quarto ministro ri-se cada vez mais.*) O culpado é sua magestade, que fez ministro um fedelho, que ainda cheira a cueiros. (*O quarto ministro fica muito serio.*) Cumpre-me fazer uma observação. O julgamento do reu Paulo, aqui presente, era da competencia do jury popular; mas como o povo tem mostrado de algum tempo para cá certas tendencias democraticas, julgamol-o nós, para que não nol-o absolvam por lá.—O conselho.... porque, não sei si já lhes disse, isto é um conselho.... o conselho conhece a historia deste processo sumario: por denuncia de uma mulher do povo, o ministerio, que se achava reunido por amor do tractado de casamento de sua magestade, o ministerio foi encontrar a herdeira presumptiva da corôa em casa do pescador Paulo. Emquanto o rei tractava de dar uma mãe á princeza, esta comprazia-se talvez em dar um neto ao rei.—Vossa alteza tem que allegar alguma coisa em sua defeza?

## PRINCEZA.

Em minha defeza, não; mas na de Paulo: elle não sabia quem eu era.

## 3.º MINISTRO.

Vossa alteza namorava incognito?

## PAULO.

Nego! Eu sabia perfeitamente quem era sua alteza!

## 1.º MINISTRO.

Tem a palavra o advogado da accusação!

## COPLAS E CONCERTANTE

2º ADVOGADO, (*erguendo-se.*)

## I

Ha muito tempo eu não accuso  
Delicto assim tão desmarcado!

## UNS.

} Muito apoiado!

} OU ROS.

} Não apoiado!



2.º AVOGADO.

Senhores meus, tão grande abuso  
Deve de ser bem castigado !

(        UNS.  
  { Muito apoiado !  
     OUTROS.  
  { Não apoiado !

2.º AVOGADO.

Está na vossa consciencia.  
Que a tal indecencia  
Exemplo bom deve ser dado !

(        UNS.  
  { Muito apoiado !  
     OUTROS.  
  { Não apoiado !

2.º AVOGADO.

Mais não digo,  
Não prosigo !  
O que foi vós bem sabeis !  
Eu só queio,  
Só espero  
Que se cump. am nossas leis !  
(*Senta-se.*)

(        UNS.  
  { Muito apoiado !  
     OUTROS.  
  { Não apoiado !

1.º MINISTRO.

A palavra agora tem  
Da defeza o advogado.

1.º AVOGADO, (*erguendo-se.*)

II

O deus de amor tem uma venda :  
Cupido é muito endiabrado !

(        UNS.  
  { Muito apoiado !  
     OUTROS.  
  { Não apoiado !

1.º ADVOGADO.

Eu não sei mesmo o que defenda :  
No' é crime amar nem ser amado !

UNO.  
Muito apoiado !  
OUTROS.  
Não apoiado !

1.º ADVOGADO.

Está na vossa consciencia  
Não ser indecencia  
Ter a princeza um namorado !

UNO.  
Muito apoiado !  
OUTROS.  
Não apoiado !

1.º ADVOGADO.

Mais não digo,  
Não prosigo !  
Não é crime crime tal !  
Um namoro,  
Sem decoro,  
Nessa idade era fatal !

(Senta-se.)

PRINCEZA, (*levantando-se vivamente do lugar em que esta, e vindo á bocca da scena.*)

TANGO.

Amor tem fogo,  
Tem fogo amor ;  
Tem fogo intenso,  
Devorador !  
Põe-nos em jogo  
O coração,  
Nosso bom senso,  
Nessa razão !  
E lavra,  
Palavra !  
Sem descansar ;  
Começa  
Depressa,  
Custa a acabar....



TODOS.

(Erguendo-se machinalmente e acompanhando o can'to com um ligeiro movimento de corpo.)

Amor tem fogo,  
Etc., etc.

PAULO.

Todos amam: japonezes,  
Chinezes, inglezes,  
Francezes, maltezes,  
Portuguezes, cordovezes,  
Genovezes, irlandezes,  
Hamburguezes, lubequezes,  
Islandezes, holandezes,  
Genebrezes, escossezes !  
Aragonezes,  
Piemontezes,  
Dinamarquezes,  
Carthaginezes !

1.º AVOGADO.

Em vez de matal-os,  
Casal-os p'ra bem !

2.º AVOGADO.

Em vez de casal-os,  
Matal-os convem !  
Matal-os !

2.º AVOGADO.

Casal-os !

CORO.

Muito apoiado !  
Não apoiado !

(Disputa geral, animada e calorosa.)

CORO GERAL.

Amor tem fogo,  
Tem fogo amor ;  
Etc., etc.

1.º MINISTRO.

Toca a safar ! O conselho, porque saibam que isto é um conselho, tem que deliberar. (Os fidalgos retiram-se. Aos guardas.) Direita volver ! Marche ! (Os guardas saem.)



2.º MINISTRO.

Mas havemos de deliberar em presença dos reus ?

1.º MINISTRO.

Passemos á sala das deliberações. Senhor mestre de cerimonias, fica-lhe confiada a guarda destes dois pombinhos.—Vamos ! (*Ao terceiro ministro.*) Mexa-se !

2.º MINISTRO.

Tambem é tão gordo ! Vejam que barriga !

4.º MINISTRO.

Podéra ! é ministro das finanças !... (*Saem.*)

## SCENA V

PAULO, a PRINCEZA, NHECO

NHECO.

Vossa alteza provavelmente vae morrer.... Ao menos morre limpa.... Eu-parece que decididamente morro sem tomar banho ! Faça idéa vossa alteza de que hoje, logo pela manhan, introdução de vossa futura madraستا, augusta noiva de vosso augusto pae. Ao meio dia, preparação da sala do conselho. Eu pretendia tomar o meu banho, emquanto deliberavam; mas eis que me ordenam que vos guarde. E todos os dias são assim !

PRINCEZA.

Nheco, és meu amigo ?

NHECO.

Quem póde vêr-vos sem querer amar-vos ?

PRINCEZA.

Pois bem; si te mereço piedade, deixa-nos a sós um momento.

NHECO.

Dexar-vos a sós, serenissima princeza ? Vossa alteza não vio que me confiaram a vossa guarda ? Não, isso não faço eu ! O mais que posso fazer é fechar os olhos.... (*Cantolando.*)

Oh ! não faças cerimonias  
Com quem dellas mestre está....



PRINCEZA.

Nheco, tu nunca amaste?

NHECO.

Nunca tive tempo de tomar banho, quanto mais de amar....

PAULO.

Descance, que não fugimos.... Amamo-nos.... Precisamos da solidão e do silencio para desafoçar....

NHECO.

Ainda si eu tivesse tempo de metter-me n'agua....

PRINCEZA.

Anda.... faze-nos a vontade.... Antes de morrer, pedirei a meu pae que te aposente....

NHECO.

Com o ordenado por inteiro ?

PRINCEZA.

Sim.

NHECO.

Então, vá lá!... Si apanho a aposentação, hei de passar o resto dos meus dias mettido n'um tanque!—Até logo!  
(*Aparte.*) Não irei para muito longe.... Nada, que si fugissem.... (*Sae.*)

## SCENA VI

PAULO, a PRINCEZA

(*Correm um para o outro, abraçam-se e beijam-se ardentemente.*)

AMBOS.

Emfim!...

PAULO.

Que sorte nos aguardará?...

PRINCEZA.

E fui eu que te perdi....



PAULO.

Tu?! Oh! não! Não fallemos nisso....

PRINCEZA.

Vivias feliz e despreoccupado, em companhia dessa, excellente mulher a quem tanto deves, e que a estas horas treme pelo teu destino.... A caça.... a pesca.... era essa a tua existencia descuidada! Que fatalidade nos atirou nos braços um do outro!

PAULO.

Foi uma fatalidade, foi; mas não te recrimines, porque me considero feliz na minha desgraça! Morro contigo! Estava-me reservada essa ventura suprema!

PRINCEZA.

Meu pobre Paulo!

DUETTO

PAULO.

Que sorte funesta!

PRINCEZA.

Que funesta sorte!

PAULO.

Nada mais nos resta....

PRINCEZA.

Resta-nos a morte....

AMBOS.

Abrem-se os céus! Nas azas de ouro,  
A morte vae nos conduzir!  
Junctos, ó meu casto thesouro,  
A' eterna luz vamos subir!

PRINCEZA.

Castigo não se me afigura,  
Mas divinal, supremo bem,  
A doce paz da sepultura  
Que o fado meu trazer-me vem!

PAULO.

Eu morro satisfeito!  
Acaba a minha dôr!  
Gelado, negro leito  
Encontra o meu amor!



JUNCTOS.

PAULO.

PRINCEZA.

Eu morro satisfeito!  
Acaba a minha dôr!  
Gelado, negro leite  
Encontra o meu amor!

Serenas, ó meu peito,  
Acabas, minha dôr!  
Gelado, negro leite  
Encontra o meu amor.

NHECO, (*entrando.*)

Então ? vossa alteza já desafogou ? Era tempo ! Ahi volta o conselho !... (*A musica prolonga-se em surdina até o final da seguinte scena.*)

## SCENA VII

PAULO, a PRINCEZA, NHECO, os MINISTROS,  
os ADVOGADOS, CORTEZÃOS, GUARDAS

1.º MINISTRO.

Serenissima senhora, o tribunal, porque, afinal de contas, por mais que me digam, isto é um tribunal.... O tribunal, dizia eu, usando da faculdade que lhe faculta o artigo duzentos da Constituição do reino, acaba de proferir a sentença, que tem de ser cumprida tanto por vossa alteza como pelo individuo Paulo. Estaes ambos condemnados á pena ultima.

2.º ADVOGADO.

Appello !

1.º MINISTRO.

Não ha appellação nem agravo !—Guardas, sentido, com tres mil buxas ! Meia volta á direita, e prendam ! prendam ! (*Tres guardas levam Paulo e tres a princeza. Saem todos graves e silenciosos, como entraram. A scena fica só por alguns momentos. Cessa a musica.*)



## SCENA VIII

o BARÃO, a DUQUEZA, depois EL-REI

(A duqueza entra afflicta; o barão acompanha-a no mesmo estado de agitação.)

DUQUEZA.

Não ha remedio sinão confessar tudo a el-rei !

BARÃO.

Eu perco a cabeça !—E perco mesmo : isto não é figura de rhetorica... Vê vossa excellencia como o demo as arma, duqueza....

DUQUEZA.

Estou resolvida a tudo, comtanto que salve minha filha !

BARÃO.

Nossa filha, duqueza....

DUQUEZA, (de mau humor.)

Nossa filha, barão !

COPLAS

I

Por minha filha salvar  
Do cadafalso,  
Mal passos pretendo dar,  
Embora em falso....  
Soffrerei negra afflicção,  
Eterna magua,  
Si der minha pretensão  
C'os burros n'agua !

Sou muito forte,  
Mas desvelada ;  
Desesperada,  
Nervosa estou !  
Quem já vio sorte  
Que mais capriche ?  
Madre infelice,  
Misera sou !



## II

Para salva-a verá  
Que me rebaixo,  
Embora o throno se vá  
Por agua abaixo !  
Si não lhe alcanço o perdão....  
Qu'escaramuça !  
Hei de pintar o Simão  
De carapuça !

Sou muito forte,  
Etc., etc.

BARÃO.

Ahi vem sua magestade. Falle-lhe, que não tenho animo para isso. Uf ! Não me posso ter nas pernas !

EL-REI.

(*Entrando, angustiado.*) Barão, barão ! andava á tua procura, meu velho amigo ! Tenho-te buscado por toda a parte ! Onde te metteste ?

BARÃO.

Estava receitando : vossa magestade soffreu um violento abalo moral : precisa medicar-se. A receita, cuja confecção levou-me tres horas, já foi enviada para a botica.

EL-REI.

Quem te falla aqui em despeza.... quero dizer : em receita ? O que eu quero é salvar minha filha ! Põe-te em meu lugar : faze de conta que és seu pae ! Faça de conta que é sua mãe, duqueza. — Tu, que tanto a estimas, barão, não te lembras de algum meio ? Não se póde sophismar aquelle maldito artigo duzentos ?

DUQUEZA.

(*Irresoluta, ao barão.*) Vae ?

BARÃO.

Vá ! Um, dois, e.... tres !

DUQUEZA.

(*Resoluta.*) Saiba vossa magestade que a princeza, si ama o pescador Paulo, não leza a magestade, nem offende o povo, que a venera.



EL-REI.

Porque?

DUQUEZA.

Porque ama a um príncipe!

BARÃO.

(*Comsigo*) Um, dois, e.... tres! (*Alto.*) Real senhor, o príncipe Paulo é vosso filho!

EL-REI.

Meu filho!....

BARÃO.

Vossa magestade lembra-se do que me disse ha vinte annos, quando vossa real esposa estava para dar á luz? « Doutor, ha de ser uma menina ou ... Tur, lu, tu, tu, tur, lu, tu, tu.... verás quem é el-rei Caju! » Ora, como a creança que estava para nascer era um menino e não uma menina, procurei uma menina para substituir o menino, levei o menino para fóra, eduquei-o longe das vistas de vossa magestade, e a menina tem até hoje passado por vossa filha. Acontece que vinte annos depois desta trapaalhada, a menina apaixonou-se pelo menino, o menino pela menina, e....

EL-REI, (*interrompendo-o tragicamente.*)

Horror! horror! tres vezes horror! As abobadas deste palacio repercutam ainda uma vez esta palavra: Horror!... e esta outra: Horror!

BARÃO.

E' a mesma.

EL-REI.

Afinal de contas, tiveste razão. O teu dever era salvar a propria vida. Isso não impede, porém, que houvesse feito uma grandissima maroteira!

BARÃO.

Foi por instincto de conservação.

EL-REI.

Por isso é que o rapaz parece-se tanto com minha mulher! Porisso é que sympathiso tanto com elle....



A DUQUEZA.

A natureza, oh ! a natureza !...

EL-REI.

Mas quem é o pae de minha filha ? quero dizer—da sup-  
posta princeza ? Não lh'a entrego nem a cacete ! (*Terrível.*)  
De quem é filha ?... Responde !...

TERCETTO

BARÃO.

E' minha filha !  
Seu papae sou !

DUQUEZA.

E' sua filha !  
Quem tal pensou ?

EL-REI.

E' sua filha !  
Seu pae não sou !  
Cruel partilha,  
Desgraça pura,  
A sorte escura  
Me reservou !

BARÃO.

I

Sob este corpo cansado  
Que o tempo quasi vergou,  
Sob este corpo, coitado !  
Um coração já pulsou...  
Na flôr de minha existencia  
Todo aos estudos me dei ;  
Namorado da sciencia,  
Em vez de amar, estudei.

Por isso,  
Ah ! Ah !  
Por isso,  
Ah ! Ah !  
Tive somente um derrico,  
Olá !



## II

Cataplasmas e calmantes,  
 Ungentos e fricções;  
 Laxantes e mais laxantes;  
 Cerotos, basilicões,  
 Suifatos, plantas, alteias,  
 Tudo o mais, que não direi,  
 Foi com essas panacéas  
 Que a mocidade passei!  
 Por isso,  
 etc., etc.

EL-REI.

E esse derriço foi, barão, que te valeu  
 A filha que passou por ser trabalho meu?

(A um gesto affirmativo do barão.)

Passei por pae de quem não era!  
 Passo por pae de quem não sou!  
 Punido has de ser tu, podéra!  
 Um juramento aqui te dou!

Ah!...

(Dá uma grande volta pela scena, parodiando os artistas lyricos italianos, e vem requebrar-se perto da duqueza.)

Oh! je t'aime, je t'aime! je t'aime!  
 Deixa, ó bella, dizer-t'o em francez!  
 Vê, meu anjo, vê que a voz me treme!  
 Oh! je t'aime, je t'aime em francez!

JUNCTOS.

EL-REI.

Oh! je t'aime, je t'aime, je t'aime!  
 Etc., etc.

BARÃO.

Que ella o ama, que o ama, que o ama,  
 Caso é certo, mesmo sem francez!  
 Ora, faça a vontade á madama!  
 Ora, faça, que o peço por tres!

DUQUEZA.

Oh! je t'aime, je t'aime, je t'aime,  
 Oh! je t'aime, meu bem, como vês!  
 Vê, meu anjo, vê que a voz me treme...  
 Oh! je t'aime, je t'aime em francez!

(O barão e el-rei dão junctos outra volta por toda a scena, prolongando a ultima nota, que a duqueza corta de subito, tapando-lhes as boccas quando descem á scena, e cantando.)



DUQUEZA.

Pois si me adoras,  
Como protestas  
E como atestas,  
Meu coração,  
Oh ! tu que um'alma  
Tens, e tão boa,  
Meu bem, perdôa,  
Dà-lhe o perdão !

JUNCTOS.

DUQUEZA.

Pois si me adoras,  
Etc., etc.

EL-REI.

Eu que te adoro,  
Oh ! pura ! honesta,  
Mulher modesta,  
Meu coração,  
Hei de, que o pedes,  
Hei de lançar-lhe  
Hei de atirar-lhe,  
O meu perdão !

BARÃO.

Si és bom sab'rano,  
Como protesta  
E como atesta  
Teu coração,  
Oh ! tu que um'alma  
Tens, e tão boa,  
O' rei, perdôa,  
Dá-me o perdão !

EL-REI.

Mas sem castigo não desejo eu que fique este mariola !...

DUQUEZA.

E' melhor que as coisas fiquem no pé em que estavam.  
—Vossa magestade tem amor de pae á princeza, não tem ?

EL-REI.

Por força.

DUQUEZA.

O principe Paulo passará por filho de sua magestade o rei da ilha da Guarda-Velha.

EL-REI.

O meu augusto visinho ?

A DUQUEZA.

Depois de entender-me com elle, annuirá ao meu pedido, e perfilhal-o-ha.

BARÃO.

(*Aparte.*) Hum....



EL-REI.

Sim, podemos contar com o assentimento do collega, que nada te recusa, como já me disseste. Demais, sabendo que o Paulo é meu filho....

BARÃO.

(*Timidamente.*) E' verdade.

EL-REI.

Bico, senhor barão.—Senhor barão! Nada! De hoje em diante não é mais barão! Si está feito barão por ter nascido uma menina! Estás elevado a visconde, maroto! E' o teu castigo!—Vae chamar essa sucia! (*O barão sae.*) Vou annular o julgamento.... e, para segurança de minhas netas, convocar uma constituinte, para revogar o tal artigo duzentos. (*Volta o barão.*)

## SCENA IX

EL-REI, o BARÃO, a DUQUEZA, NHECO, os MINISTROS, os ADVOGADOS, FIDALGOS, FIDALGAS, GUARDAS, depois PAULO, a PRINCEZA.

EL-REI.

Trazei minha filha e sua alteza o principe Paulo para esta sala!

TODOS.

O principe Paulo!

DUQUEZA.

Esse que suppondes um simples pescador....

BARÃO.

O reu.

EL-REI.

E' um principe disfarçado. Tudo isto foi uma comedia. Queria experimentar-vos. Sois integros.

1.º MINISTRO.

(*Aos guardas.*) Direita volver! Ide buscar os reus, com trinta mil carabinas! (*Saem os guardas e voltam com Paulo e a princeza.*) Está portanto annullada a sentença



proferida pelo conselho, sim, que aquillo, digam o que quizerem, foi um conselho.

EL-REI.

(A Paulo que entra com a princeza e os guardas.)  
Príncipe Paulo, dê cá um abraço !

PAULO.

Príncipe ! !...

BARÃO.

(A Paulo.) Tudo será mais tarde explicado a vossa  
Alteza.

PAULO.

Alteza ! ...

EL-REI.

(Depois de abraçar e beijar o príncipe.) Dê a mão á  
princeza : é sua !

PRINCEZA.

Paulo !

PAULO.

E Thereza ? Uma vez que sou príncipe ...

BARÃO.

Não vos dê cuidado.

EL-REI.

O barão não deve ficar impune. Mas.... qual deve ser o  
castigo ?

UM LACAIO.

(Entrando, acompanhado de dois homens que trazem  
grandes caixas.) Aqui estão os remedios de vossa mages-  
tade, receitados pelo senhor barão. A botica ficou vazia.

EL-REI.

Leva-os para fóra, (Saem o laçao e os homens. Ao  
barão.) Querias que eu ingerisse aquella pharmacia ? Por  
causa do meu abalo moral, não é assim ? Mas como a filha  
era tua e não minha, tu é que has de tomar aquellas dro-  
gas ! (Aparte.) Achei um castigo....

BARÃO.

(Aparte.) Morri.



EL-REI, (tomando a mão da duquesa.)

Apresento minha noiva á côrte. (A' princeza e a Paul  
Casar-nos-emos no mesino dia... (Grandes mesuras  
cortezãos.)

FINAL

CÔRO GERAL.

Viva el-rei Caju !

Viva o

Rei Caju !...

PRINCEZA.

E', papae, do meu agrado,  
Seja Nheco aposentado.

EL-REI.

Ha de ser aposentado !

NHECO.

Si aposentação apanho ,  
Oh ! que permanente banho !

PAULO.

O meu petido é mais serio:  
Deite abaixo o ministerio !

EL-REI.

Caia, pois, o ministerio !

(A um gesto seu, os ministros caem no chão.)

COPLA AO PUBLICO.

Sei que o desejo, e unico,  
Dos miseros auctores,  
Meu respeitavel publico,  
E' de fazer-te rir ;  
Assim pois á comedia  
Dispensa os teus favores,  
E seja o ministerio  
O unico a cair.

Tur lu tu tu,

Tur lu tu tu !

Eis o que quer el-rei Caju !

CORO GERAL.

Tur lu tu tu,

Tur lu tu tu !

Eis o que quer el-rei Caju !...



# BIBLIOTHECA THEATRAL

ARTHUR AZEVEDO

## D<sup>6</sup>OTE

Comedia

em

3

Actos



LIVRARIA LUSO-BRASILEIRA

DE

M. PIEDADE & C<sup>ª</sup> EDITORES

RUA DA ASSEMBLEA N<sup>º</sup> 46 ÷ RIO DE JANEIRO













*Laura L. B.*

## O DOTE

COMEDIA EM 3 ACTOS

---

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro,  
no theatro Recreio Dramatico, pela

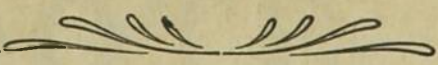
COMPANHIA DIAS BRAGA  
em 8 de Março de 1907

## PEÇAS ORIGINAES DE ARTHUR AZEVEDO

---

- A almanjarra,—com. em 2 actos.  
Amor por annexins,—com. em 1 acto.  
O anjo da vingança,—dr. em 3 actos, com Urbano Duarte.  
O badejo,—com. em 3 actos, em verso.  
O barão de Pituassú,—com.-op. em 4 actos.  
O bilontra,—rev. em 1 prologo e 3 actos, com Moreira Sampaio.  
A Capital Federal,—burleta em 3 actos.  
O carioca,—rev. em 1 prologo e 3 actos, com Moreira Sampaio.  
Comeu!—rev. em 4 actos.  
Casa de Orates,—com. em 3 actos, com Aluizio Azevedo.  
A Donzella Theodora,—opereta em 3 actos.  
E mettam-se!—com. em 1 acto.  
Entre o vermuth e a sopa,—com. em 1 acto.  
O escravocrata,—dr. em 3 actos, com Urbano Duarte.  
A Fantasia,—rev. em 3 actos.  
A Fonte Castalia,—fant. comica em 3 actos.  
Fritzmack,—rev. em 1 prologo e 3 actos, com Aluizio Azevedo.  
Gavroche,—rev. em 3 actos.  
Guanabarina,—rev. em 3 actos, com Gastão Bousquet.  
O Homem,—rev. em 3 actos, com Moreira Sampaio.  
O Jagunço,—rev. em 3 actos.  
Joanico,—opereta em 1 acto.  
A joia,—com. em 2 actos, em verso.  
Kellar e Fagundes,—entre-acto comico.  
O Liberato,—com. em 1 acto.  
O Major,—rev. em 1 prologo e 3 actos.  
O Mambembe,—burleta em 3 actos, com José Piza.  
O Mandarim,—rev. em 1 prologo e 3 actos, com Moreira Sampaio.  
A Mascote na roça,—com. em 1 acto.  
Mercurio,—rev. em 3 actos, com Moreira Sampaio.  
Uma noite em claro,—com. em 1 acto.  
Os noivos, opereta em 3 actos.  
O oraculo,—com. em 1 acto.  
A pelle de lobo,—com. em 1 acto.  
A princeza dos Cajueiros,—opereta em 3 actos.  
Pum! — burleta em 3 actos e 6 quadros, com Eduardo Garrido.  
Republica,—rev. em 1 prologo e 3 actos, com Aluizio Azevedo.  
O retrato a oleo,—com. em 3 actos.  
O Rio de Janeiro em 1877,—rev. em 1 prologo e 3 actos, com Lino de Assumpção.  
O Tribofe,—rev. em 3 actos.  
Uma consulta,—com. em 1 acto.  
Uma vespera de Reis na Bahia,—com. op. em 1 acto.  
A viuva Clarck,—burleta em 3 actos.  
Viagem ao Parnaso,—rev. em 3 actos.





A

*Julia Lopes de Almeida*

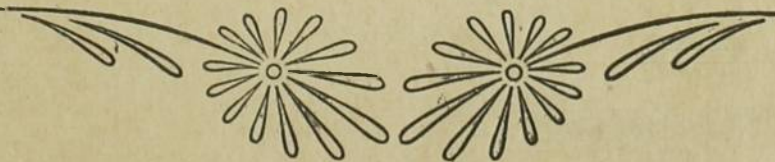
Auctora da scintillante chronica

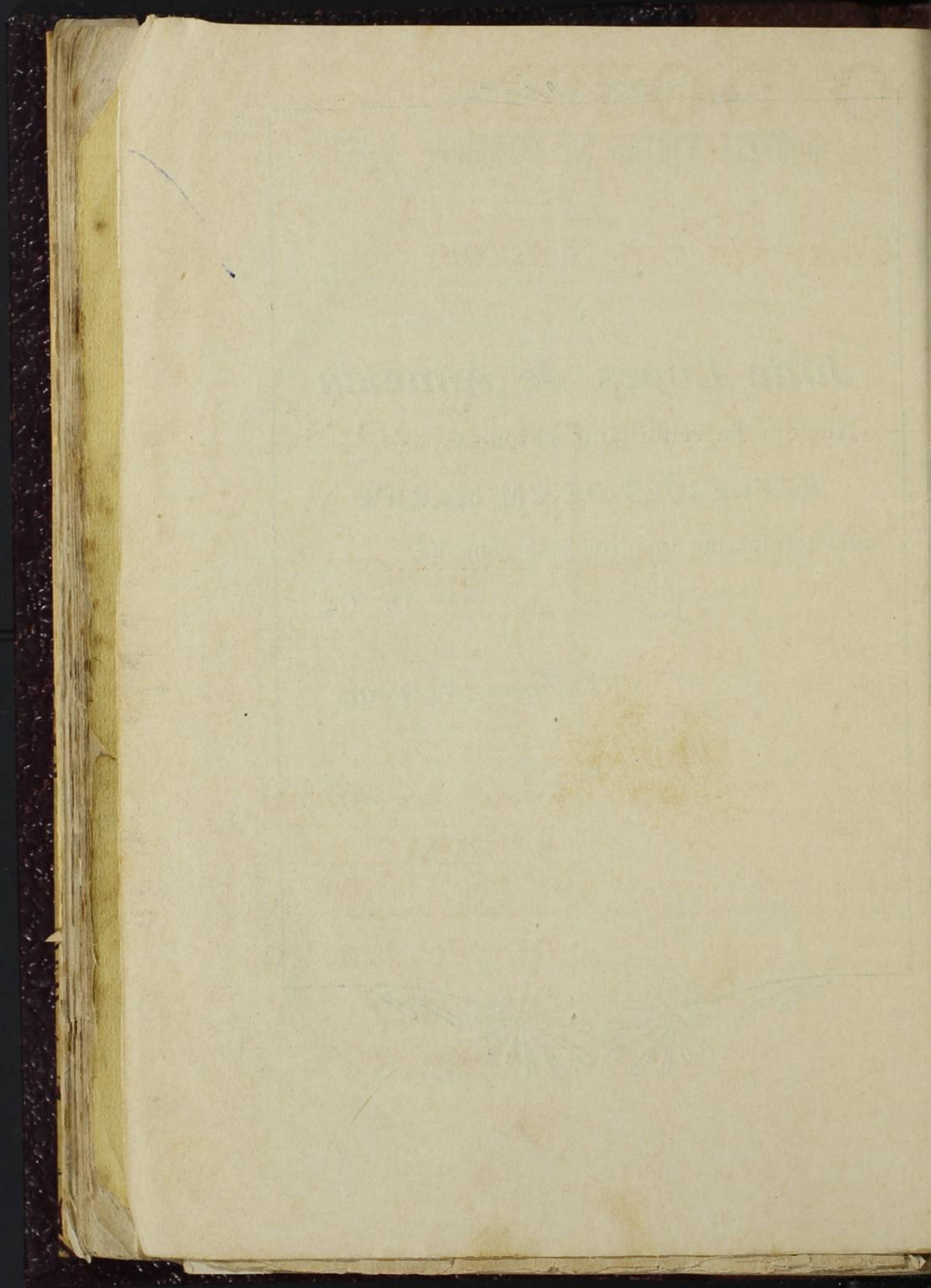
"REFLEXÕES DE UM MARIDO"

cuja leitura me inspirou esta comedia.

O. D. C.

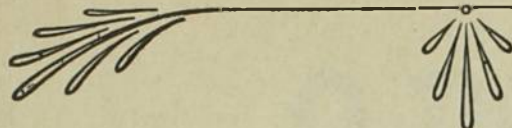
*Arthur Azevedo.*







# O DOTE



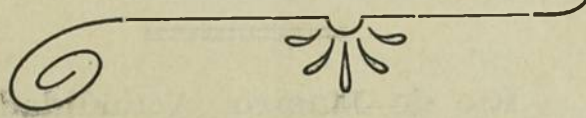
*Comedia em 3 actos*

POR

*Arthur Azevedo*

DA

ACADEMIA BRAZILEIRA



Livraria Luso - Brasileira

M. PIEDADE & C. (Editores)

46 - RUA DA ASSEMBLÉA - 46

Rio de Janeiro

1907



## PERSONAGENS

---

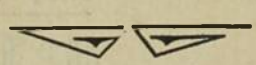
|                         |                           |
|-------------------------|---------------------------|
| <b>Henriqueta</b> ..... | D. Lucilia Peres.         |
| <b>Isabel</b> .....     | D. Helena Cav alier.      |
| <b>Angelo</b> .....     | Sr. Antonio Ramos.        |
| <b>Rodrigo</b> .....    | Sr. Marzulo.              |
| <b>Ludgero</b> .....    | Sr. Alfredo Silva.        |
| <b>Pae João</b> .....   | Sr. Claudino de Oliveira. |
| <b>Lisboa</b> .....     | Sr. Dias Braga.           |
| <b>Espozende</b> .....  | Sr. Domingos Braga.       |

---

Rio de Janeiro. Actualidade

---

Ensaaiador, SR. ERNESTO PORTULEZ.  
Scenographo, SR. CHRISPIM DO AMARAL.





# O DOTE

## ACTO PRIMEIRO

Gabinete de trabalho de Angelo —  
Estantes com livros — Secretária ato-  
petada de papeis — Porta ao fundo  
— Porta á direita — E' dia.

### SCENA I

**Angelo, depois Pae João**

[ *Angelo trabalha sentado á secretária. Depois de alguns momentos, Pae João, preto mina nonagenario, entra pelo fundo.* ]

PÆ JOÃO

Siô moço doutlô !

ANGELO, *sem levantar os olhos do trabalho.*

Que é, pae João ?

PÆ JOÃO

Ta ahi o zoalelo da lua d'Ouvidlô.

ANGELO

O joalheiro ? — Eram favas contadas ! — Manda-o entrar.

PÆ JOÃO, *indo ao fundo e falando para fóra.*

Faze favlô. [ *Entra Espozende, Pae João sae.* ]

SCENA II

Angelo, Espozende

ESPOZENDE

Sr. doutor...

ANGELO

Boa tarde, sr. Espozende. Queira sentar-se. [*Indicallhe uma cadeira, perto da secretária.*]

ESPOZENDE

Estou bem, doutor.

ANGELO

Obriga-me a levantar-me. Sente-se. Ahi tem uma cadeira.

ESPOZENDE

Obrigado. [*Senta-se.*]

ANGELO

Já sei o que o traz. Minha mulher esteve no seu estabelecimento, escolheu uma joia, e mandou-me a conta para que eu a pagasse.

ESPOZENDE

Como das outras vezes.— O doutor desculpará tanta promptidão na cobrança, mas foi sua senhora mesmo quem insistiu para que eu viesse já, que o encontraria em casa. Aqui está um bilhetinho d'ella. [*Dá um papel a Angelo.*]

ANGELO, lendo

«Angelo — Paga esse annel — Tua, Henriqueta.» E' uma ordem á vista.



ESPOZENDE

E não póde ser mais laconica.

ANGELO

E o anel ?

ESPOZENDE

Está com ella. O que trago é a nota com o recibo.

ANGELO

Dê cá. [*Lendo a conta e erguendo-se de um salto,*] Tres contos de réis !...

ESPOZENDE

Ah! meu senhor, é um diamantino da mais pura agua! Era a joia das minhas joias!

ANGELO

Não duvido, mas... tres contos !...

ESPOZENDE

Tres contos que continuarão a ser dinheiro em caixa. Em joias ninguem se arruina. Quando são boas, não perdem o valor.— Quer saber ? ante-hontem vi exposta na Hortulania uma parasita com o preço marcado: seiscentos mil réis. Hontem já lá não estava. Perguntei se a tinham vendido. Dez que fossem!— Imagine agora que sua senhora, em vez de gostar de joias, gostava de parasitas...

ANGELO, *que durante a fala de Espozende foi a um movel buscar um caderno de cheques do Banco, e se sentou de novo á secretária.*

Isso é verdade.

ESPOZENDE

«Angelo. Paga essa parasita. Tua, Henriqueta.» Era

um pouco mais caro. [*Vendo que Angelo se dispõe a encher um cheque.*] E' um cheque? Escreva apenas dous contos oitocentos e cincoenta mil réis.

ANGELO

Pois não são tres contos?

ESPOZENDE

São; mas adoptei agora o systema de dar aos maridos, particularmente, cinco por cento sobre todas as compras feitas pelas senhocras.

ANGELO

Quanta generosidade!

ESPOZENDE

Generosidade, não: philosophia. Tambem eu já fui casado; sei o valor que as senhoras dão ao dinheiro, e a facilidade com que o gastam.

ANGELO

Pagou tambem muita joia?

ESPOZENDE

Paguei sim senhor, e foi por isso que me fiz joalheiro. Este abatimento é...

ANGELO

Uma especie de ficha de consolação.

ESPOZENDE

Isso!

ANGELO, *erguendo-se e entregando o cheque.*

Obrigado pela commissão do marido.



ESPOZENDE

Não ha de que. [*Estendendo-lhe a mão.*] Dá-me licença?

ANGELO

Passar bem, sr. Espozende.

ESPOZENDE

Sempre ás suas ordens. Lá estamos. [*Sae.*]

### SCENA III

**Angelo, Pae João, depois Rodrigo**

[*Scena muda em que Angelo indica o desgosto que lhe causou aquella despeza inutil — Contempla o caderno de cheques, abanando a cabeça, e depois vae guardal-o no movei de onde o tirou — Senta-se á secretária, e dispõe-se a trabalhar; mas vê a conta deixada pelo joalheiro, e examina-a de novo; depois atira-a sobre a secretária, e fica pensativo, apoiando a cabeça na mão — Entra Pae João muito contente.*]

PAE JOÃO

Siô moço doutlô! [*Angelo não ouve.*] Siô moço doutlô!

ANGELO, como que despertando.

Hein?

PAE JOÃO

Tava dlomindo?

ANGELO

Não; estava pensando.

PAE JOÃO

Divina quem tá'ahi !

ANGELO

Quem é ?

PAE JOÃO

Siô doutlô Lodligo !

ANGELO, *erguendo-se de um salto.*

Rodrigo !...

PAE JOÃO. *falando para fóra.*

Entla, siô doutlô !

[*Entra Rodrigo — Vestuario claro de viagem.*]

RODRIGO

Onde está o grande homem ? [*Vendo Angelo.*] Ah !  
[*Atiram-se nos braços um do outro, com effusão.*]

ANGELO

Eu só contava contigo d'aqui a um mez.

RODRIGO

Antecipei a minha viagem por causa do frio. Vi cahir tanta neve, que tive a nostalgia do sol ! Não te mandei dizer nada para causar-te uma surpresa.

ANGELO

Fizeste mal. Eu e minha mulher teríamos prazer em ir buscar-te a bordo.

RODRIGO

Com uma banda de musica ? Ella como vae ?

ANGELO

Minha mulher ? Perfeitamente !



RODRIGO

E o bêbê ? Vem por ahi ?

ANGELO

Nem signal !

RODRIGO

Isso é que é máo.

ANGELO

Mas como estás bem dispcsto ! Remoçaste,— sabes ?

RODRIGO

Ah ! meu amigo, não ha como viajar ! — E tu ? Tens gozado sempre saude ?

ANGELO

Graças a Deus.

RODRIGO, *batendo affectuosamente no hombro de Pae João*

E o nosso Pae João, a reliquia de familia ?... Sempre forte, heim ?

PAE JOÃO

Flote, non, siô doutlô... mase vae se vivendo.

ANGELO

Não ha mal que lhe entre !

RODRIGO

Que idade tem vocemecê, Pae João ?

PAE JOÃO

Non sabe, non siô... mase pae Zoão é muito velo... muito velo...

RODRIGO

Vocemecê viu enforcar o Tiradentes ?

ANGELO

Não; mas se fazes questão de um facto historico, fica sabendo que ahi onde o vês assistiu á partida de Pedro I depois do 7 de Abril.

RODRIGO

Devéras ?

PAE JOÃO

Si siô... na praia de Santa Luzia... Pae Zoão ela moleque assim... [*Indica o tamanho.*] Quando navio passou, praia tava assim de zente... flutaleza dava tilo... povo turo çolava, pluque tinha pena do impeladlô... Eh ! eh ! pae Zoão tá muito velo... tá muito velo... [*Sae.*]

#### SCENA IV

Angelo, Rodrigo

RODRIGO

Ora, Pedro I partiu...

ANGELO

Em 1831.

RODRIGO

Pae João deve ter noventa annos.

ANGELO

Pelo menos.

RODRIGO

Isto é que é viver !

ANGELO

O amor não envelhece. Elle em toda a sua vida não tem feito outra coisa senão amar. Chegou áquella idade



e não admitte que o senhor moço doutor tenha outro creado senão elle. Se eu o aposentasse, matal-o-hia.

RODRIGO

Coitado ! — é teu amigo... viu-te nascer...

ANGELO

Viu nascer minha mãe. [*Outro tom.*] Mas tratemos de ti... Apreciaste muita coisa boa por esse velho mundo, heim ?

RODRIGO

Sim, apreciei muita coisa boa durante estes dous annos, mas passei a maior parte do tempo nas escolas e nos hospitaes... A medicina continúa a ser a minha paixão dominante e o meu desespero.

ANGELO

Ora o teu desespero porque ?

RODRIGO

Porque seria preciso viver tanto como Pae João e ser um genio para saber tudo ! — Mas onde está tua mulher ? Estou morto por vel-a !

ANGELO

Sahiu. O pae e a mãe vieram buscal-a e andam a saracotear na rua do Ouvidor e na Avenida.

RODRIGO

E's feliz ?

ANGELO

Adoro minha mulher.

RODRIGO

Não é isso que pergunto. Pergunto se és feliz.

ANGELO

Naturalmente... Pois se a adoro ! Não poderia adoral a se não fosse feliz... nem poderia ser feliz se não a adorassem...

RODRIGO

Essa resposta é de quem não é feliz.

ANGELO

Já vejo que voltaste o mesmo homem.

RODRIGO

Tu conheces as minhas idéas a respeito do casamento. Marido e mulher só podem ser absolutamente felizes quando se identificam um com o outro a ponto de se confundirem n'uma só individualidade. O casamento só é venturoso quando a mulher possa repetir ao marido e o marido á mulher o famoso verso do padre Caldas :

Eu e tu somos só eu.

ANGELO

Isso é muito raro.

RODRIGO

Tão raro como os casamentos felizes. Olha, se eu estivesse presente, não te casarias com tanta facilidade. Mas tu aproveitaste a minha viagem... fizeste como as crianças travessas quando pilham os paes descuidados. Torço as orelhas por não te haver levado commigo !

ANGELO

Quem te ouvisse falar, não sei o que poderia suppôr.



RODRIGO

Nalgumas das cartas que me escreveste pareceu-me entrever uns começos de arrependimento...

ANGELO

Oh !

RODRIGO

Desculpa-me esta franqueza brutal, mas eu sou teu amigo desde que eras pequeno, e tua mãe — tua santa mãe — considerava-me teu irmão mais velho. (*Pausa*). Tu não és feliz. Tua mulher tem defeitos.

ANGELO

Não, não tem defeitos... tem um defeito, um defeito só... um defeito de educação... aliás corrigível.

RODRIGO

Mas que não tens podido corrigir.

ANGELO

Porque sou fraco... Nas tuas mãos ella seria uma mulher perfeita.

RODRIGO

Já sei... a menina é ciumenta...

ANGELO

Não... isto é... não é mais nem menos ciumenta do que em geral as moças brasileiras... Ciumes tolos... fantasias...

RODRIGO

Vamos lá ! tu... em solteiro...

ANGELO

Em solteiro ; depois de casado... Homem já te disse que adoro minha mulher !

RODRIGO

Mas vamos ! qual é o seu defeito ?

ANGELO

E' perdularia !... deita o dinheiro aos punhados pela janella fóra !...

RODRIGO

Bonito !

ANGELO

Quando a vi pela primeira vez, numa corrida do Derby...

RODRIGO

Escusas de contar-me a historia dos teus amores : estou farto de sabel-a pelas tuas cartas. E', *mutatis mutandis*, a historia de todos os casamentos. Dous olhares, dous sorrisos, duas cartas, dous beijos, e acabou-se.— Quem é aquella mulher ? — Não sei, não quero saber ; só sei que é bonita, que a amo, e que não poderei possuil-a sem a levar ao pretor e ao padre. — Mas sabes tu ao menos que familia é a sua ? que educação recebeu ? qual foi o seu passado de virgem ? — Oh ! oh ! as virgens só têm passado quando deixam de o ser ! — Vamos, dize-me : que especie de gente são os teus sogros ?

ANGELO

O pae é meu collega.



RODRIGO

Teu collega?

ANGELO

E', como toda a gente, um bacharel formado.

RODRIGO

Cita o auctor.

ANGELO

Guerra Junqueiro.

RODRIGO

Adeante. Elle advoga?

ANGELO

Não. Vive de alguns vintens que herdou do pae. Tem uma fazenda no Estado do Rio. E' de uma ignorancia, ou antes, de uma parvoice phenomenal. Quer que o supponham rico, e apparenta grandezas que não tem nem pôde ter.— A mãe é uma senhora intelligente e sensata, mas a sua intelligencia e o seu bom senso capitulam invariavelmente diante das opiniões do marido. Por isso vivem como Deus e os anjos.

RODRIGO

Eu e tu somos só eu : elle é tolo, ella é pusillanime : são ambos felizes.

ANGELO

Henriqueta é filha unica. Foi educada como filha de millionarios. Viu desde pequenina satisfeitos os seus caprichos ainda os mais extravagantes, e habituou-se a isso. Trouxe de dote cincoenta contos que, reunidos ao que me restava da herança de minha mãe, e ás minhas economias,



prefizeram mais de duzentos contos. Quasi metade desse capital foi todo absorvido pela compra desta casa, mobilia, alfaias, objectos de arte, etc., tudo exigencias della. Da outra metade já pouco, muito pouco resta. Um verão em Petropolis, uma assignatura no Lyrico, um *coupé*, uma caleça, duas parelhas de cavallos, muitas joias, alguns jantares, bailes, toilettes, etc... Parece que não é nada... tem sido um sorvedouro de dinheiro !...

RODRIGO

O diabo foi ella trazer-te os taes cincoenta contos.

ANGELO

Foi o diabo, foi ! Todas as vezes que tento reagir contra os seus desperdicios, ella atira-me á cara o seu dote ! Ora, o seu dote ! Onde vae o seu dote ! E não é só ella ; é tambem o pae ! E' o dote de Henriqueta p'ra cá, o dote de Henriqueta p'ra lá ! De modo, meu amigo, que estou completamente atado pelo diabo desse dote ! — Minha mulher não sae á rua que não gaste muito dinheiro ! Compra joias... joias inuteis... Olha... ainda hoje... [*Mostrando-lhe a conta que ficou sobre a secretária.*] Um annel de tres contos de réis !... E talvez não fique nisto !... [*Entra Pae João, trazendo uma caixa de chapéo e uma conta.*]

SCENA V

Os mesmos, Pae João

PAE JOÃO

Tá qui sinhá Henliqueta mandou, pla siô moço doutlô pagá.



ANGELO

Que digo eu? [*Vendo a conta.*] Um chapéo modelo, 150\$000. Justamente a commissão do marido.

RODRIGO

Que commissão?

ANGELO

E' cá uma coisa. [*A Pae João.*] Deixa ficar essa caixa ahí sobre a secretária, e toma... [*Dando-lhe dinheiro.*] Dá estes cento e cincoenta mil réis ao portador.

PAE JOÃO

Si, siô. [*Sae.*]

## SCENA VI

**Angelo, Rodrigo**

ANGELO

Com este é, talvez, o decimo chapéo que ella compra este anno.

RODRIGO

Tem graça. Eu trouxe-lhe tambem um, de Paris. Tenho nas malas muitos presentes para ti e tua mulher.

ANGELO

E nada me dizes sobre o que te acabo de expôr?

RODRIGO

Digo-te, sim... lá chegaremos... tenho muito, muito que te dizer. Antes de mais nada, deixa que eu admire

não tenhas exposto a tua mulher a situação com tanta sinceridade e clareza como acabas de o fazer a um amigo.

ANGELO

Ella está persuadida de que somos ricos. A verdade causar-lhe-ia um desgosto profundo, e não quero desgostal-a, porque, como já te disse, adoro-a... Adoro-a, e, fica sabendo, Rodrigo, á parte esse defeito de ser gastadora, não lhe conheço outro... E' a mais meiga, a mais carinhosa, a mais amante das esposas. Mas que queres? Todas as vezes que lhe falo em economias, desata a rir! Ri como se lhe eu houvesse dito uma pilheria... De resto, ella ri de tudo... passa a vida a rir... e o seu riso é communicativo e sonoro. Não toma nada a serio. E' uma Froufrou.

RODRIGO

Uma Froufrou pobre.

ANGELO

Que se suppõe rica.

RODRIGO

Pois é preciso, é urgente desvanecer-lhe essa illusão, embora o faças com todas as precauções e cautelas, como se lhe désses a noticia da morte de um parente.

ANGELO

Talvez me falte o animo.

RODRIGO

Se ella te ama, como creio, conformar-se-á com a sorte, e acceitará resignada a pobreza do casal; se te não ama, adeus! que vá passear!



ANGELO

Oh !

RODRIGO

Para que precisas tu de uma mulher que te não ame ?

ANGELO

Mas se essa mulher é a minha ?

RODRIGO

Tua ? Uma mulher que te não ama não póde ser tua !

ANGELO

E quando me não amasse ? Amo-a eu, e não me sinto com forças para viver sem ella !

RODRIGO

Mas se tambem não te sentes com forças para aguentar o repuxo ? Quem não póde com a carga, arrea !

ANGELO

Ou deixa-se esmagar por ella ! Que diabo ! Vê que não se trata da minha amante, mas da minha esposa.

RODRIGO

E a dar-lhe ! O que te aconselho apavora á primeira vista, mas é honesto e sensato. Enche-te de coragem, chega-te á tua mulher, e dize-lhe:— Menina, estamos sem vintem; os teus cincoenta contos e os meus cento e cincoenta evaporaram-se. Se queres viver modestamente de hoje em diante, isto é, sem carros nem cavallos, nem uma duzia de chapéos por anno, continuarei a ser o teu esposo, e com muito prazer, porque te amo ; se não queres,

vae para a casa de teu pae, e leva contigo as tuas joias, as as tuas *toilettes*, os teus chapéos, e mais o teu dote, que te restituo intacto ! —

ANGELO

E depois ?

RODRIGO, *naturalmente.*

Depois trataremos do divorcio.

ANGELO

Do divorcio !... Pois tu não achas que o divorcio é um escandalo ?

RODRIGO

Acho, e foi por isso que nunca me quiz casar. Não gosto de dar escandalos. [*Ouvem-se as gargalhadas de Henriqueta.*]

ANGELO

Ouves ? E' ella... é o seu riso ! Vê que alegria vae entrar nesta casa !

## SCENA VII

Angelo, Rodrigo, Henriqueta, Ludgero, Isabel

[*Henriqueta é a primeira a entrar. Vem rindo ás gargalhadas. e cae sentada numa cadeira.*]

ANGELO

De que estás rindo ? [*Ella ri tanto que não póde responder.— A Ludgero.*] Que viu ella ?



LUDGERO

Sei lá! Foi ao sahir do bonde que começou a rir.

HENRIQUETA, *a Angelo*

Imagina que aquelle teu amigo que é juiz... aquelle que foi delegado... que veio a um dos nossos jantares...

ANGELO

O Ponciano?

HENRIQUETA

Deve ser isso. Elle tem cara de Ponciano. [*Todos riem*]. Acompanhou-me hoje por toda a parte... esperou por mim á porta do Palais-Royal... á porta do Espozende... entrou no Castellões logo atraz de mim... sahiu quando eu sahi... e agora, ao descer do bonde, dei com o pobre conquistador sentado no ultimo banco, a lançar-me uns olhos de enxova morta. Não pude conter o riso! [*Rindo-se*] Ah! Ah! Ah! que homem ridiculo! [*De repente muito seria*] Ahi está porque não gósto de andar senão de carro!

ANGELO

Pois sim, mas enquanto o cocheiro estiver doente...

HENRIQUETA, *rindo*

Espero que não desafies o Ponciano! [*Muito seria*]. Oh! um duello por minha causa! Nunca!

ANGELO

Henriqueta, deixa-me apresentar-te um amigo que deves ter muita satisfação em conhecer pessoalmente...

HENRIQUETA

Ah ! o doutor Rodrigo ! [*Estende-lhe a mão que elle aperta*].

RODRIGO

Conhece-me ?

HENRIQUETA

Quando não tivéssemos o seu retrato, Angelo tem me fallado tanto, tanto do seu melhor amigo, e tantas vezes descripto a sua pessoa, que eu, vendo-o, reconhecel-o-hia logo.

ANGELO

Chegou sem ser esperado, e a sua primeira visita foi nossa.

RODRIGO

Mesmo em traje de bordo.

HENRIQUETA

Não imagina como é querido nesta casa !

RODRIGO

Vossa excellencia confunde-me. [*Beija-lhe a mão*].

HENRIQUETA

Admitto esse «vossa excellencia» por ser a primeira vez que nos fallamos, mas desde já o intimo a tratar-me com a mesma familiaridade com que trata meu marido. O senhor é da familia. [*Rodrigo inclina-se.*]

ANGELO, *apresentando*

Dona Isabel de Lima, minha sogra... O doutor Rodrigo Fontes...



RODRIGO

Minha senhora...

ISABEL

Folgo de o conhecer. [*Apertos de mão*].

ANGELO

O doutor Ludgero de Lima, meu sogro. O doutor Rodrigo Fontes...

RODRIGO E LUDGERO

Doutor... [*Apertos de mão*].

LUDGERO

Meu genro já me havia fallado muitas vezes do doutor... Acaba de chegar da velha Europa, creio?

RODRIGO

Sim, senhor, hoje mesmo.

LUDGERO

Então ainda não apreciou os embelezamentos da cidade?

RODRIGO

Apenas de relance... Já estavam muito adiantados quando parti, ha dous annos.

LUDGERO

Tem sido uma transformação—como direi?—radical!

HENRIQUETA, a Angelo

Sabes quem vi na Avenida? A Chiquinha Gomes... E' a quarta ou quinta vez que a vejo com aquelle vestido cinzento!

ISABEL

Que tem isso, minha filha? Olha, este já o tenho posto mais vezes.

HENRIQUETA

Pois sim, mas tu não és uma pretenciosa como a Chiquinha Gomes, que se intitula a arbitra das elegancias femininas! [*Rindo-se.*] Ah! Ah! Ah! Sabes como a Adelaidinha lhe chama? Dona Petronia! [*Todos riem.*] Pobre senhora! Não se enxerga! Uma elegante que passeia na Avenida Beira-Mar sem chapéo, sob pretexto de que mora perto! — A proposito de chapéos,— trouxeram...? Ah! cá está elle! [*A Angelo.*] Gostaste?

ANGELO

Paguei. [*Todos riem.*]

HENRIQUETA

Não gostaste?

ANGELO

Não vi.

HENRIQUETA

Com effeito! que falta de curiosidade! [*Vae abrir a caixa, tira o chapéo e mostra-o a Angelo durante o dialogo que se segue.*]

LUDGERO, a Rodrigo

Vae abrir consultorio, doutor?

RODRIGO

Não, senhor; eu não clínico.



LUDGERO

Mas, se me não engano, meu genro disse-me que o doutor tinha ido estudar medicina.

RODRIGO

Effectivamente, mas para o meu uso particular.

LUDGERO

Porque não clínica?

RODRIGO

Porque tenho medo. A responsabilidade do medico é tamanha que me assusta. Não me considero sufficientemente habilitado para curar os enfermos.

LUDGERO

Essa modestia é — como direi? — excessiva.

RODRIGO

São escrúpulos.

LUDGERO

Se os seus collegas pensassem todos assim, poucos medicos haveria.

RODRIGO

E pouquissimos doentes.

LUDGERO

Pois tambem eu não advogo, não porque não tenha confiança nas minhas luzes, mas porque felizmente me encontro numa situação — como direi? — independente. Sou proprietario agricola. [*Rodrigo inclina-se.*]

HENRIQUETA, a *Rodrigo*

Dá-me a sua opinião sobre este chapéo?

RODRIGO

Peço-lhe que me dispense, minha senhora, porque nada entendo de modas. Entretanto, direi que o conjuncto é agradável... as cores combinam-se bem... esta pluma é graciosa e está collocada com certo sentimento esthetico.

LUDGERO

Bravo! fallou como um artista.

RODRIGO

Em chapéos.

ISABEL

Foi por causa dessa pluma que elle custou tão caro.

LUDGERO

Cento e cincoenta mil réis.

ISABEL

E o homem pediu duzentos. Se não fosse eu, Henriqueta comprava-o por esse preço.

HENRIQUETA

Mesmo assim não seria caro.

LUDGERO

Talvez não seja essa a opinião de meu genro, que pagou. [*A Rodrigo, em tom meio confidencial*] E' verdade que a pequena trouxe alguma coisa para — como direi? — para os seus alfinetes...

RODRIGO

Mas, a julgar pelo preço d'este chapéo, actualmente os alfinetes estão pela hora da morte.



ISABEL

Tudo encareceu no Rio de Janeiro!

LUDGERO

Tudo! O pobre luta com difficuldades — como direi? — insuperaveis para viver! Felizmente não me posso queixar da sorte... gasto muito, muitissimo, mas vivo a meu gosto.

HENRIQUETA

E' o essencial. Quando a gente não vive a seu gosto o melhor é morrer.

*[Angelo troca um olhar de intelligencia com Rodrigo.]*

RODRIGO

A mortandade será horrivel, porque raros individuos vivem a seu gosto.

ISABEL

O doutor é solteiro?

RODRIGO

Sim, minha senhora.

ISABEL

E não pensa em casar-se?

RODRIGO

Eu poderia responder a vossa excellencia como Fontenelle, quando lhe fizeram a mesma pergunta; mas confesso que nunca pensei no casamento. A vida conjugal assusta-me tambem, tal qual a medicina.

LUDGERO

Mas na communhão social, o matrimonio é um dever — como direi? — imprescriptivel; é o complemento do homem.

RODRIGO

Pois eu decididamente não me completo.

ISABEL

Ludgero, não se esqueça de que vamos á casa do conselheiro, e é longe.

LUDGERO

Tens razão, minha mulher. Vamos!

ANGELO

Então não jantam comnosco?

HENRIQUETA

Foram convidados para um jantar de anniversario...

ANGELO

Natalicio?

LUDGERO

Não; casamenticio. Vamos, minha mulher!

ISABEL

Vamos!

LUDGERO, *a Rodrigo.*

Doutor, tenho muita honra em conhecê-lo, e lá estamos ás suas ordens na pensão Schumann. Depois que casei a filha, desmanchei o palacete.

RODRIGO

Santa Thereza, rua Petropolis numero 50.



LUDGERO

Todas as vezes que nos der a honra de sua visita, será recebido — como direi ? — com especial agrado.

RODRIGO

Agradecido.

ISABEL

Doutor...

LUDGERO

Até sempre. [*Apertos de mão.*]

HENRIQUETA

Vou acompanhá-los até o jardim. [*Saem Ludgero e Isabel, acompanhados por Henriqueta,*]

## SCENA VIII

Angelo, Rodrigo

RODRIGO

Tua sogra parece-me uma excellente senhora ; mas teu sogro é um idiota.

ANGELO

Não te dizia ?

RODRIGO

Parece até que a sogra é elle e não ella.— Como é que um homem assim consegue formar-se em direito ?

ANGELO

Que diabo ! ha-os ainda peores !

RODRIGO

Não ! olha que aquelle casamentício...

ANGELO

O que deve dizer é como um homem assim pôde ser pae de Henriqueta !

RODRIGO

Tua mulher é realmente lindissima, encantadora... mas não te offendas se te disser que a achei frivola.

ANGELO

Sou o primeiro a reconhecer que ella...

RODRIGO

Achei de muito máo gosto aquella historia do Ponciano.

ANGELO

Tambem eu : mas... não te disse que ella não tomava nada a serio ?

RODRIGO

Com a cabecinha que tem, talvez te seja difficil convencel-a de que é preciso modificar profundamente o seu modo de viver. Mas ora adeus ! Tens sido muitas vezes eloquente na tribuna ; trata de sel-o agora em familia. Tens alcançado grandes triumphos na defesa dos outros ; pois defende-te agora a ti mesmo e á tua mulher !

ANGELO

Como seriamos felizes se eu fosse rico !



RODRIGO

Não é dinheiro que vos falta.

ANGELO

Já sei, é juízo.

RODRIGO

Tambem não é juízo. O que vos falta é um filho. Não que eu pense do casamento sem filhos o mesmo que Tolstoi, um sabio que abusa singularmente do direito de dizer coisas que nelle são paradoxos, e n'outro qualquer seriam disparates. Um filho seria para tua mulher um excellente derivativo, e a elle, senão a ti, faria ella todas as concessões imaginaveis. Entretanto, fala-lhe francamente, e quanto antes melhor. O anel de tres contos, que ella traz no dedo, é um optimo pretexto para uma explicação urgente, que não deves adiar.

## SCENA IX

**Os mesmos, Henriqueta**

HENRIQUETA

Lá foram elles.

RODRIGO, *que foi tomar o chapéo e a bengala.*

Minha senhora...

HENRIQUETA

Já? Pois não janta?

RODRIGO

Hoje não. Tenho que ir á casa, desarrumar as malas,

dar algumas ordens, etc. Quem chega de uma longa viagem, está morto por se apanhar no seu *ubi*.

HENRIQUETA

Tem razão, mas espero que considere esta casa como sua.

RODRIGO

Muito obrigado [*Aperta-lhe a mão, e vai apertar a de Angelo.*] Até amanhã.

ANGELO

Até amanhã. [*Passa-lhe um braço em volta do pescoço e sai com elle.*]

SCENA X

**Henriqueta, depois Angelo**

[*Pequena scena muda. Henriqueta vai examinar mais uma vez o chapéo, que ficou sobre a secretária. Depois guarda-o na caixa.*]

ANGELO

Isto é que é amizade ! Rodrigo desembarcou e antes de ir á casa veio visitar-nos !

HENRIQUETA

E' muito sympathico.

ANGELO

E um coração de ouro.

HENRIQUETA

Mas não sympathisou commigo.



ANGELO

Porque o dizes ?

HENRIQUETA

Não sei; pareceu-me que não me olhava com bons olhos. Fiz-lhe talvez má impressão.

ANGELO

Prevenção tua. [*Senta-se*].

HENRIQUETA

Foi talvez a historia do Ponciano.

ANGELO

Mas tambem que lembrança a tua ! Bem podias guardar aquillo para quando estivessemos sós.

HENRIQUETA

Eu não o tinha visto. [*Indo sentar-se ao lado de Angelo.*]  
Elle é sympathico, mas tu... [*Dando-lhe um beijo*] Tu és muito mais sympathico.

ANGELO

Ora graças que me déste um beijo !

HENRIQUETA

Toma outro pela demora.

ANGELO, *tomando-lhe as mãos*

E' este o annel que compraste por tres contos ?

HENRIQUETA

Ah ! sim, esqueci-me de t'o mostrar ! Vê como é lindo !

ANGELO

Mas não achas que isto é caro por tres contos ?

HENRIQUETA

Caro?... E' o preço ! Bem sabes que o Espozende é  
é um negociaute sério.

ANGELO

Não digo o contrario, mas ha brilhantes que fazem  
mais vista e são mais baratos.

HENRIQUETA

Cala-te ! Não entendes disto !

ANGELO

E tu ? entendes ?

HENRIQUETA

Mais do que tu.

ANGELO

Que necessidade tinhas de comprar este ann el ?

HENRIQUETA

Que necessidade tinha de o não comprar ?

ANGELO

Já possues tantas joias...

HENRIQUETA

As joias nunca são de mais : são como as estrellas no  
céo.

ANGELO

Henriqueta, amo-te muito, muito, e não quizera  
dizer-te nada que te pudesse affligir...



HENRIQUETA

E' sermão ? Deixa-me primeiro mudar de *toilette*, que são quasi horas de jantar.

ANGELO

Vem cá... O meu dever é prevenir-te de uma coisa.

HENRIQUETA

Que coisa ?

ANGELO

Tu nos supões mais ricos do que na realidade somos.

HENRIQUETA

Estamos então na miseria ?

ANGELO

Não, não estamos na miseria, mas lá chegaremos se não encurtarmos as nossas despesas. Quem só possui o que nós possuímos, não tem o direito de comprar anneis de tres contos,

HENRIQUETA

Ah! ah! ah! Só esta me faria rir! Que grande coisa um brilhante de tres contos! Ha-os de trinta, quarenta e cincoenta contos!

ANGELO

De muito mais! O Grão-Mogol, que pertence á corôa de Inglaterra, foi avaliado não sei em quantos milhões de libras esterlinas!

HENRIQUETA

Pois bem... não tens do que te zangar... Paga este anel com o dinheiro do meu dote.

ANGELO

Já cá tardava o teu dote !

HENRIQUETA

E's tu que me obrigas a fallar nelle !

ANGELO

O teu grande dote !

HENRIQUETA

Vamos e venhamos. Não é pataca e meia : são cincoenta contos de réis !

ANGELO

E sabes quanto temos gasto desde que nos casamos ?

HENRIQUETA

Espero que não vás agora exigir que me ocupe dessas coisas.

ANGELO

Mas é bom que te occupes. A gente deve saber quanto possue e de quanto pode dispor... Nós fazemos despesas superfluas, que devemos cortar.

HENRIQUETA

Quaes são ellas ?

ANGELO

Que necessidade temos de carros e cavallos que nos custam os olhos da cara ?



HENRIQUETA

Que ? ! . . . Tu queres desfazer-te do nosso *coupé* e da nossa caleça ? Ah ! ah ! ah ! Deixa-me rir ! Que diabo tens tu hoje ? Foi com a chegada do teu amigo ? — Não ! por amor de Deus não me digas, nem brincando, que devemos supprimir os carros ! Seria muito ridículo ! Que bonita figura nós faríamos ! [*Abraça-se ao marido chorando.*]

ANGELO

Não chores que não te quero ver chorar !

HENRIQUETA

Então para que provocas as minhas lagrimas ?

ANGELO

Acabou-se, passou ; dá cá um beijo.

HENRIQUETA

Não dou !

ANGELO

Dá !

HENRIQUETA

Não dou !

ANGELO

Pois não dê ; tomo-t<sup>o</sup> á força. [*Beija-a.*]

HENRIQUETA

Máo ! Mal sabes tu que ha muitos dias eu me estava preparando para pedir-te um automovel !

ANGELO

Um automovel?! Estás doida! Onde iríamos nós buscar dinheiro para um automovel?

HENRIQUETA

No meu dote!

ANGELO

Tu sabes quanto custa um automovel?

HENRIQUETA

O da Chiquinha Gomes custou só quinze contos!

ANGELO

E o *chauffeur*, os concertos, a gasolina?...

HENRIQUETA

Ora a gasolina!....

ANGELO

Ouve, Henriqueta. No Rio de Janeiro, que precisa ainda de muitas avenidas para que nelle se possa viver á vontade, como nos grandes centros civilisados, ha muita gente que sabe da vida alheia mais do que lhe vae por casa. Tu não sabes quanto possuímos, e muitos estranhos o sabem, como se houvessem revistado as nossas gavetas; e as senhoras que gastam mais do que deveriam gastar, são, pelo menos, suspeitadas. Ainda agora disseste que o Ponciano te acompanhou hoje por toda parte, como se fôras uma mulher facil. O Ponciano é um bobo, mas não creias que procedesse com tanta impertinencia se alguma coisa não lhe rosnasse a teu respeito,



HENRIQUETA

Que poderão dizer de mim ? Sou uma senhora irrepre-  
hensível. Gosto de rir, de brincar, mas...

ANGELO

Não é o teu riso, nem são os teus brincos que me in-  
quietam : isso é a tua mocidade rebentando em flor. Eu só  
protesto contra os teus hábitos de dissipação.

HENRIQUETA

Dissipação ?

ANGELO

Sim ! Tu gastas como se fosses casada com o rei do pe-  
troleo !

HENRIQUETA

Ah ! ah ! ah ! Ainda agora a gasolina, agora o petroleo.

ANGELO

Peço-te que desta vez não te rias, porque estou fallan-  
do muito seriamente.

HENRIQUETA

Com effeito ! Nunca pensei que viesses perturbar a  
nossa ventura com uma questão de nickeis.

ANGELO

Não são nickeis : são contos de réis que atiras á rua !

HENRIQUETA

Quando desaparecer o ultimo vintem do meu dote,  
avisa-me. Pódes ficar certo de que, esgotados os meus cin-  
coenta contos, não gastarei mais nem mais um real : só  
comprarei vestidos de chita e brilhantes Montana.



ANGELO

Vejo que não ha meio de te fallar seriamente.

HENRIQUETA

Se eu quizesse tomar a sério tudo quanto me tens dito, não sei o que seria de nós. Não é a primeira vez que me ralhas por causa das minhas despesas, mas hoje me tens dito coisas que nunca ouvi dos teus labios. Ora as minhas despesas ! As minhas despesas são, no final das contas, as mesmas que fazem todas as senhoras na minha situação.

ANGELO

Mas, vem cá, meu amor : tu sabes qual é a tua situação ?

HENRIQUETA, *chorando*

Sei ! é a situação de uma pobre mulher, que foi amada e já o não é. Pelos modos, o teu amor é a moeda que mais se gasta nesta casa. ... é a moeda com que tenho pago as minhas loucuras !... Confessa que o teu coração está mais vasio que o teu cofre !]

ANGELO

Cala-te, Henriqueta, cala-te ! Não sabes o que estás dizendo ! Amo-te muito, muito, e o meu amor é o mais puro, o mais nobre, o mais desinteressado, o mais cavalheiresco ! Eu quizera possuir milhões e bilhões para arrojal-os a teus pés e satisfazer assim a todos os caprichos da tua fantasia ! Não ! não é com o meu amor que se pagam as tuas joias e o teu luxo ; se essa fosse a paga, todas as joias do mundo seriam tuas ; poderias ser a rainha universal da moda, porque a fonte não se estancaria jamais ! In-



felizmente, porém, o amor não paga senão o amor; as carruagens, os cavallos, as *toilettes* com que deslumbras quem passa, provocando admiração, inveja e maledicencia, são pagos a dinheiro, e o dinheiro corre de uma fonte menos inexaurível que a do amor !

HENRIQUETA

Não me falles em dinheiro, Angelo ; não levantes uma nuvem negra no céu azul da nossa ventura ! Já te disse, dispõe do meu dote. Não fallemos mais nisso ! Não percamos em discussões odiosas o tempo que é pouco para nos amarmos... Em vez de me reprehenderes, acaricia-me: em vez de conselhos, dá-me beijos ; são tão bons os teus beijos !... [*Depois de se beijarem*]. Não alteremos o nosso modo de viver... Temos sido assim, tão felizes !... Promette, meu Angelo, promette que nunca mais me fallarás em dinheiro... Promette...

ANGELO

Prometto.

HENRIQUETA

Jura !

ANGELO

Juro.

HENRIQUETA

Tambem eu te amo tanto, tanto, tanto !... Não tenho no mundo senão minha mãe, meu pae, e tu...

ANGELO

Eu não tenho senão tu. [*Vendo entrar Pae João*].  
Minto ! Tenho tambem Pae João.

PAE JOÃO

O zantá z'tá na mesa.

HENRIQUETA

Bonito! O jantar está na mesa e eu não mudei de *toilette*!...







## ACTO SEGUNDO

O mesmo gabinete, tres mezes  
depois.

### SCENA I

**Angelo, Rodrigo**

[*Angelo está sentado á secretária, pondo papeis em ordem. Rodrigo entra pelo fundo.*]

RODRIGO

Recebi o teu recado. Aqui estou.

ANGELO, *erguendo-se*

Ainda bem. [*Apertando-lhe a mão.*] Obrigado.

RODRIGO

Que ha ?

ANGELO

Fiz hoje o que ha tres mezes, no dia em que chegaste da Europa, me aconselhaste que fizesse.

RODRIGO

Desembuchaste ?

ANGELO

Desembuchei.

RODRIGO

Ora graças !

ANGELO

Disse a minha mulher toda a verdade, toda a medonha verdade. Logo que percebeu qual era o assumpto da conversa, enfureceu-se. Sabes que eu havia promettido e até jurado nunca mais fallar-lhe em dinheiro...

RODRIGO

Sim.

ANGELO

Não queria ouvir. . tentava fugir-me... Foi preciso que eu a agarrasse pelo pulso e a obrigasse a ouvir tudo !

RODRIGO

Nessas condições talvez não ouvisse nada.

ANGELO

Ouviu com certeza. Poz-se a chorar... um choro de raiva... um choro máo, que eu lhe não conhecia, e me fez descobrir nella, pela primeira vez, alguma coisa que destruia todo o seu encanto feminil. E o seu olhar tomou uma expressão inedita... uma expressão que jámais suspeitei naquelles olhos... uma expressão em que julguei adivinhar, emfim, que a natureza não a fez para mim, nem me fez a mim para ella ! Basta um olhar para prender e subjugar um homem... outro olhar é bastante para libertal-o ! [*Esfregando os olhos como se sahisse de um sonho.*] Acabou-se !



RODRIGO

E depois desse olhar? Mais nada?

ANGELO

Nada mais. Henriqueta foi para o seu quarto e fechou-se por dentro, batendo violentamente a porta. [*Pausa, durante a qual os dous amigos passeiam sem dizer palavra.*] A minha situação é desesperadora! Isto não póde continuar!

RODRIGO

Naturalmente. O mesmo disse-te eu ha tres mezes. Mas descança... vejo as coisas bem encaminhadas.

ANGELO

Escrevi hoje a meu sogro.

RODRIGO

Em que sentido?

ANGELO

Convidando-o para uma conferencia sobre negocios de familia. Palpita-me que nada conseguirei de Henriqueta. Póde ser que seu pae consiga tudo.

RODRIGO

E eu? Para que me mandaste chamar?

ANGELO

Para te dizer isso mesmo e perguntar-te se approvas o meu programma.

RODRIGO

Duvido muito que teu sogro lhe faça ouvir a voz da razão. E' um futil. Em todo caso, é de boa politica

recorrer ao pae antes de tomar uma resolução extrema. E mesmo por ahi que deveríamos ter começado. Não me lembrei disso. Que queres? Eu sou pelos meios violentos, tu és pela conciliação. Bem se vê que és advogado e eu medico.

ANGELO

Achas então que fiz bem chamando meu sogro?

RODRIGO

Fizeste muito bem. Se elle não se puzer a teu lado, se tomar as dores pela filha, dize-lhe francamente que póde levar-a, e mais o dote.

ANGELO

O dote irá depois.

RODRIGO

Não : já.

ANGELO

Onde irei eu buscal-o de prompto?

RODRIGO

Na algibeira de teu irmão.

ANGELO, *apertando-lhe a mão*

Obrigado.

RODRIGO

Para que servem os irmãos? — Quando ficou de vir teu sogro?

ANGELO

Estou á sua espera. Creio que não poderá tardar.



RODRIGO

Nesse caso, retiro-me. Voltarei para saber o resultado da conferencia. Até logo.

ANGELO

Até logo. [*Vae sentar-se á secretária e continúa a pôr papeis em ordem.*]

RODRIGO, *ao sahir, encontrando-se com Pae João, que entra.*

Salve, contemporaneo illustre do primeiro reinado!

PAE JOÃO

Eh! eh! siô doutlô Lodlgo z'stá sempre blincando!  
[*Rodrigo sac.*]

## SCENA II

Angelo, Pae João

ANGELO

Ha alguma novidade, Pae João?

PAE JOÃO

Siô moço doutlô inda não póde paglá o cocêlo, nem o copêlo, nem o jladinêlo?

ANGELO

Porque? Resmungaram?

PAE JOÃO

Lez'mungalo, si siô... Dize que si siô moço doutlô não paga hose, elle z'tudo vae se embora.

ANGELO

Que esperem mais tres dias! E, se não quizerem, rua! Canalha, que tem sido tão bem paga até hoje!

PAE JOÃO

Pae Zoão zá cingou eli z'lá dentlo... zá disse o diablo a esse z'sem vlegonha. — O'ia, se seu moço doutlô não tem dinêlo, ploque não pede pletado a sió doutlô Lodligo?

ANGELO

Não! não me animo! Tenho vergonha de confessar a Rodrigo a miseria a que me deixei arrastar... Mas tranquillisa-te, pae João: estou para receber dinheiro... tenho clientes que me prometteram pagar por estes dias. Depois d'amanhan receberei dous contos de réis.

PAE JOÃO

Ah! é vledade! Tá ahi tambem aquelle home...

ANGELO

Que homem?

PAE JOÃO

Aquelle bonito, que veio s'outlo dia, que usa luneta ledonda n'um ôlo só, e meia pl<sup>a</sup> cima de botina, que siô mouço dotlô disse que elle ela aziota.

ANGELO

Já contava com essa visita. Que massada! Manda-o entrar.

PAE JOÃO

Sim siô. [*Vae ao fundo e faz entrar Lisboa. Este é um bonito homem, vestido á moda e com extraordinaria elegancia. Monoculo. Polainas brancas.*]



SCENA III

Angelo, Lisboa

LISBOA

Sr. doutor, tenho a honra de cumprimentar a vossa senhoria.

ANGELO, *seccamente*

Adeus.

LISBOA, *puxando uma cadeira*

Peço licença para...

ANGELO, *retirando-lhe a cadeira*

E' inutil sentar-se. Em poucas palavras o despacho.  
[*Fallando sem olhar para elle, e com volubilidade, como para se ver livre quanto antes de tão desagradavel visita.*]  
Ainda hoje não lhe posso pagar, e é muito provavel que nem amanhã, nem por estes dias mais proximos. Nada receie pelo seu dinheiro. O juro com que m'o emprestou foi tão elevado, tão extraordinariamente, tão torpemente elevado, que uma pequena demora em nada o prejudicará. Tenho esta casa... estes moveis... posso dispôr das joias de minha mulher... mas não quero hypothecar, nem vender coisa alguma: só lançarei mão do dinheiro que tenho a receber. Espero vencer uma grande causa no Supremo Tribunal. Comprehende que eu tenha mais interesse em me vêr livre de você, que você de mim. Não se me dava de pagar ainda mais juros para evitar a sua presença.

LISBOA

Era isso mesmo o que eu lhe vinha propôr.

ANGELO

Isso mesmo o que ?

LISBOA

Augmentar o valor da divida para não esperar de graça.

ANGELO

De graça ! Pois ainda lhe parece pouco o que...

LISBOA, *interrompendo-o*

Entendamo-nos, meu caro doutor. Vossa senhoria pediu-me dez contos de réis e assignou um titulo de deposito de quinze... titulo com o qual, entre nós, posso mettê-lo na cadeia em vinte e quatro horas...

ANGELO

Se eu lhe não pagar em vinte e tres e cincoenta e nove minutos, é exacto. Veja você como este mundo é feito... Você que é um ladrão, póde metter-me na cadeia, e eu, que sou um homem honrado, não posso fazer mais do que estou fazendo... posso apenas cupir-lhe estes insultos na cara !

LISBOA

Se vossa senhoria me diz coisas tão feias antes de me pagar, que fará quando estivermos quites !

ANGELO

Quanto cynismo !

LISBOA

Meu caro doutor, quando um não quer, dous não brigam. Insulte-me á vontade... tem licença para fazê-lo...



Quando abracei a infamante profissão de emprestar dinheiro a juros, muni-me de toda a coragem, resignação e paciência necessárias para ouvir tudo quanto me quizessem dizer. O dentista é muitas vezes insultado pelo freguez, quando lhe arranca um dente, e não reage. Também eu não reajo. Pagar juros dóe, e o insulto é um desabafo instintivo. Um usurario do tempo antigo zangar-se-ia; mas eu, como vê, sou um usurario *art-nouveau*. Não ando sujo nem mal trajado.... não tenho a barba por fazer... não uso oculos escuros... não tomo rapé... Visto-me no melhor alfaiate, uso os melhores perfumes, sou um elegante.

ANGELO, *entre dentes*

O que você é sei eu,

LISBOA

Vamos! insulte! —Insulte, mas pague. Ha tres dias que os quinze contos deviam estar no meu bolso: não estão ainda... Bem sei que não correm perigo... mas é justo que vossa senhoria reforme o titulo de deposito, dando-me novos interesses.

ANGELO

Pois não está satisfeito de me haver emprestado dez contos para receber quinze?

LISBOA

Parece-lhe exagerado o meu lucro? Permitta dizer-lhe que isso é preconceito, meu caro doutor. E, senão, veja. Vossa senhoria disse-me que está patrocinando uma causa quasi vencida, e está, que o sei. Por ventura o dinheiro com que vae ser pago representa a justa remuneração, o valor

intrinseco do seu trabalho ? Não ! Se lhe apparecesse o mesmissimo trabalho e lhe rendesse apenas a terça parte do que esta lhe vai render, vossa senhoria não a mandaria a nenhum collega pobre.

ANGELO

Deixe-me ! Preciso estar só.

LISBOA

Mais duas palavras : Vossa senhoria tem uma doença grave, está em perigo de vida; manda chamar um medico; este vem, salva-o e cobra-lhe cinco... seis... dez contos de réis. Vossa senhoria paga-lh'os de cara alegre, porque entende — e entende muito bem — que a sua vida vale muito mais. Entretanto, o homem que cobra cinco contos para salvar-lhe a honra, mais preciosa que a vida, é um ladrão ! Veja vossa senhoria como este mundo é feito ! Creia, meu caro doutor, que todos nós rolamos neste velho planeta, com a mesma preocupação : fazer passar para as nossas algibeiras o dinheiro que está nas algibeiras dos outros. Elle tem muitos nomes... chama-se juro honorarios, bonificações, comissões, gratificações, etc. mas é sempre o mesmo dinheiro; são as mesmas notas que vão e vêm, fogem e voltam deste para aquelle maço... desta para aquella mão... fiz como os outros. Vossa senhoria precisou de dinheiro por estar enforcado. Procurou-me como procuraria um medico, se precisasse de saúde por estar doente. Aproveitei, como aproveitaria o medico. Note-se que não offereci os meus serviços a vossa senhoria... foi vossa senhoria que me procurou, sollicitan-



do esse empréstimo. E peço licença para lembrar a vossa senhoria que nessa ocasião não fui insultado.

ANGELO

Mas, afinal, que deseja ?

LISBOA

Já disse. Ou o pagamento immediato dos quinze contos, ou a renovação do titulo de deposito.

ANGELO

Mais cinco contos ?

LISBOA

Não ! — eu sou menos ladrão do que lhe pareço. Exijo apenas mais dous contos e quinhentos. [*Tirando um papel do bolso.*] Aqui está o novo titulo estampilhado. E' só assignal-o.

ANGELO, *indo a secretária*

Repito : você é um ladrão...

LISBOA

Refinado !

ANGELO, *tomando a penna*

Um salteador...

LISBOA

De estrada !

ANGELO, *assignando*

Uma pustula...

LISBOA

Social !

ANGELO

Toma, bandido ! Que é do outro titulo ?

LISBOA

Cá está. [*Trocam os titulos. Angelo examina o que recebe e rasga-o.*]

ANGELO

Agora, rua !

LISBOA

Meu caro doutor, sempre ás ordens de vossa senhoria.  
[*Vae a sahir. Entram Ludgero e Isabel. Lisboa cumprimenta-os com muita correcção de maneiras e sae.*]

#### SCENA IV

Angelo, Ludgero, Isabel

LUDGERO, *impressionado pela figura de Lisboa*  
Quem é este senhor ?

ANGELO

Um cliente.

LUDGERO

E' um cavalheiro — com direi ? — correcto.

ANGELO

Correctissimo.



LUDGERO, *apertando a mão de Angelo*

Tem passado bem ?

ANGELO

Menos mal, obrigado.

ISABEL, *depois de apertar a mão de Angelo*

E Henriqueta ?

ANGELO

Bôa.

LUDGERO

Recebi o seu bilhete, e aqui estou, quero dizer : aqui estamos, porque, como se tratava de uma conferencia sobre negocios de familia, entendi que devia trazer comigo minha mulher. Fiz mal ?

ANGELO

Fez muito bem.

ISABEL

Estou assustada. Ha alguma novidade ?

LUDGERO

Que novidade quer você que haja, minha mulher ? Não ha novidade alguma ! Jesus ! as mulheres são todas —como direi ?— impressionaveis.

ANGELO

Engana-se, doutor : temos uma grande novidade.

LUDGERO

Ah !

ANGELO

E eu peço toda a sua attenção—e a da senhora — para o que vou dizer. Sentemo-nos. [*Sentam-se*].

LUDGERO

Este mysterio !... esta solemnidade !... [*Erguendo-se com vehemencia.*] Dar-se-á caso que minha filha, esquecendo o decoro que deve a si, á familia e á sociedade, tenha faltado aos seus deveres—como direi ?—conjugaes ?

ISABEL

Cale-se, Ludgero !... isso é impossivel !...

ANGELO

Diz muito bem — Henriqueta é a mais pura das mulheres. [*Ludgero senta-se, tranquillizado.*]

ISABEL

Onde esta ella ?

ANGELO

No seu quarto.

ISABEL

Incommodada ?

ANGELO

Não ; amuada.

LUDGERO

Amuada ?

ANGELO

Zangada, se quizer.



LUDGERO, *rindo*

Ah ! já sei do que se trata. Ciumes. A pequena desconfiou de alguma coisa... Ande lá ! o senhor não é — como direi ? — um santo... não cahiu do céu por descuido...

ANGELO

Ora essa ! affirmo-lhe que sou o mais fiel dos maridos.

LUDGERO

Pois sim ! No Rio de Janeiro só ha um marido fiel.

ISABEL, *sem ironia*

E' você.

LUDGERO

Sou eu. [*Fazendo menção de levantar-se.*] Mas deixa estar que arranjo tudo !

ANGELO, *obrigando-o a sentar-se*

Não ! não se trata de ciumes. Trata-se de coisa muito mais seria.

LUDGERO

Ah !

ANGELO

Minha mulher está zangada por causa de uma explicação que tivemos, ou por outra, que não tivemos.

LUDGERO

Uma explicação ?

ISABEL

A que respeito ?

ANGELO

A respeito das nossas despesas.

LUDGERO

Já ?!

ANGELO

Pergunta se já ? Pois todo o meu mal foi não ter tido essa explicação ha mais tempo, e haver deixado para a ultima hora, tal qual como no Congresso, a discussão do orçamento. E' verdade que sempre chamei a attenção de Henriqueta para as suas despesas excessivas e lhe pedi que as restringisse... Foi o mesmo que nada !

LUDGERO

O senhor falla-nos das despesas de Henriqueta, mas essas despesas não foram feitas pelo casal?... não as realisaram marido e mulher — como direi ?— de *commun accord* ?

ANGELO

Não senhor —; nesse particular nunca houve perfeito *accordo* entre Henriqueta e eu. Ella fez sempre grandes gastos sem que eu soubesse ou contra a minha vontade.

ISABEL

Que conversa desagradavel !

ANGELO

Muito desagradavel.



LUDGERO

O dote de minha filha não está — como direi ? — intacto ?

ANGELO

Intacto ? [*Levantando-se e indo á secretária buscar um maço de contas.*] Aqui estão as contas, devidamente pagas, com os respectivos recibos e as competentes estampilhas, de tudo quanto gastámos depois de casados. [*Dando-lhe um papel separado das contas.*] Esta é a relação dessas contas, com as parcellas sommadas.

LUDGERO, lendo.

184:935\$800 réis ! Caspíte ! é uma somma — como direi ? — avultada !

ANGELO

Não figuram ahi, necessariamente, as despesas de cujos pagamentos não se tem recibo. Sua filha entrou para esta casa com cincoenta contos e eu com cento e cincoenta, além de tudo quanto de então para cá rendeu a minha banca de advogado. Pois querem saber ? Não temos nem mais vintem senão dividas ! *Ludgero e Isabel levantam-se como impellidos por uma mola. Angelo frisa.* ] Nem — mais — vintem ! [*Pausa.*]

LUDGERO

E que deseja o senhor ?... que eu o auxilie ?

ANGELO

Não senhor ! Não peço nem desejo absolutamente o auxilio de ninguem. Felizmente não estamos insolvaveis ;

apenas suspendemos pagamentos. O nosso activo é muito mais consideravel que o nosso passivo. Temos esta casa livre e desembaraçada, e o que está cá dentro representa algum dinheiro. E quando nada tivéssemos, teríamos o meu trabalho. Não sou, graças a Deus, um advogado sem causas.

LUDGERO

Se é uma allusão — como direi? — pessoal, declaro-lhe que, se não advogo, é porque não quero!

ANGELO

Não tive a menor intenção de offendel-o, mas o doutor que se offendeu foi porque, com a triste revelação que lhe acabo de fazer, nasceu-lhe immediatamente no espirito certo sentimento de hostilidade contra mim.

ISABEL

Não ha motivo para lhe querermos mal.

LUDGERO

Cale-se, minha mulher! O bello sexo não tem voz activa neste capitulo! São questões — como direi? — transcendentaes! — O senhor foi imprevidente.

ANGELO

Seria preciso ter estado aqui dentro e assistido ás luctas que travei com Henriqueta, para reconhecer que não houve tal imprevidencia de minha parte. Leve essas contas comsigo...vou pol-as dentro do seu chapéo...[*Faz o que diz...*] examine-as, e encontrará nellas a minha justificação. Mas eu não o chamei para pedir-lhe conselhos, pelo



menos para mim, nem para ouvir recriminações feitas a mim o u á sua filha. O que l vae, lá vae, e o dinheiro que se gastou era meu e della. Chamei-o para que tente, com a sua autoridade de pae, conseguir o que não alcancei com a minha autoridade de marido, porque esse maldito dote foi sempre o estorvo, a resistencia que encontraram todos os meus esforços. Hoje resolvi que a explicação fosse decisiva. Ella ouviu-me, enfureceu-se e fechou-se no quarto !

LUDGERO

Mas... que quer o senhor que eu diga a minha filha?

ISABEL

Ora, Ludgero ! Dize-lhe simplesmente que ella é pobre, e precisa mudar de vida, isto é, viver como pobre e não como rica.

ANGELO

O mais é gastar palavras.

LUDGERO

Isto vae ser para a pobre pequena um sacrificio—como direi ?— cruel !

ANGELO

Maior sacrificio é uma vida de expedientes, humilhações e vergonhas.— Aquelle cavalheiro correcto que sahia d'aqui quando o senhor entrava, não era um cliente: era um agiota.

LUDGERO

Um agiota ? Ninguem o dirá.

ANGELO

Um agiota *art-nouveau* a quem recorri para um pagamento inadiável de joias e farandulagens!

LUDGERO, *como tomando subitamente uma resolução*

Minha mulher, vamos conversar com Henriqueta!

ANGELO

Isso! Conversem com ella, façam-na entrar no bom caminho. Mas o melhor é ella vir aqui. Lá dentro ha criados bisbilhoteiros. Vou mandar chamal-a, e deixo-os aqui no gabinete á vontade. [*Sae.*]

#### SCENA V

Ludgero, Isabel

[*Ludgero passeia agitado e Isabel senta-se n'uma cadeira em attitude calma. Longa pausa.*]

LUDGERO

Não nos faltava mais nada!

ISABEL

Isto não me surpreendeu. Eu sempre disse que na minha opinião Henriqueta gastava mais do que devia.

LUDGERO

Deixe-o fallar, minha mulher! Gastava do seu! Examine as despesas pessoas de nossa filha, e verá que não chegam aos cincoenta contos do dote. Olhe que cincoenta contos é — como direi? — é dinheiro!



ISABEL

Não desejo contrariar-o, mas não concordo. Cincoenta contos é dinheiro, é muito dinheiro, não ha duvida, nas mãos de um casal poupado, economico, sem pretensões de grandezas; mas para quem quer deslumbrar o mundo com o seu luxo, cincoenta contos é uma pitada de ouro. Nunca suppuz que aquelles durassem muito.

LUDGERO

Nosso genro não foi homem! Faltou-lhe um pouco de energia—como direi?—mascula!

ISABEL

Foi delicado. Se procedesse por outra fórmula, seria um bruto, um violento, um máo marido! Devemos reconhecer, infelizmente, que a maior culpa não cabe á nossa filha, senão a nós, e mais a você que a mim, pela educação que lhe demos...

LUDGERO

Eu já sabia que no final das contas deveria ser o culpado de tudo!

ISABEL

Pois se Henriqueta parece-se extraordinariamente com o pae! Você é outro arrota-grandezas! Quer que toda a gente nos supponha ricos, e sabe Deus o que por cá vae. Se não fosse isso, os nossos velhos annos seriam muito mais tranquillos... muito mais felizes... [*Erguendo-se.*] Henriqueta ahi vem.

LUDGERO

Vamos—como direi?—apurar as responsabilidades.

[*Isabel vai ao encontro de Henriqueta, a quem abraça e beija.*]

SCENA VI

Ludgero, Isabel, Henriqueta

ISABEL

Como tens os olhos vermelhos, minha filha!

LUDGERO

Estavas a chorar?

HENRIQUETA, *escondendo o rosto no hombro da mãe*

Sou uma desgraçada!

ISABEL

Não digas isso! Desgraçado só é quem perdeu a graça de Deus!

LUDGERO

Mas tu estavas prompta para sahir. Aonde ias?

HENRIQUETA

A' tua casa.

LUDGERO

Vem cá, senta-te aqui, ao lado de teu pae e de tua mãe, e conversemos. [*Sentam-se. Longa pausa.*] Então? como foi isso?

HENRIQUETA

Isso o que?



LUDGERO

O cobre... como direi? — fogo viste linguiça?

HENRIQUETA

Que queres tu? Não nasci para ser rica; devo resignar-me á miseria.

ISABEL

A' miseria, não, minha filha; não fales assim, que Deus póde castigar-te. Teu marido ganha muito dinheiro. E' um advogado feliz.

HENRIQUETA

Elle é feliz; eu não o sou,

ISABEL

Porque não quizeste sel-o, porque não te conformaste com a tua situação. O resultado não podia deixar de ser este.

HENRIQUETA

Não creio, não posso crer que os meus trapos e as minhas teteias custassem mais que a importancia do meu dote.

LUDGERO

Não sei; só sei que vocês gastaram em anno e meio de casados mais de duzentos contos de réis. Estão—como direi? — arruinados.

HENRIQUETA

E' impossivel que gastassemos tanto dinheiro!

LUDGERO

As contas estão ali dentro do meu chapéo... vou examinal-as em casa.

HENRIQUETA

Admira-me que tu, com a tua idade, e sendo um homem formado, acredites em contas. [*Angelo apparece a porta e ouve sem ser visto.*]

SCENA VII

Os mesmos, Angelo

LUDGERO

Queres tu dizer que aquellas são — como direi? — fantasticas?

ISABEL

Que idéa !

HENRIQUETA

Não tenho provas que me autorizem a duvidar da probidade de meu marido, mas — francamente — não acredito que em tão pouco tempo gastassemos comnosco, só comnosco, duzentos contos !

LUDGERO

Duzentos... e mais alguns *póses* !

HENRIQUETA

Duzentos contos em que, não me dirão ? A despesa mais consideravel que fizemos foi com a compra e os preparos desta casa. O mais pouco foi. Não demos bailes, não fomos á Europa, e luxo, isto que se chama luxo, o verdadeiro luxo, jamais o conheci. Duzentos contos ! qual é a familia que no Rio de Janeiro gasta tanto dinheiro em tão pouco tempo ?



ISABEL

Mas vem cá, minha filha, que necessidade tinha teu marido de forjar dividas fantasticas? Elle não é nenhum negociante fallido.

LUDGERO

Sim, o grande caso é que o dinheiro dessappareceu, diz elle, e eu acredito.

HENRIQUETA

Tambem eu, mas o interesse de meu marido é attribuir a nossa ruina ao que elle chama as minhas loucuras, e occultar as suas.

LUDGERO

As suas? Pois teu marido praticou loucuras?

HENRIQUETA

E' uma coisa que está a entrar pelos olhos!

LUDGERO

Elle joga?

HENRIQUETA

Não é de jogo que se trata, mas de mulheres.

ISABEL

Tira d'ahi o pensamento, minha filha! E's injusta para com teu marido e para contigo mesma.

LUDGERO, *abalado*.

Deixe-a falar, minha mulher!

HENRIQUETA

Mamãe disse-me sempre que os meus ciumes eram

infundados, mas eu bem percebia que Angelo me enganava.

LUDGERO

Elle tinha uma amante ?

HENRIQUETA

Uma ou mais de uma ! Sei lá !...

LUDGERO

Mas quem é ella ?

HENRIQUETA

Como queres tu que eu saiba ? Elle nunca m'o disse ! Mas ha coisas que uma esposa, e principalmente uma esposa que ama, como eu o amava, adivinha sem precisar ver nem ouvir nada !

ISABEL

Isso é doença !

HENRIQUETA

Logo depois de casada, comecei a desconfiar das suas longas ausencias... das horas e horas passadas á noite fóra de casa, em mysteriosos logares, de onde voltava fatigado e somnolento. Para tudo arranjava desculpa. Era uma sessão no Instituto dos Advogados. . era uma conferencia com tal ministro... era uma visita ao juiz que estudava uns autos... era isto, era aquillo, mas o que era sei eu ! Esse homem abusou cruelmente da minha ingenuidade, e agora quer fazer de mim a unica responsavel pela situação em que nos achamos !



LUDGERO

Que diz você a isto, minha mulher ?

ISABEL

Digo que nossa filha está doida. Se elle voltava para casa fatigado e somnolento, era por ter trabalhado muito. Angelo é um trabalhador.

LUDGERO

Pois olhe, eu dou razão a Henriqueta. Ella expoz a situação com muito criterio, e com uma lucidez — como direi ? — esmagadora !

ISABEL

Cale-se, homem de Deus ! O que você está fazendo é horrivel ! Não foi para isso que viemos a esta casa ! Pois em vez de tirar essas fantasias morbidas do cerebro de sua filha, você concorda em que ella julgue tão mal o marido ? Raciocinemos um pouco, Angelo gostava muito de Henriqueta. Sem isso não se teria casado. Não o fez certamente attrahido pelo grande dote de cincoenta contos, pois não lhe faltavam noivas mais ricas, se elle as quizesse. Não foi o teu dote, minha filha, mas os teus dotes que o seduziram. Como se póde acreditar que um homem logo depois de casado nessas condições, comece a enganar a mulher ? Isso não entra na cabeça de ninguem ! E demais, se Angelo foi tão economico em solteiro, não é crível que só depois de casado dêsse em perdulario.

LUDGERO

Ora, minha mulher, você não conhece os homens.

ISABE

Nem você as mulheres, que são mais enigmaticas.

LUDGERO

Já lhe disse que o meu desejo era apurar as responsabilidades. Que razão tem você para metter a mão no fogo pelo nosso genro? Pois saiba que em solteiro foi um terrível, um conquistador, e depois de casado... não sei, mas não se livra da fama de ter tido um — como direi? — um idyllio com a Dobson, e os idyllios a Dobson não custam menos de trinta contos.

ISABEL

Isso é uma calumnia miseravel! Se teu marido te enganasse, minha filha, não seria com a Dobson, uma desgraçada mãe de familia que é de quem a queira e possa gastar algumas centenas de mil réis. Isso de trinta contos é uma historia. A Dobson é muita mais modica.

LUDGERO

Pois se não foi a Dobson, foi outra, ou foram outras, mas não ha duvida que andaram nisto mulheres.

HENRIQUETA

Ainda bem que papae me dá razão. Elle sabe da vida mais do que tu, mamãe, que és bôa e julgas a todos por ti. Se eu já não estivesse convencida das infidelidades de Angelo, bastariam as palavras de papae para me abrir os olhos.

ISABEL

Pois póde papae limpar a mão á parede: fel-a bonita!



## HENRIQUETA

Mas não ! não era preciso outro aviso senão do meu proprio amor. Mulher nenhuma poderia occupar em segredo o meu logar no coração daquelle homem.

## LUDGERO

Querer arrancar do espirito de Henriqueta a convicção em que ella está, convicção que é tambem minha, é suppol-a — como direi ? — uma estúpida ! (*Irguendo-se.*) Nossa filha está sob o pezo de uma accusação tremenda, — a de ter arruinado um homem como uma reles *cocotte* ! E preciso que se saiba que esse homem... (*Voltando naturalmente o rosto, vê Angelo e fica embaraçado.*) Ah ! estava ahi ?... (*Isabel e Henriqueta levantam-se.*)

## ANGELO

Ouvi tudo sem querer. Vejo que o meu processo está feito e a minha sentença lavrada. Não lhe ponho embargos. Curvo a cabeça. Don Juan desce aos infernos !

## ISABEL

Desculpe-os, Angelo !... Minha filha está fóra de si... meu marido endoideceu !... O senhor está muito acima de taes insinuações !...

## ANGELO

Peço á minha boa advogada que não continue a defender um réo confesso. Tudo quanto aqui se deu é a pura verdade. Tenho tido muitas amantes depois de casado... não a Dobson, que só conheço de vista, mas outras muitas, muitissimas. Para pagar os beijos dessas mulheres, esbanjei o melhor do meu patrimonio, inventei despesas fan-

tasticas. Sou um vicioso, e o vicio é caro, muito caro, custa contos e contos de réis. O amor é baratinho, mas não bastava aos meus instinctos de satyro. Ainda agora o senhor dizia que é o unico marido fiel do Rio de Janeiro, e eu sabia que meu sogro era, realmente, uma *avis rara*, o homem virtuoso e puro por excellencia; quiz imital-o, mas a minha educação, o meu character, o meu temperamento, os meus habitos, a minha debilidade moral não permittiram que na mesma familia figurassem dous phenomenos eguaes. [*Pausa. Ninguém responde. Henriqueta parece uma estatua.*] Agora, só nos resta tratar do divorcio. [*Henriqueta estremece*], e quanto antes, para que na sua familia não permaneça por mais tempo um scelerado da minha especie,

ISABEL

Fala em divorcio ! Meu Deus ! Enlouqueceram todos !...

LUDGERO, *a Angelo*

Em vez de prostrar-se, humilhado aos pés de sua esposa, pedindo-lhe perdão de a ter accusado de faltas cuja responsabilidade moral deveria ser — como direi ? — reciproca, o senhor procura, com um pouco de ironia facil, destruir o máo conceito em que poderá ser tido como cabeça do casal : mas nem minha filha nem eu nos deixamos levar por esse artificio, e, uma vez que o senhor fallou em divorcio, fique sabendo que Henriqueta não quer outra coisa !

ISABEL

Ludgero, veja o que estás dizendo !...



ANGELO, *aproximando-se de Henriqueta*

Isso é verdade?... Quer separar-se de mim? [*Henriqueta não tem um gesto.*] Responda!

HENRIQUETA. *sem olhar para elle*

Assim é preciso.

ANGELO

Porque?

HENRIQUETA, *idem*

Porque estamos incompatibilisados um com o outro. D'aqui por diante a nossa vida seria um inferno.

ANGELO

Diga antes que lhe não sorri a idéa de viver modestamente, e receia o motejo da sociedade que assistir satisfeita ao leilão das nossas carruagens e tripudiar sobre os destroços do nosso luxo ridiculo! E' ainda a sua vaidade que falla... O amor, esse desapareceu com o ultimo nickel! [*Henriqueta estremece.*]

LUDGERO

O senhor insulta minha filha!...

ANGELO

Sua filha... Sim, é bem sua filha, mas é minha mulher, e os meus direitos sobre ella são tão sagrados, que o senhor não poderia intervir neste conflicto domestico, se não fosse a minha indesculpavel patetice de suppor que não o seu criterio de homem, mas o seu amor de pae, poderia influir para uma conciliação que era todo o meu desejo.

HENRIQUETA

• Não minta ! Todo o seu desejo era ver-se livre de mim !

ISABEL

Henriqueta, cala-te !...

HENRIQUETA

Não ! não me calo ! Não quero continuar a ser uma victima resignada e tola !... Uma conciliação !... Tem graça !... Pois não é que elle suppõe que ainda o amo... que ainda o posso amar?... (*Rindo-se*) Ah ! Ah ! Ah ! Como se fosse possível amal-o depois do que elle me fez... e depois do que lhe acabo de ouvir !... Não, não, mamãe ! eu já o não amo !... Eu... odeio ! (*Ri, mas o riso transforma-se em pranto e ella cae nos braços de Isabel, desfeita em lagrimas.*)

LUDGERO

Aqui tem a sua obra !... O senhor é capaz de matar-a !... Oh ! mas, se assim for, saberei -- como direi ? -- vingal-a !... — Vamos, Henriqueta ! Vem para casa de teu pae !... [*Rodrigo apparece á porta do fundo e ouve sem ser visto.*]

## SCENA VIII

Os mesmos, Rodrigo

ANGELO

Isso !... Leve-a, leve-a comsigo, e que eu nunca mais lhe ponha a vista em cima ! Mandar-lhe-ei hoje mesmo as joias, as toilettes, e o dote, esse desgraçado dote, que foi a causa de toda a nossa desgraça !



LUDGERO, *rindo*

Acredito que o senhor lhe mande as joias e as toilettes; mas o dote...

RODRIGO, *aproximando-se de Ludgero e estendendo-lhe um maço de notas do Banco.*

O dote póde o senhor leval-o já. Cá está elle em cem notas de quinhentos mil réis cada uma. E' bom conferir. [*Ludgero, attonito, recebe machinalmente o maço de notas—A Angelo.*] Eu já contava com isso... O dinheiro estava de promptidão.

LUDGERO, *perplexo*

Mas...

RODRIGO

O senhor está perplexo: entretanto, não ha nada mais — como direi? — mais natural. Seria desairoso para o meu amigo que dona Henriqueta sahisse desta casa sem levar o seu dote.

LUDGERO

Quer um recibo?

RODRIGO, *rindo*

Mandal-o-ha quando receber o resto.

ISABEL

Ludgero, não tem feito senão asneiras! Restitua esse dinheiro!

LUDGERO

Minha mulher, você não se metta onde não é chamada! — Vamos embora!...

ISABEL

Não ! Isto não póde ficar assim !

LUDGERO

Ande para a frente com sua filha ! Vamos ! [*Vae buscar o chapéo e põe as contas debaixo do braço. Henriqueta e Isabel encaminham-se para a porta. Ao sahir, Henriqueta volta-se para Angelo. O pae empurra-a para a porta. Angelo dá um passo para ella; Rodrigo toma-o pelo braço, impedindo-o de proseguir. Saem Ludgero, Isabel e Henriqueta.*]

SCENA IX

Rodrigo, Angelo

[*Rodrigo vae até a porta verificar se naturalmente elles se foram. Angelo cae abatido n'uma cadeira, escondendo o rosto nas mãos*]

RODRIGO, *voltando, alegre*

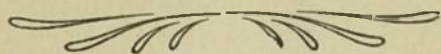
Ora muito bem ! Já se respira nesta casa !... Agora é tratar de liquidar tudo isto, pôr a vida em ordem e começar de novo !... [*Vendo Angelo abatido.*] Então, que é isso ? Coragem ! Levanta-te ! Vamos fazer um inventario das *toilettes* e das joias e mandar-lhes tudo ! Amanhã

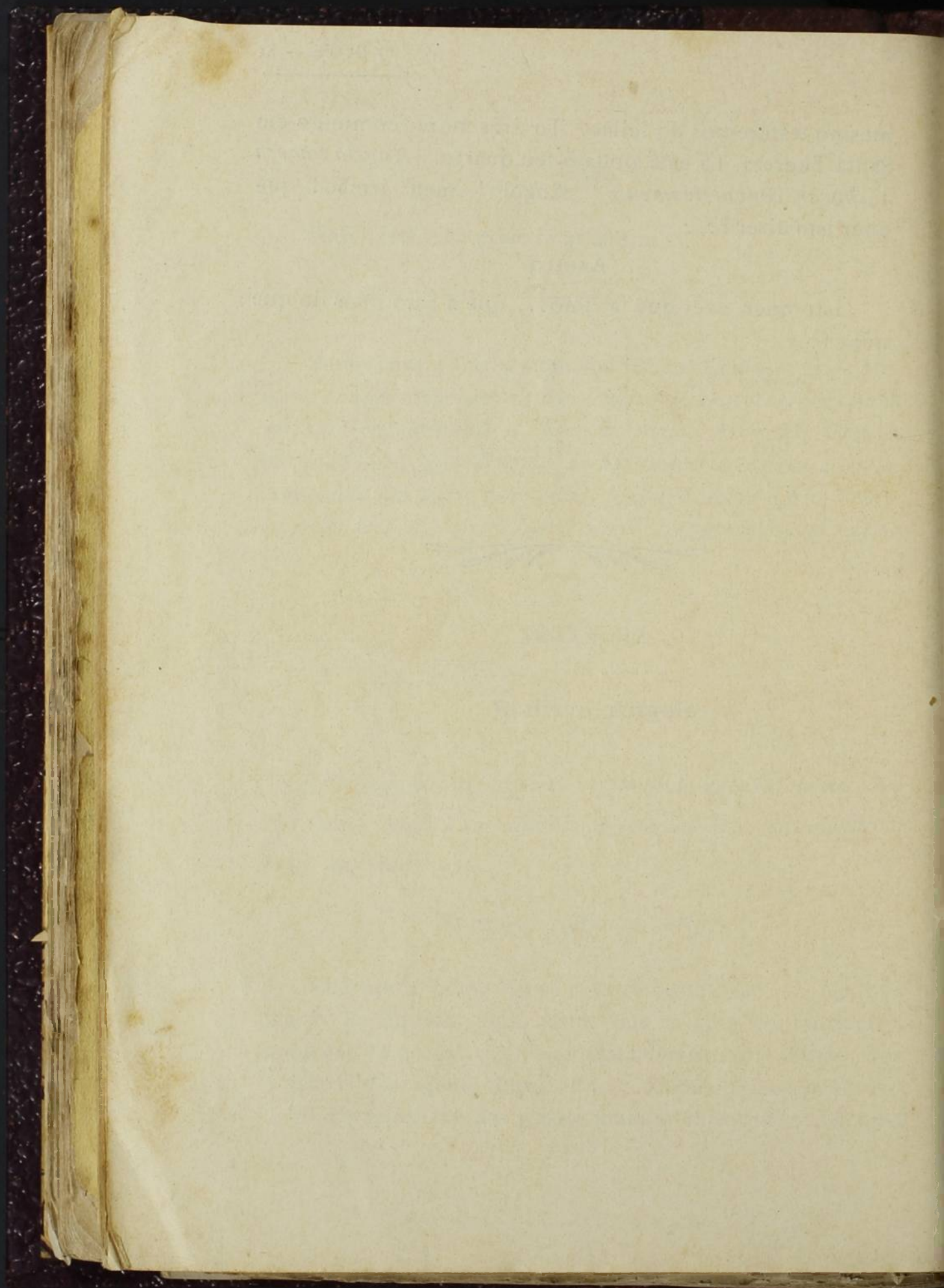


mesmo trataremos do leilão. Tu irás morar commigo em Santa Thereza. Lá está ainda o teu quarto. [*Angelo começa a chorar convulsivamente*] Angelo! meu irmão! que quer isto dizer?...

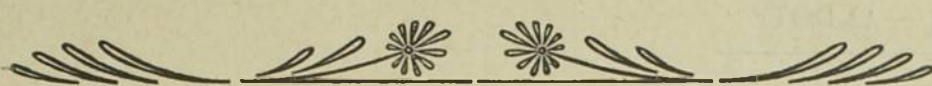
ANGELO

Isto quer dizer que a amo... que a amo mais do que nunca!









## ACTO TERCEIRO

Terraço em casa de Rodrigo, em Santa Thereza, com uma balaustrada ao fundo, e o panorama da cidade. Porta à direita. Trepadeira á esquerda. Cadeiras de jardim. E' ao cahir da tarde. Ainda é dia claro, mas durante o acto anoitece pouco a pouco, e a cidade illumina-se.

### SCENA I

**Angelo, Pae João**

*[Ao levantar o panno, Angelo, estirado n'uma preguiçeira ao fundo, junto da balaustrada. Pae João de pé, junto delle, contempla-o com carinho.]*

PÁE JOÃO

Note z'tá flesca. Se siô moço doutlô pudesse dlomi um bocadinho, ela bem bom.

ANGELO

Dormir... Quem me déra !...

PÁE JOÃO

Cando siô moço doutlô ela ciança, Pae João cantava, e siô moço doutlô dlomia logo.

ANGELO

Ainda te lembras das cantigas com que me adormecias?

PAE JOÃO

Non sabe... Naquelle tempo Pae Zoão podia cantá...  
inda ela zente... depose ficou ton velo...ton velo...que  
non tem mase vose... Mas se siò moço doutlô tivesse um  
filinho, Pae Zoão reclodava toda zi cantiga... pala adlo-  
mecê filinho de siò moço doutlô...

ANGELO

Experimenta, Pae João... vê se te recordas... Faze  
de conta que ainda sou pequenino... Parece-me que, se  
cantasses, eu adormeceria, como outr'ora.

PAE JOÃO

Dêssa vlê. [*Recordando-se.*] Um... um... um...—Tá  
bom, Pae Zoão vae cantá cantiga de pleto mina.

ANGELO

Canta.

PAE JOÃO, *cantando*

Pleto mina quando zeme  
No zemido ninguem clê.  
Os palente vae dizendo  
Que não tem do que zemê.

Pleto mina quando çola,  
Ninguem sabe ploque é.  
Os palente vae dizendo  
Que cicote é que elle qué!



Pleto mina quando mole  
E começa a aplodecê,  
Os palente vae dizendo  
Que urubú tem que comê.

SCENA II

Os mesmos, Rodrigo

RODRIGO, *entrando*.

Canta-se, Pae João ?

PAE JOÃO, *vivamente, impondo-lhe silencio*

Pscio !... Tá dlumindo... Passou essa z'nôte turo em clalo... Pegou no somno agolinha memo... Zá viu ? Cantiga de captivêlo semple sleve p'laguma côsa.— Péla ahi !  
[*Sae.*]

RODRIGO

Pobre Angelo !

[*Pae João volta com uma colcha, com que cobre carinhosamente as pernas de Angelo.*]

Com que então, a sua musica faz dormir, heim, Pae João ? Não é um elogio para ella... E' verdade que o mesmo acontece a muitas composições de auctores celebres.

PAE JOÃO, *descendo*

Siô moço doutlô tá passonado pelo siá Henlicleta... non póde vivlê sem ella !...

RODRIGO

Qual não póde ! Isso passa !

PAE JOÃO

Non passa, non. Felida de mulé não sala.

RODRIGO

As unicas feridas que não saram são as da honra. Elle vivia n'um inferno... não digo que viva agora n'um céu aberto, mas está melhor assim.

PAE JOÃO

Vivia, mas agola non vive mase, que isto z'non é vida. E dëssa lá, siô doutlô Lodligo, siá Henlicleta é muito bôa... Se non tem zuizo, clupa non é della, mase de pae della, que non z'educou ella delêto.

RODRIGO

Pois sim, mas uma senhora sem juizo não póde fazer feliz um homem de bom senso. O divorcio amigavel foi requerido ha trinta dias. Divorcio amigavel... ahi estão duas palavras que nunca esperei ver juntas. O pretor recebeu o requerimento, e deu ás partes vinte dias para reflectirem.

PAE JOÃO

Tenho pena qui non se alanze turo sem sepalá pala semple duase cleatula qui palecia memo fetinha pala se quelê bem.

RODRIGO

Deixe-se vocemecê de pieguices. O seu senhor moço doutor já não deve nada a ninguem... Com o producto da



casa e dos moveis, vendidos particularmente a um ricaço providencial que os namorava, pagou os cincoenta contos que entreguei ao sogro, e mais trinta e tantos que devia. Ficou com as mãos a abanar. é verdade, mas tem a sua profissão, que é rendosa. Póde muito bem viver sem mulher que o mortifique. Sofre de insomnias? anda macambusio? não se alimenta? Tudo isso passa, Pae João. Vá vocemecê com o que lhe digo!

PAE JOÃO

Non passa, non. Siô doutló Lodligo ha de vlê. [*Toque de campainha.*] Quem selá? [*Sae. Rodrigo aproxima-se de Angelo e contempla-o. Pae João volta.*] E' uma senhola cobleta com véo... Pleguntou plo siô moço doutló... Eu disse que elle tava ddomindo e eu non aclodava elle... Então pleguntou plo... Oia! Ella tá' ahi! (*Entra Isabel, coberta com uma mantilha.*)

### SCENA III

**Angelo, dormindo, Pae João, Rodrigo, Isabel**

RODRIGO, *indo ao encontro de Isabel, sem a reconhecer*

O Dr. Angelo está dormindo, minha senhora. Como tem passado noites e dias em claro, e aquelle somno é um beneficio, não convem despertal-o, seja sob que pretexto fôr. Quem é a senhora?... que deseja?... [*Isabel descobre-se.*] Oh! vossa excellencia aqui!

ISABEL

Sim, sou eu.

RODRIGO, *offerecendo-lhe uma cadeira em que ella se senta*

Mas como...?

ISABEL, *adivinhando a pergunta e atalhando-a*

Estamos aqui perto, no hotel da Vista Alegre, minha filha, meu marido e eu. Soube hoje, por acaso, que meu genro... Ainda posso chamar-lhe meu genro?

RODRIGO

Sem duvida.

ISABEL

Soube que elle estava aqui. Vim vel-o. Preciso fallar-lhe.

RODRIGO

A que respeito, minha senhora? Perdõe a minha indiscreção, mas... sabe que sou o maior amigo de Angelo.

ISABEL

Se é o seu maior amigo, ajude-me a salvar minha filha.

RODRIGO

Como assim, minha senhora?

ISABEL

Arrependida de tudo quanto praticou, Henriqueta não póde supportar a separação que acceitou com tanta leviandade. Parece-me gravemente enferma. O medico aconselhou-nos que a trouxessemos para Santa Thereza, onde estamos desde hontem. Mas não é de mudança de ares que ella precisa, senão do marido de quem se separou sem motivo.

RODRIGO

Sem motivo não, minha senhora. Desde que n'um casal os genios não se liguem, as vontades não se combi-



nem, as opiniões divirjam, a mulher veja e sinta as coisas de um modo e o marido de outro, motivo ha, e mais que sufficiente, para uma separação.

ISABEL

Não me diga isso ! Eu tenho vivido em paz com meu marido durante vinte e tres annos, e jamais concordei com elle. O que fiz, para chegar a esse resultado, foi submeter-me, embora muitas vezes protestando, a tudo quanto elle dizia e fazia. Ainda nesta questão, em que minha filha foi estupidamente sacrificada por seu proprio pae, elle açulava o escandalo, ao passo que eu daria a vida para evital-o.

RODRIGO

Daria a vida para evital-o, mas conformou-se, obedeceu, submetteu-se. E' o mesmo que succederia a dona Henriqueta, se voltasse para a companhia de Angelo. Ou se submettia ou de novo se separava. Em ambos os casos é melhor que as coisas fiquem no pé em que se acham. Foi uma solução, e, depois de uma solução, nada mais ha que fazer.

ISABEL

Que interesse tem o doutor em que esse casal esteja separado ?

RODRIGO

O mesmo interesse que teria em vel-o cada vez mais unido se fosse um casal feliz. E' o interesse do amigo... do amigo intimo.

ISABEL

Mas o amigo intimo não é para isso que serve.

RODRIGO

Bem sei que muitas vezes só serve para ser o amante da mulher do outro; mas eu não pertenço, felizmente, a semelhante especie de amigos intimos. A amisade é para mim um fetichismo.

ISABEL

Dir-se-ia que o doutor tem ciumes do seu amigo...

RODRIGO

Ciumes? Quem sabe? Conheço-o desde pequeno. E' um rapaz talentoso, bem preparado, de muito futuro, que eu não quizera ver perdido.

ISABEL

Perdido porque?

RODRIGO

Pois imagina vossa excellencia que um homem possa trabalhar e prosperar vivendo em luta aberta com o seu orçamento, sacrificado a essa funesta mania de apparentar recursos que não existem, obrigado a pregar calotes, a viver do dinheiro alheio? Angelo e Henriqueta só poderiam ser felizes se tivessem um *bêbê*, mas foram tantos os bailes, as recepções, os espectaculos etc... que pelos modos não tiveram tempo de tratar disso.

ISABEL, *enxugando os olhos.*

Minha pobre filha !

RODRIGO

Mas que tem ella?... qual é a sua enfermidade?...



ISABEL

Não sei. O medico não nos quer assustar, mas o meu coração de mãe adivinha que ella está muito doente. Tem constantes deliquios... perde os sentidos... delira, pronunciando sempre o nome do marido...

RODRIGO, *como se fallasse comsigo*

Deliquios... Quem sabe?... Oh! se assim fosse...  
[*Erguendo-se como quem toma uma resolução subita.*] Vossa excellencia permite que eu vá examinal-a? Tambem eu sou medico, embora o não pareça.

ISABEL

Pois não!

RODRIGO

Então vamos.

ISABEL

E... e elle? [*Aponta para Angelo*].

RODRIGO

Deixemol-o entregue áquelle somno reparador.

ISABEL

Não é o senhor o medico que eu vinha buscar.

RODRIGO

O outro não attende a chamados neste momento.—  
Mas diga-me: porque foi vossa excellencia que veio a esta casa, e não seu marido, a quem competia melhor semelhante diligencia?

ISABEL

Não me fale em meu marido ! Está incapaz de tomar uma resolução ! Já era um pobre de espirito... Depois daquelle dia fatal, em que com tanta inconsciencia recebeu os cincoenta contos das suas mãos, perdeu a cabeça !

RODRIGO

Não vale a pena pôr um annuncio... não se perdeu grande coisa.

IRABEL

O exame das contas demonstrou claramente que Angelo não dissera senão a verdade... A maior parte do dinheiro foi empregado no que elle chamava os alfinetes da filha... E qual não foi a nossa surpresa e a nossa vergonha, encontrando entre aquelles documentos uma apolice de seguro de vida, feito por elle em favor de Henriqueta ! Um seguro de cincoenta contos !

RODRIGO

Justamente a importancia do dote...

ISABEL

Ainda agora, quando soubemos que Angelo estava aqui, a dous passos do hotel, pedi a meu marido que visse... Elle hesitou... e então eu, desesperada, puz esta mantilha e sahi, convencida de que vinha buscar a vida de minha filha.

RODRIGO

Em vez de lhe levar o marido, vossa excellencia leva-lhe um medico. No estado em que se acha, é talvez mais pra-



tico. Amanhã conversaremos. Por enquanto, é preciso saber ao certo o que ella tem. Vamos !

ISABEL, *com um suspiro*

Vamos !

RODRIGO, *a Pae João*

Eu volto já. [*Saem Rodrigo e Isabel.*]

#### SCENA IV

**Angelo, Pae João**

ANGELO, *despertando*

Pae João, a tua cantiga fez-me dormir... como outr'ora.

PAE JOÃO

Mas se siô moço doutlô dlomiu pouco. Pae João canta otla vese ...

ANGELO

Não ! não é preciso ! Vou para o meu quarto. [*Vae erguer-se, e repara na colcha que lhe envolve as pernas.*]  
Quem me cobriu com esta colcha ? Tu ?

PAE JOÃO

Quem havela de sê?

ANGELO, *de pé*

Como és bom ! Que santa velhice a tua ! Que alma branca, tão alva como os teus cabellos, se esconde na negridão do teu corpo ! Ficou em ti, sinto-o no coração, al-

guma coisa de minha mãe, que viste nascer e morrer.  
[*Outro tom.*] Não achas que estou poeta, Pae João?

PAE JOÃO

Aço, si, siô, Foi ploque siô moço doutlô dlomiu...  
E' tão bom dlomi!...

ANGELO

Não; é porque a noite está bellissima... Como é bonita e como é grande a minha terra! [*Aproximando-se da balaustrada.*] Vê, Pae João! a cidade lá embaixo parece dormir tranquillá entre estas montanhas... e, no entanto, quanta lucta, quanta paixão, quanto soffrimento por baixo daquelles telhados mudos!

PAE JOÃO

Ha de turo, siô moço doutlô... Unse çola, otlo z'li...  
Unse bliga, otlo z'quele bem... Ha de turo.

ANGELO

Uns brigam, outros se querem bem... E' verdade, Pae João... mas os que se querem bem acabarão brigando, e os que brigam, brigarão sempre.

PAE JOÃO

Semple non, siô moço doutlô. Nosso Senhô tá lá no céo viziando, e quando elle qué, bliga turo acaba!

ANGELO

Tu és optimista.

PAE JOÃO

Pae Zoão é que, siô moço doutlô?



ANGELO

Optimista! Vês tudo pelo melhor. [*Descendo.*] Rodrigo está em casa?

PAE JOÃO

Non siô; sahiu.

ANGELO

Sahiu? Admira! Nunca sae á noite.

PAE JOÃO

Sahiu com... Pae João non sabe se deve dizê.

ANGELO

Com quem?

PAE JOÃO

Com siá dona Isabé.

ANGELO

Com minha sogra?

PAE JOÃO

Si siô.

ANGELO

Sonhaste?

PAE JOÃO

Non sonou, non, siô moço doughtlò. Siá dona Isabé z'teve aqui.

ANGELO

Aqui!

PAE JOÃO

Teve, si siô. . Vinha falá con siû moço doutlô.. mas siô doutlô Lodligo non quizo clodá siô moço doutló.

ANGELO

Que veiu ella cá fazer ?

PAE JOÃO

Non sé. Elle 'zi fallaro bassinho pala siô moço doutlô non clodá... e Pae Zoão qui'z'tava ao pê de siô moço doutlô, non ouviu nada. Palecia que ella disse que siá Henlicleta z'tava doente, e anton siô moço doutlô foi vlê siá Henlicleta.

ANGELO

Doente? Ella está doente ! Doente de que ?

PAE JOÃO

Pae Zoão non sabe, mase desconfia que é da mêma doença de siô moço doutlô.

ANGELO

Meu Deus ! como poderei saber !

PAE JOÃO

Non fica flicto; siô doutlô Lodligo quando sahiu z'disse que vlotava zá.

ANGELO

Já ? Mas como poderá voltar já, se ella mora tão longe ? [*Cahindo n'uma cadeira.*] Doente ! doente !...

PAE JOÃO

Socega, siô moço doutlô, socega... Dêça siô doutlô Lodligo vlotá !...



ANGELO

Doente !... E eu longe d'ella !... Separado d'ella !...  
*[Erguendo-se.]* Não !... decididamente não resisto !... E'  
 um supplicio terrivel !... é uma provação muito superior  
 ás minhas forças !... Não posso viver sem ella !... E' mi-  
 nha mulher, pertence-me !... Rodrigo que vá para o dia-  
 bo com as suas idéas de independencia e liberdade ! Quero  
 ser desgraçado... trabalhar noite e dia sem descanso para  
 sustentar o seu luxo... endividar-me... pregar calotes...  
 soffrer penhoras e veigonhas, mas quero viver com  
 ella !... E' preciso que Rodrigo, ao voltar, encontre aqui,  
 formidavel, impetuosa, esta revolta do meu amor ! Não  
 quero que elle continue a dominar-me ! Não sou nenhuma  
 criança ! Ella doente, doente, e não posso voar para o seu  
 lado ! *[Senta-se a soluçar.]*

PAE JOÃO

Socega... socega...

ANGELO

Cala-te, Pae João, tu não sabes o que é isto ! Amaste  
 muito, mas nunca amaste uma mulher que te arrancassem  
 dos braços !

PAE JOÃO

Pae Zoão teve sua placela... e quize muito bem a ella.  
 Siá Henlicleta tá ahi, tá viva... a placela de Pae Zoão mo-  
 leu... moleu na senzala... no braço de Pae Zoão... Pae  
 Zoão colou munto... mase non pledeu zuizo... Socega, siô  
 moço doutlô, socega !



ANGELO

Como queres tu que eu socegue? Se ella tivesse morrido, como a tua parceira, eu consolar-me-ia, talvez, com mais facilidade do que sabendo-a viva e separada de mim, sem que para isso houvesse um motivo de honra! [*Chorando.*] Oh! Henriqueta! Henriqueta!...

SCENA V

Os mesmos, Rodrigo

RODRIGO

Angelo! Angelo!

ANGELO

Ah! és tu? Onde foste? Viste-a? Fallaste-lhe? Como está ella? Dize-me, dize-me tudo!

RODRIGO

Venho trazer-te uma bella noticia: tua mulher vem ahi!

ANGELO

Ah!

RODRIGO

Eu vim na frente para preparar-te. E' o que estou fazendo! Prompto! Estás preparado! [*Angelo, sem responder, sorri e abraça-o.*] Vaes cahir das nuvens: fui o primeiro a promover esta reconciliação. As coisas mudaram inteiramente de face...



ANGELO

Mas Henriqueta onde estava?

RODRIGO

Ali no Vista Alegre... com os paes... dona Isabel veio cá... disse-me que ella estava doente... fui vel-a.

ANGELO

E então ? o seu estado e grave ?

RODRIGO

Grave, não : interessante.

ANGELO

Interess... ? [*Comprehendendo.*] Devéras? Ella está...?

RODRIGO

Está, sim ! Não vês a minha alegria? Agora que vocês vão ter um filho, conto que serão felizes!

PAE JOÃO

Um filo !... Pae Zoão vae vlê nascê mas e um !...

ANGELO

Mas onde está ella ? [*Dá um passo para sahir.*]

RODRIGO, *embargando-lhe a passagem.* Não é preciso Os paes veem trazer-t'a.— Olha ! elles ahi estão ! [*Falano para dentro.*] Façam favor ! venham cá para o terraço. [*Entram Isabel e Ludgero, este resabiado.*]

## SCENA VI

Angelo, Pae João, Rodrigo, Ludgero Isabel

LUDGERO

Meu genro, minha mulher e eu viemos — como



direi? — restituir Henriqueta ao seu marido. Pedimos-lhe que a acceite. Fui muito injusto com o senhor, mas espero que me perdôe, lançando sobre o que se passou o véo do esquecimento. Aqui tem a minha mão.

ANGELO

Aperto-lh'a de bom grado.

ISABEL

Angelo ! [*Estende-lhe a mão.*]

ANGELO

Minha boa advogada ! [*Beija-lhe a mão.*]

LUDGERO

As contas que o senhor me deu a examinar, são uma prova — como direi? — concludente da sua lealdade.

ANGELO

Espero que de hoje em diante meu sogro me tenha em melhor conta, e acredite que no Rio de Janeiro não é elle o unico marido fiel á sua esposa.

LUDGERO

Somos dous. Duvido que haja mais algum.

ISABEL

Restituir-lhe-emos amanha o dote de Henriqueta.

RODRIGO

Isso não ! Angelo só continuará a ser seu marido sob condição de ella não trazer dote.

ANGELO

Naturalmente.



ISABEL

Mas nós não podemos consentir...

LUDGERO

Ahi vem você, minha mulher! Elle não quer! Deixal-o!

RODRIGO

O dote dal-o-hei ao meu afilhadinho, daqui a cinco mezes, no dia em que elle nascer.

PAE JOÃO

Pae Zoão vae reclodá todase sua z'cantiga!

ANGELO

Mas... Henriqueta? E' Henriqueta que eu quero!

ISABEL

Agora podemos chamal-a.

RODRIGO

Não! Retiremo-nos todos... e mandemol-a cá para o terraço. Não perturbemos com a nossa presença a renovação de um noivado... Vejam!... o luar, o formoso luar de Santa Thereza parece que esperava a deixa! --Vamos!  
[Saem Ludgero e Isabel.] Vocemecê também, pae João!  
[Sae Pae João. Rodrigo sae por ultimo. Angelo fica ancioso, ao fundo, com os olhos fitos na porta. Henriqueta apparece no limiar da porta, envolvida n'um chale. Procura Angelo com os olhos e, vendo-o, corre para elle, e lança-se-lhe nos braços. Cae-lhe o chale, deixan lo ver o seu vestido branco. Ficam ambos muito tempo abraçados.]

SCENA VII

Angelo e Henriqueta

ANGELO

Nunca mais, Henriqueta !... Sim ?...

HENRIQUETA

Nunca mais !

ANGELO

Amemo-nos... e seremos felizes !

HENRIQUETA

Sim, vou ser feliz... muito feliz...

ANGELO

Mesmo pobre ?

HENRIQUETA

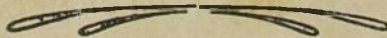
Não ! Rica... riquissima... porque tenho o teu amor...  
e hei de ter o amor do nosso filho.

[*Abraçam-se de novo, formando um grupo illuminado  
pelo luar.*]

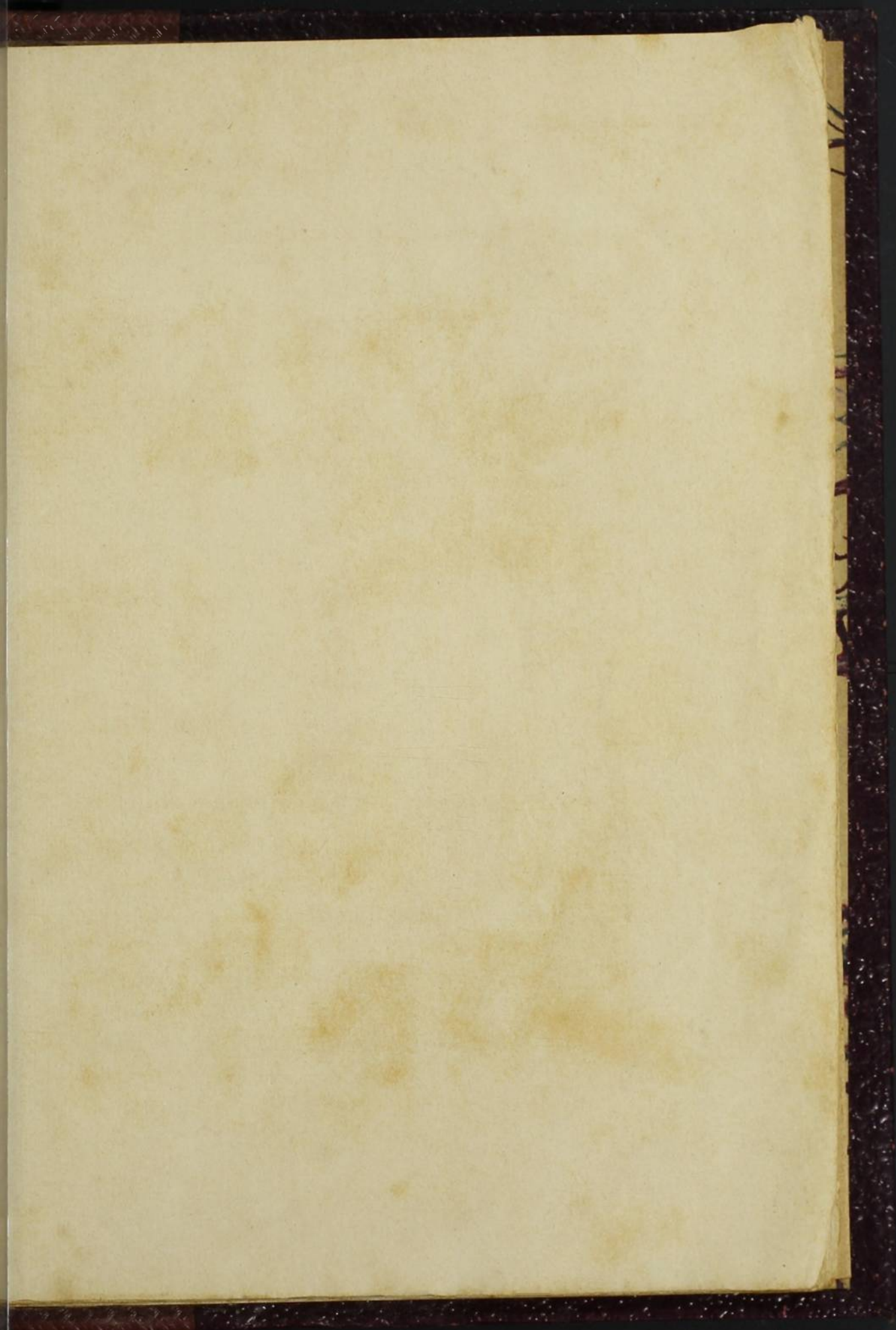
A VOZ DE PAE JOÃO, *ao longe*

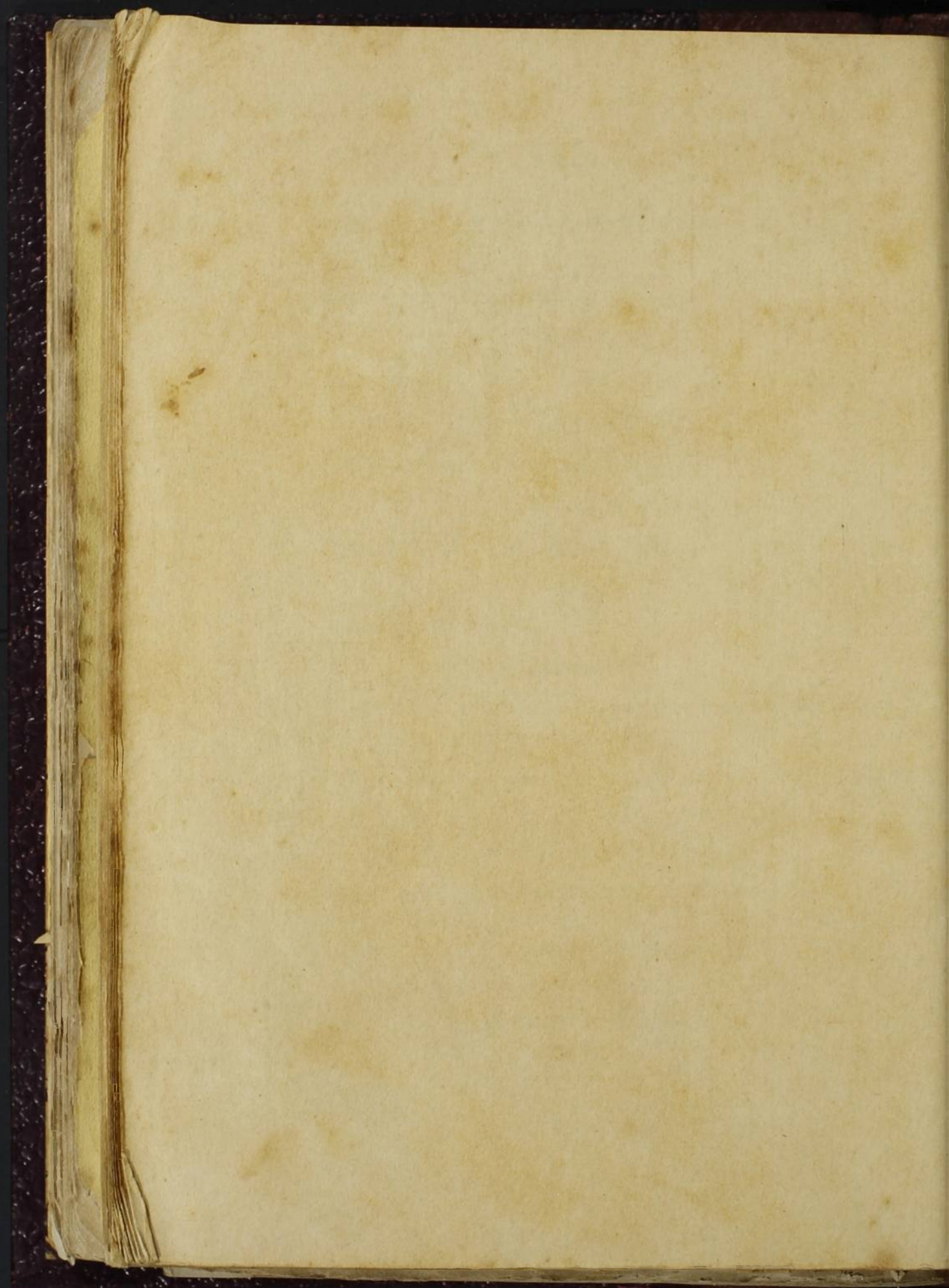
Pleto mina quando zeme, etc.

[*Cae o panno lentamente.*]











18030



EDIÇÕES THEATRAES

DESTA

LIVRARIA

**O CANDIDATO**

COMEDIA EM VERSO EM UM ACTO

POR

**BRAZ PATIFE**

1 volume . . . . . 1\$000

**Através do Theatro Brasileiro**

Cuidada resenha

de peças e autores dramaticos brasileiros

organizada pelo

**DR. A. C. CHICHORRO DA GAMA**

1 volume . . . . . 2\$000



# BIBLIOTHECA THEATRAL

ARTHUR AZEVEDO

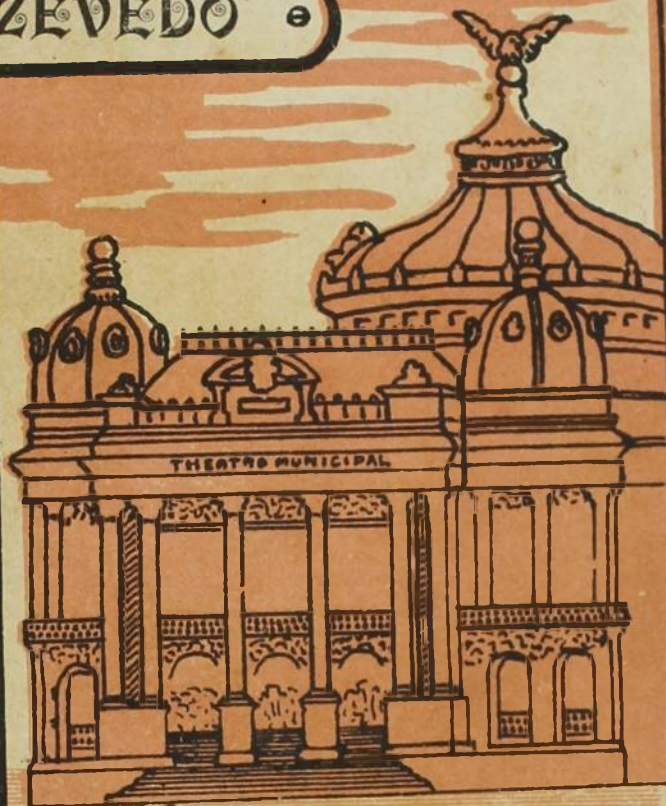
O

## ORACULO

COMEDIA

em

1 ACTO



LIVRARIA LUSO-BRASILEIRA

DE

M. PIEDADE & C<sup>ª</sup> EDITORES

RUA DA ASSEMBLEA N<sup>º</sup> 46 ÷ RIO DE JANEIRO



ALPHABETIC

Handwritten text, mostly illegible due to fading and bleed-through. Some words like "ALPHABETIC" and "TABLE" are faintly visible.

Handwritten text at the bottom of the page, including what appears to be a date "1791" and some names or titles.



# O ORÁCULO

COMEDIA EM 1 ACTO

---

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro,  
no theatro Recreio Dramatico, pela  
COMPANHIA DIAS BRAGA  
em 2 de Abril de 1907.

## Peças originaes de Arthur Azevedo

- A almanjarra, com. em 2 actos.  
Amor por annexins, com. em 1 acto.  
O anjo da vingança, dr. em 3 actos, com Urbano Duarte.  
O Badejo, com. em 3 actos, em verso.  
O Barão de Pituassu, com.-op. em 4 actos.  
O Bilontra, rev. em 1 prologo e 3 actos, com Moreira Sampaio.  
A Capital Federal, burleta em 3 actos.  
O Carioca, rev. em 1 prologo e 3 actos, com Moreira Sampaio.  
Comeu !—rev. em 4 actos.  
Casa de Orates, com. em 3 actos, com Aluizio Azevedo.  
O Dote, com. em 3 actos.  
A Donzella Theodora, opereta em 3 actos.  
E mettam-se ! com. em 1 acto.  
Entre o vermuth e a sopa, com. em 1 acto.  
O escravocata, dr. em 3 actos, com Urbano Duarte.  
A Fantasia, rev. em 3 actos.  
A Fonte Castalia, fan. comica em 3 actos.  
Fritzmac, rev. em 1 prologo e 3 actos, com Aluizio Azevedo.  
Gavroche, rev. em 3 actos.  
Guanabarina, rev. em 3 actos, com Gastão Bousquet.  
O Homem, rev. em 3 actos, com Moreira Sampaio.  
O Jagunço, rev. em 3 actos.  
Joanico, opereta em 1 acto.  
A Joia, com. em 2 actos, em verso.  
Kellar e Fagundes, entre-acto comico.  
O Liberato, com. em 1 acto.  
O Major, rev. em 1 prologo e 3 actos.  
O Mambembe, burleta em 3 actos, com José Piza.  
O Mandarim, rev. em 1 prologo e 3 actos, com Moreira Sampaio.  
A Mascote na roça, com. em 1 acto.  
Mercurio, rev. em 3 actos, com Moreira Sampaio.  
Uma noite em claro, com. em 1 acto.  
Os noivos, opereta em 3 actos.  
O Oraculo, com. em 1 acto.  
A pelle de lobo, com. em 1 acto.  
A princeza dos Cajueiros, opereta em 3 actos.  
Pum ! burleta em 3 actos e 6 quadros, com Eduardo Garrido.  
Republica, rev. em 1 prologo e 3 actos, com Aluizio Azevedo.  
O retrato a oleo, com. em 3 actos.  
O Rio de Janeiro em 1877, rev. em 1 prologo e 3 actos, com Lino de Assumpção.  
O Tribofe, rev. em 3 actos.  
Uma consulta, com. em 1 acto.  
Uma vespera de Reis na Bahia, com. op. em 1 acto.  
A viuva Clarck, burleta em 3 actos.  
Viagem ao Parnaso, rev. em 3 actos.



A'

**EDUARDO VICTORINO**

QUE ME FEZ ESCREVER

ESTA COMEDIASINHA.

A. A.

O. ORAULT

ST. JAMES

ST. JAMES



# O ORACULO

---

COMEDIA EM 1 ACTO

POR

ARTHUR AZEVEDO

DA

ACADEMIA BRAZILEIRA



LIVRARIA LUSO-BRAZILEIRA

➤ M. PIEDADE & COMP. — (Editores) ➤

*46, Rua da Assembléa, 46*

RIO DE JANEIRO

1907

## Personagens



HELENA, viuva . . . . . D. Guilhermina Rocha  
NELSON, advogado . . . . . Sr. Antonio Ramos  
FREDERICO PONTES, solteirão . Sr. Alfredo Silva  
JOSE', creado de Nelson . . . . . Sr. Ernesto Portulez.

A scena passa-se na cidade do Rio de Janeiro. Actualidade.



## ACTO UNICO

Sala e ao mesmo tempo consultorio do Dr. Nelson. Porta ao fundo. Duas janellas á esquerda e duas portas á direita. Estantes de livros, consolos, etc. A' direita, perto da porta do 1º plano, meza carregada de livros, papeis, penna, tympano, tinteiro, uma caixa de charutos, etc. Perto da meza, quasi ao centro, uma poltrona.

### SCENA I

JOSÉ

*Ao levantar o panno, José está refestelado na poltrona com um espanador na mão, a saborear um charuto. —* Digam lá o que disserem: não ha vida melhor que a de creado de um advogado rico e sem causas. Passo os dias n'uma beatitude invejavel, sem ter absolutamente o que fazer, comendo e bebendo do melhor, e fumando magnificos charutos! O amo nunca está em casa, e eu faço de conta que tudo isto é nosso. Permitta Deus que tão cedo não acabem os seus amores com a tal viuva das Lorangeiras. Em quanto aquillo durar, durará tambem a minha beatitude. E porque não ha de durar? A viuva é bonita a

valer, e não deve custar grandes sacrificios por ser senhora abonada. (*Signal de dinheiro.*) E' ex-quisito que não se casem... ella viuva . elle solteiro . Mas Deus me livre de se lembrarem disso. Entrando uma mulher n'esta casa, adeus beatitude! (*Toque de campainha. José levanta-se.*) Quem sera? Algum cliente? Duvido! seria o mesmo que apparecer uma violeta em Dezembro. (*Indo espiar pelo buraco da fechadura da porta do fundo.*) Mas não me engano, é ella . é a viuva das Larangeiras! Ora esta! é a primeira vez que aqui vem! Dar-se-á caso que... (*Novo toque de campainha.*) Lá vou! lá vou! (*Abre a porta. Entra Helena elegantemente vestida. Toilette clara.*)

## SCENA II

JOSE', HELENA

JOSE', *inclinando-se diante de Helena.*  
Minha senhora.

HELENA  
Bôa tarde. (*Procura alguém com os olhos.*)

JOSE'  
Elle não está em casa, minha senhora.

HELENA  
Demora-se?

JOSE'  
Não sei. porque não tem horas certas.



HELENA, *encarando-o.*

Conhece-me ?

JOSÉ

Pois não, minha senhora. Mais de uma vez tive a honra de ir á casa de V. Ex., a mandado do s'or doutor.

HELENA

Sim... é verdade...

JOSÉ

E, quando assim não fosse, bastava todos os dias ver o retrato de V. Ex. á cabeceira do leito do s'or doutor.. (*Apontando para a porta da direita 1.º plano.*) alli n'aquelle quarto.

HELENA

O meu retrato ?

JOSÉ

Está parecidissimo. Só lhe falta falar.

HELENA

Elle sahiu ha muito tempo ?

JOSÉ

Logo depois do almoço.

HELENA

Tem estado doente ?

JOSÉ

Não, minha senhora ; está de perfeita saúde.

HELENA, *arrebataadamente.*

Então porque ha quatro dias não me apparece ?

JOSÉ

Não sei, minha senhora.

HELENA

Está visto . . . não póde saber . . . não é da sua conta . . . Mas como estou nervosa e agitada !

JOSÉ, *offerecendo-lhe a poltrona.*

Porque não se senta, minha senhora ? (*Helena senta-se.*) V. Ex. quer que lhe vá buscar um copo d'agua com um pouco de assucar e uma gota de agua de flor de laranja ?

HELENA

Para que ?

JOSÉ

Como V. Ex. disse que estava nervosa . . .

HELENA

Pois sim, aceito. (*José inclina-se e sac. Helena ergue-se e percorre a scena.*) Não ha que ver : está farto de mim ! Desfez-se o encanto ! tudo acabou. Já o esperava : ha muitos mezes noto a mudança do seu enthusiasmo de outr'ora. Melhor seria que nos houvessemos casado. E dizer que foi eu que não o quiz ! Dei-me tão mal com o casamento, que não me sorriu experimental-o de novo. Era bem independente para não me importar com o que dissessem. (*Senta-se e ergue-se logo em seguida, cada vez mais agitada.*) Mas não ! é impossivel que Nelson seja ingrato . Ha tres annos pertenco-lhe, e nunca tive outro amor, nunca pensei n'outro homem. (*José volta,*



*trazendo um copo d'agua n'uma salva de prata que apresenta a Helena. Ella bebe alguns goles.)* Obrigada. (*José vai collocar a salva com o copo sobre um consolo.*) Diga-me, José. (*Elle aproxima-se.*) Chama-se José, não é assim?

JOSÉ

José Tralhota para servir a V. Ex.

HELENA

Diga-me. (*Arrependendo-se.*) Não, não me diga nada! (*Aparte.*) Que ia eu fazer? Um criado!

JOSÉ

V. Ex. póde confiar cegamente em mim. Ha dous annos estou ao serviço do s'or doutor Nelson e elle aprecia muito a minha discreção.

HELENA

Não; não seria correcto interrogal-o. Não quero que o seu amo possa accusar-me da mais leve incorrecção.

JOSÉ

Sou um simples creado de servir, mas... possuo alguma penetração.

HELENA

Que tenho eu com isso?

JOSÉ

Julgo ser agradavel a V. Ex. afiançando-lhe que nada observei nesta casa que pudesse causar a V. Ex. a menor inquietação.

HELENA

Bom.

JOSÉ

Entretanto, se V. Ex, quizer, observarei d'aqui em diante ainda com mais cuidado, e communicarei a V. Ex

HELENA

Cale-se ! Por quem me toma ? Espial-o ? Nunca ! (*Toque de campainha; sobresaltada.*) Será elle ?

JOSÉ

Não, minha senhora. O toque de campainha do s'or doutor é mais energico, mais de dono da casa.

HELENA

Então algum cliente?

JOSÉ.

Seria um phenomeno, mas. . . quem sabe ? Tudo acontece. Não fizeram a Avenida ? (*Indo ver pelo buraco da fechadura.*) Não, senhora, não é um phenomeno (*Descendo.*) E' um cavalheiro do meu conhecimento que nunca vi cá em casa : o commendador Frederico Pontes.

HELENA

Frederico Pontes ? Não quero que me veja ! E' um velho amigo de minha familia.

JOSÉ, *indo abrir a porta do quarto.  
da direita.*

Queira V. Ex. entrar para cá enquanto o despacho.



HELENA, *hesitando*

No quarto delle . . ?

JOSÉ, *quasi malicioso.*

Que tem isso ? V. Ex. já lá está em photographia. O original não será de mais.

HELENA, *ao entrar.*

Se elle apparecer, não lhe diga que estou no seu quarto.

JOSÉ

Sim, minha senhora.

HELENA

Quero causar-lhe uma surpresa.

JOSÉ

E muito agradável. (*Helena sac.*) Parece-me que a agua de flor de laranja lhe fez bem. (*Novo toque de campainha.*) Lá vou ! lá vou ! (*Vae abrir a porta do fundo.*)

### SCENA III

JOSE', FREDERICO

JOSÉ, *inclinando-se.*

Queira entrar, s'or commendador Frederico Pontes. (*Entra Frederico. Homem quasi septuagenario, bem conservado e elegante. Cabellos brancos. Monoculo. Polainas. Veste um fato claro da ultima moda, um pouco improprio, talvez, da sua idade. Traz um pacote na mão.*)

FREDERICO.

Então você conhece-me ?

JOSÉ

Se o conheço ! Olhe bem para mim, s'or commendador : sou o José, o José Tralhota, que V. Ex. trouxe de Lisboa.

FREDERICO, *assestando o monoculo.*

Ah ! sim... o meu creado de quarto do Hotel Central. Eras tão esperto, tão vivo, tão intelligente, que resolvi trazer-te commigo quando sahi de Lisboa... Chegando, porém, ao Rio de Janeiro, arrependi-me, e puz-te no olho da rua. (*Senta-se na poltrona.*)

JOSÉ

Ainda estou por saber o motivo dessa desgraça.

FREDERICO

Convenci-me de que tinhas espirito de mais para um simples creado... Os Scapins e Frontins só me agradam na Comédie ou no Odéon. Fóra d'ali acho-os detestaveis. Entretanto, ao sahires de minha casa, poderias aspirar a coisa melhor... Porque não te arranjaste no commercio ?

JOSÉ

Não sou ambicioso... Agrada-me esta situação... considero-me collocado melhor que o meu amo.

FREDERICO

E's philosopho... e mandrião.



JOSÉ

Mais mandrião que philosopho.

FREDERICO

Estás então ao serviço do Dr. Nelson?

JOSÉ

Sim, senhor, e afianço-lhe que o Dr. Nelson está satisfeito.

FREDERICO

Se elle fosse tão espiituoso como tu, não te poderia aturar.

JOSÉ

Nem eu o aturaria.

FREDERICO

Elle fuma charutos tão bons como os que eu fumava?

JOSÉ

Os charutos que elle fuma não se comparam com os de V. Ex. Os de V. Ex. eram bahianos; os d'elle são de Havana.

FREDERICO

Tanto melhor para ti. Eu gosto dos meus, e não quero de outros. (*Mostrando o pacote.*) Ainda agora aqui trago provisão para um mez. (*Erguendo se.*) Vae pôr isto sobre um movel qualquer. (*José colloca o pacote sobre um consolo.*) Pelo que vejo, teu amo não está em casa?

JOSÉ

Não senhor.

FREDERICO

Se é bem creado não deve tardar. Escreveu-me, pedindo-me que desse um pulo até cá quando viesse á cidade, porque desejava fazer-me uma consulta.

JOSÉ

Logo vi que V. Ex. vinha para ser consultado. Para consultar ainda está para ser o primeiro que aqui venha.

FREDERICO

Respondi-lhe dizendo que hoje ás duas horas o procuraria. (*Consultando o relógio.*) Já são duas e cinco.

#### SCENA IV

OS MESMOS, NELSON, depois HELENA, escondida.

NELSON, *entrando do fundo.*

O seu relógio está cinco minutos adiantado, commendador. O meu está certo pelo balão.

HELENA, (*entreabrindo a porta, aparte*)

E' a sua voz! é elle!...

FREDERICO

Mais minuto, menos minuto não quer dizer nada. (*Depois de apertar a mão a Nelson.*) Estou ao seu dispor.

NELSON, *a José.*

Vá lá para dentro. (*José sae D., olhando*



*para a porta do quarto onde Helena está escondida; leva a salva e o copo.)* Desculpe-me tel-o incommodado, mas o senhor mora tão longe, na Gavea... para lá ir é preciso perder um dia inteiro... por isso pedi-lhe que quando viesse á cidade...

FREDERICO

Fez muito bem, não tem de que se desculpar. Sou um solteirão ocioso. Vivo dos rendimentos que escaparam á minha mocidade tempestuosa, e tornei-me um contemplativo, sem outra occupação que não seja fumar e ler Balzac.

NELSON, *offerecendo-lhe uma cadeira perto da mesa.*

E' o seu auctor favorito ?

FREDERICO

O favorito não, o unico: Balzac é sufficiente para a existencia de um leitor. Na sua obra estão compendiados, não só toda a sociedade moderna como todo o genero humano. Tenho relido aquelles cem volumes não sei quantas vezes. Sempre que chego ao ultimo, sinto saudades do primeiro, e atiro-me a elle com curiosidade e soffreguidão. Bastaram a Balzac vinte annos para escrever tudo aquillo; aos simples mortaes como nós, meu caro Nelson, são necessarios cincoenta para ler aquillo tudo. Mas vamos lá, que deseja de mim ? (*Sentam-se, devendo Nelson ficar o mais perto possivel de Helena, que continúa escondida.*)



NELSON

Eu sei que o commendador é um dos brasileiros que mais têm viajado... sei que na sua mocidade, que o senhor é o primeiro a classificar de tempestuosa, teve um numero consideravel de aventuras galantes, e é tido como um oraculo em questões de amor. Sei tambem que muitos rapazes inexperientes recorreram aos seus conselhos, e taes e tão discretos foram estes, que elles alcançaram tudo quanto pretendiam. Pois bem ; fiado na velha amizade que o ligou a meu pae, e na bondade com que sempre me tratou, quero tambem eu consultal-o sobre um caso melindroso.

FREDERICO

Um caso de amor ?

NELSON

Sim, um caso de amor.

FREDERICO

Exagerou quem lhe disse que sou um oraculo. Alguma experiencia, isso tenho, porque toda a minha vida rescende a « odor di femina ». As mulheres me custaram muito para que não me deixassem, pelo menos, o orgulho e a consolação de as ficar conhecendo . . . Entretanto, não foram ellas, foi esse grande psychologo, Balzac, quem fez de mim, em questões de amor, não um oraculo, mas um conselheiro modesto embora avisado. Exponha-me o seu caso.



NELSON

las de ante mão perdõe a massada.

FREDERICO

Não é massada. Estes assumptos para mim  
mais interesse que a navegação aerea e a  
graphia sem fios.

NELSON

Então um charutinho, para me ouvir com mais  
ciencia. (*Offerece-lhe a caixa de charutos.*)

FREDERICO, *tirando um charuto.*

Aceito, mesmo porque sei que só fuma hava-

NELSON

sabe?

FREDERICO

Pelo seu creado.

NELSON

Ah! (*Accendem os charutos e fumam.*)

FREDERICO

Vamos lá.

NELSON

Ha tres annos sou o amante de uma se-  
nora viuva, distincta, bem educada. Quero aca-  
bar com essa ligação. Que devo fazer?

HELENA, *aparte.*

Oh!

FREDERICO

E' a primeira vez que sou consultado neste  
assunto. Ordinariamente recorrem á minha ex-

perencia os que desejam, não acabar, mas principiar. — E' indispensavel, antes de mais na conhecer o motivo que o desgostou. Tem ciun della ?

NELSON

Ciumes ? Oh ! se a conhecesse ! E' um modelo de meiguice, fidelidade e constancia.

FREDERICO

Existe alguma particularidade que o afad desse modelo ? . . quero dizer : alguma enfermidade . . . algum defeito physico . . . por exemplo o máo halito ?

NELSON

Por amor de Deus ! E' uma mulher sac limpa, cheirosa !

FREDERICO

Então é feia ?

NELSON

Feia ? Uma das caras mais bonitas do Rio Janeiro !

FREDERICO

Tem máo genio ?

NELSON

Uma pombinha sem fél.

FREDERICO

Então é tola, vaidosa, presumida, affectaesneirona ? . . .



NELSON, *interrompendo-o*

Nada disso. E' uma mulher de espirito e, como  
lhe disse, perfeitamente educada.

FREDERICO

E' devota? Anda mettida nas egrejas? Passa  
as esquecidas a resar diante de um oratorio?

NELSON

Apenas vae ouvir missa aos domingos.

FREDERICO

Talvez abuse do piano, ou cante desafinado...

NELSON

Não canta. Toca piano mas não abusa. Digo-  
e mais: é uma bôa interprete de Chopin.

FREDERICO

O senhor gosta de outra mulher?

NELSON

Juro-lhe que não.

FREDERICO

Bom. Já sei o que isso é. O meu amigo abor-  
eceu-se della, porque não lhe descobriu defeitos.  
E' bôa de mais.

NELSON

Quem sabe?

HELENA, *aparte*.

Oh!

NELSON

O caso é que esta ligação já durou mais tempo  
do que devia. Urge acabar com ella. A viuva  
tem uma filhinha que ainda está na idade em

que se olha sem ver, mas a menina cresce a olhados, e é conveniente fazer com que mais tarde não obrigue a mãe a corar.

FREDERICO

Isso agora é um pouco de hypocrisia. Que importaria a filha se o senhor gostasse de vê-la da mãe? O amor não conhece escrúpulos nem conveniências.

NELSON

Demais, sou moço . . . tenho um grande horizonte diante de mim . . . enceto agora a minha carreira de advogado . . . Esta ligação pôde prejudicar seriamente o meu futuro.

FREDERICO

Vá por ahi. O que o inquieta é o seu futuro, não o da menina. Mas diga-me: tem certeza, certeza absoluta de que essa mulher possui todas as perfeições?

NELSON

Se não é a mais perfeita, é a menos imperfeita que ainda conheci.

FREDERICO

Cuidado, meu amigo! Muitas vezes tem a gente certeza de uma coisa, e a coisa é outra, muito diversa. Por exemplo: este charuto, que o senhor pagou como sendo de Havana, é um rio-grandense que não troco pelo peor dos meus bahianos. (*Levanta-se e vai atirar o charuto pela janella.*)



NELSON, *erguendo-se*.

Pois olhe, paguei-o bem caro.

FREDERICO

E as mulheres enganam mais facilmente que os charutos.

NELSON

Affirmo-lhe que a mulher de quem se trata é excepcional.

FREDERICO

E o senhor quer se ver livre della?

NELSON

Quero!

FREDERICO

E a sua resolução é inabalavel?

NELSON

Inabalavel.

FREDERICO

Que exquisitece! Emfim, só ha um meio de conseguir o que deseja... um meio violento, mas unico.

NELSON

Qual?

FREDERICO

Suma-se! Desappareça!

NELSON

Ella irá procurar-me onde quer que eu vá.

FREDERICO

Bôa duvida; mas faça-se invisivel, metta-se no matto e volte ao cabo de oito dias. Natural-

mente ella apparece e pergunta em termos asperos, ou sentidos, o motivo do seu procedimento. Muna-se então de um pouco de coragem, e responde o seguinte: «A' vista de um facto que chegou ao meu conhecimento, nada mais pôde haver de commum entre nós. Não me peça explicações: metta a mão na consciencia, e meça a extensão do meu resentimento.»

NELSON

E se ella apparecer antes que eu desappareça? Ha quatro dias não a procuro. Espero que de um momento para outro surja por ahi. Admira-me até que ainda não tivesse vindo.

FREDERICO

Ella não lhe escreveu?

NELSON

Não ha nada neste mundo que a obrigue a escrever uma carta nem mesmo um simples bilhete ao seu amante. E' um systema que adoptou e ao qual não cede haja o que houver.

FREDERICO

Decididamente essa mulher é uma phenix. Eu, no seu caso, mettia-a n'uma redoma.

NELSON

Mas diga-me . . . se ella apparecer?

FREDERICO

Atire-lhe a tal phrase: «A' vista de um facto...»



NELSON, *interrompendo-o.*

Mas que facto ? Pois não lhe disse já que ella é um modelo de fidelidade ?

FREDERICO, *sorrindo.*

Meu joven amigo, devo parecer-lhe implacavel para com o bello sexo ; mas creia : não ha mulher, por mais virtuosa, por mais amante, que não tenha alguma coisa de que a accuse a consciencia. A sua bella viuva, em que peze ás apparencias, não deve, não pôde escapar á lei commum. Desde que o senhor se refira positivamente, categoricamente a um facto, embora não declare que facto seja, ella ficará persuadida de que o seu amante veio ao conhecimento de alguma coisa que se passou, e a pobresinha julgava encoberta no véo de impenetravel mysterio.

NELSON

Mas quando mesmo ella tenha algum peccadilho na consciencia (juro-lhe que o não tem), com certeza protestará energicamente e exigirá que eu ponha os pontos nos ii ; ha de querer que eu declare a que facto alludo, e . . vamos e venhamos ! como accusal-a sem consentir que ella se defenda ?

FREDERICO

Ah ! meu doutor ! se pretende applicar razões juridicas ao caso, está bem arranjado ! A jurisprudencia do amor é absurda. Accuse, retire-se, e não entre em explicações. Afianço-lhe que o

exito é seguro, tanto mais — perdôe-me este pequenino ataque ao seu amor proprio. . — tanto mais que receio seja ella tão innocente como os seus charutos são de Havana. *Indo buscar o chapéo e a bengala.*) E com esta, adeus! Siga o meu conselho e dê-me noticias suas. *(Estende a mão.)*

NELSON, *apertando-lh'a.*

Adeus, commendador, e muito obrigado. Vou acompanhá-lo até a escada.

FREDERICO

Por quem é, não se incommode!

NELSON

Ora essa é boa! *(Saem ambos pela porta do fundo.)*

HELENA, *vindo á scena.*

Agora nós! . . . E' preciso que elle não me veja. . . Quero mostrar a estes senhores que eu tambem li a *Comedia Humana*. *(Esconde-se atraz de uma das portas do fundo.)*

NELSON, *no corredor.*

Adeus, commendador, e ainda uma vez obrigado! *(Volta sem ver Helena, e esta sae rapidamente pela porta do fundo.)*

## SCENA V

NELSON, depois JOSE'

NELSON

«A vista de um facto que chegou ao meu conhecimento, nada mais pôde haver de commum



entre nós ! Não me peça explicações: metta a mão na consciencia e meça a extensão do meu resentimento !» Assim, sozinho, sem ella diante de mim, é facil; mas dizer coisas destas a uma senhora de quem não se suspeita... Mas, se realmente?... Qual! Póde lá ser! Decididamente ha de faltar-me o animo. (*Com uma ideia.*) Se eu lhe escrevesse ? o effeito seria o mesmo. (*Senta-se á mesa, dispondo-se para escrever e toca um tympano. Molha a penna, prepara o papel, etc. Entra José.*)

NELSON

Ninguém me procurou enquanto estive fôra ?

JOSÉ, *depois de lançar uma olhadela á porta do quarto.*

Ninguém.

NELSON

Feche aquella porta. (*Aponta para o fundo.*)

JOSÉ, *depois de fechar a porta, reparando no pacote que o commendador deixou ficar.*

Oh ! o s'or commendador deixou ficar aqui os charutos!

NELSON

Como sabe que são charutos ?

JOSÉ

Elle disse-me.

NELSON

Conhecem-se ?

JOSÉ

Pois se foi elle quem me trouxe de Lisboa.

NELSON

E' um bom typo.

JOSÉ

Magnifico.

NELSON

E atirado ás mulheres, hein ?

JOSÉ

Faziam delle gato-sapato.

NELSON

Devéras ?

JOSÉ

E foi uma dellas que o fez commendador.

NELSON

Como assim ?

JOSÉ

Foi a condição que impoz aos seus favores. Parece-me estar ainda a ouvil-a : «Meu Frederiquinho, emquanto não fôres commendador não serei tua!» D'ahi a quinze dias elle tinha a commenda de Christo.

NELSON

Bom. Basta de dar á lingua. Veja se o apanha no largo da Carioca. Provavelmente foi tomar o bonde da Gavea. Esses charutos devem fazer-lhe falta.

JOSÉ

E' já. (*Vae abrir a porta do fundo.*)



NELSON

Por ahi não. Vá pela porta da sala de jantar.  
(*José sae pela direita 2.<sup>a</sup> plano.*)

## SCENA VI

NELSON, depois HELENA

NELSON, *tomando a penna e escrevendo.*

«Minha senhora, á vista de um facto... (*To-  
que de campainha.*) Deve ser o commendador que  
vem buscar os charutos... E eu que lh'os man-  
dei levar! (*Levanta-se e vaе abrir a porta. Entra  
Helena.*) Helena!

HELENA, *com impeto.*

Meu Nelson, meu, amor, que quer isto dizer?  
Ha quatro dias não me appareces! E' a primeira  
vez, em tres annos, que a tua ausencia foi tão  
prolongada!... Dize... que tens tu?... que te  
fiz eu?... porque me recebes com tanta frieza?... que  
se passou?... disseram-te mal de mim?... fui vi-  
ctima de alguma intriga?... porque te calas?...  
porque me repeles?... Já me não amas? Dize!  
(*Pausa.*) Este silencio... (*Com um grito.*) Ah!  
Tudo adivinho! amas outra!...

NELSON, *com um grande esforço.*

A' vista de um facto que chegou ao meu co-  
nhecimento, nada mais póde haver de commum  
entre nós.

HELENA

Que facto ?

NELSON

Não me peça explicações.

HELENA

Tenho, me parece, o direito não de pedil-as, mas de exigil-as.

NELSON

Metta a mão na consciencia, e meça a extensão do meu resentimento. (*Afasta-se.*)

HELENA

Estou perdida! O miseravel não guardou segredo! (*Cae sentada numa cadeira e cobre o rosto com as mãos.*)

NELSON, *com um sobresalto.*

O miseravel?! Que miseravel?!

HELENA

Bem sabes quem é, pois vejo que nada ignoras. (*Erguendo-se.*) Tens razão, Nelson: nada mais pôde haver de commum entre nós. Aprecio e respeito a delicadeza dos teus sentimentos. (*Dirige-se para a porta do fundo.*)

NELSON

Ouve, Helena!

HELENA

Nada mais quero ouvir. Peço-te, como um ultimo favor, que me não insultes. Eu estava na doce persuasão de que tudo ignorarias, de que jamais virias ao conhecimento de uma fraqueza



que tão desgraçada me faz, porque cava um abysmo entre nós. Vejo que o infame foi indiscreto e fez chegar aos teus ouvidos a noticia de uma vergonhosa aventura a que fui arrastada n'um momento de desvario, e da qual me arrependi amargamente. Que fatalidade! (*Finge que chora e soluça.*) Oh! eu devia ter adivinhado que tudo sabias!... A tua ausencia foi significativa, e eu, louca, na supposição estúpida de que poderia esconder a minha ignominia! (*Com um soluço.*) Adeus!

NELSON

Mas vem cá... quero saber...

HELENA

Saber o que, se tudo sabes? Que resultaria de qualquer explicação entre os dous? O teu perdão?... Oh, não! não me perdões, Nelson, porque o teu perdão deporia contra o teu character de homem de bem! (*Com outro soluço.*) Adeus! (*Encaminha-se para a porta.*)

NELSON, tomando lhe a passagem.

Já te disse que quero saber.

HELENA

Se alguma coisa queres saber que não saibas, sabe que foi a tua frieza, o teu desprendimento, o pouco caso com que afinal começaste a tratar-me, que me determinaram a dar o máo passo que dei, e que tantas lagrimas me vae custar. Tu nunca me comprehendeste... nunca estimaste o

incomparavel thezouro que havia aqui. (*Bate no peito.*)

NELSON, *enfurecido.*

Então era certo? Pertenceste a outro homem?

HELENA, *com doçura.*

Se já tão fria, tão tranquillamente m'o disseste, porque o repetes agora com tanta vehemencia? Não fiquemos irritados um contra o outro... separemo-nos como dous bons amigos . com um aperto de mão. (*Emquanto lhe aperta a mão.*) Adeus! Lembra-te sempre da infeliz Helena, que te ama ainda como sempre te amou, mas não procures nunca mais tornar a vel-a: não é digna de ti. (*Aproximando-se mais de Nelson sem lhe largar a mão.*) Se algum dia te recordares, com pena, da nossa ventura passada, console-te a certeza de que a minha vida vae ser de agora em diante um inferno de remorsos e saudades. Adeus para sempre!

NELSON, *enlaçando-a.*

Não! não sahirás d'aqui sem me dizeres o nome desse homem!

HELENN, *tranquillamente.*

Pois se o sabes...

NELSON, *furioso.*

Não sei! Queria experimentar-te... e não imaginava...



HELENA, *fugindo-lhe dos braços.*

Experimentar-me ! Não comprehendo ! Se de nada sabias, como e porque me lançaste em rosto a minha culpa ? E culpa foi ? pergunto agora. Tens accaso mais direito sobre mim que qualquer outro homem ? Não sou eu livre como os passaros ? Não recusei a mão de esposo que me offereceste ? Sabes tu se nesse homem encontrei mais solicitude, mais carinho, mais amor do que em ti ? Quem é aqui o credor ? Que me deste em troca de quanto te dei ? Por ti segreguei-me da sociedade, sacrifiquei o futuro de minha filha, enterrei a minha mocidade, porque imaginei que o teu amor compensasse tudo isso ! Qual foi a compensação ? Esse ardil infame de inventar um homem ! Pois bem, Nelson, esse homem existe e nunca saberás quem é ! Adeus !

NELSON, *agarrando-a.*

Helena ! Helena ! diz-me o nome do teu amante !

HELENA

Cala-te ! Não desças mais !

NELSON, *frenetico e apaixonado.*

Desço ! desço ! quero descer, descer muito, com tanto que te encontre lá embaixo !.. Faze de mim o juizo que quizeres... despreza-me como ao mais abjecto dos homens... mas essa terrivel confissão fez com que o meu amor extincto des-

pertasse mais violento, mais impetuoso que nunca!

HELENA, *tentando desvencilhar-se dos braços de Nelson.*

Deixa-me! deixa-me.

NELSON

Ao meu amor faltou isto — o ciúme! Eu amo-te! Amo-te mais do que te amei, porque nunca me pareceste mais bella, nunca me sedusiste assim!

HELENA

Não! Deixa-me! Não sou digna de ti!

NELSON

Cala-te, meu amor, minha amante, minha doce Helena! Perdôo-te! Amo-te! Adoro-te!

HELENA

Se realmente me amas, se me adoras, então és tu que não és digno de mim! (*Desprende-se dos braços d'elle e corre para a porta do fundo.*)

NELSON, *indo buscá-la.*

Vem cá... Ouve... Não sou eu que te perdôo... és tu que me perdôas a mim, porque tens razão: o indigno sou eu. (*Helena finge que chora.*) Não chores... senta-te aqui... ao pé de mim... e conversemos tranquillamente. (*Fal-a sentar-se na poltrona e senta-se n'uma cadeira.*)

HELENA, *enxugando as lagrimas fingidas.*

Nada disto succederia se nos tivéssemos casado.



NELSON

Tu não quizeste . . .

HELENA

Se eu fosse tua mulher não te enganaria . . .

NELSON

Ainda estás em tempo de o ser

HELENA

Oh! Nelson!

NELSON

Amo-te! Amas-me! Que nos importa o resto?

HELENA

Não, tu não me podes amar como outr'ora . . .

NELSON

Amo-te com mais paixão, com mais fogo! (*Enche-a de beijos; entra José e cobre os olhos com as mãos.*)

## SCENA VII

NELSON, HELENA. JOSE' que logo sae.

JOSE'

Ah!

NELSON e HELENA

Ah!

NELSON, *erguendo-se.*

Que é? Tire a mão dos olhos!

JOSÉ

Não encontrei o commendador no largo da Carioca. Voltei com os charutos.

NELSON

Pois guarde-os lá dentro. Logo á tardinha irá leval-os á Gavea.

JOSÉ, *a parte,*

Um passeio á Gavea! oh! beatitude!... (*Sae pela direita, 2.º plano. Nelson volta a sentar-se onde estava ao lado de Helena.*)

HELENA

Queres então que eu seja tua mulher?

NELSON

Esse é o unico meio de sermos felizes; essa é a maior prova de amor que podemos dar um ao outro.

HELENA

Imponho apenas uma condição.

NELSON

Dize.

HELENA

Jamais e sob pretexto algum me pedirás explicações sobre o passado... nenhum nome procurarás saber...

NELSON

Persistes então em me occultar...



HELENA, *erguendo-se.*

Persisto.

NELSON, *erguendo-se.*

Seja !

## SCENA VIII

NELSON, HELENA. FREDERICO

FREDERICO, *entrando.*

Com licença. Deixei ficar aqui os meus charutos. (*Vendo Helena, sorprezo.*) Oh! a senhora D. Helena aqui!

NELSON

Conhecem-se?

HELENA

Ha muitos annos... o senhor commendador foi muito amigo de meu pae.

NELSON

E tambem do meu. Que coincidencia!

FREDERICO

Coincidencia porque?

NELSON

Porque somos noivos.

FREDERICO

Noivos?

HELENA

Acabámos de ajustar o nosso casamento.

FREDERICO

Parabens, muito parabens... Mas os meus charutos? Tenho um bonde d'aqui a meia hora.

NELSON

Vou buscal-os. Estão com o creado. (*Sae pela direita 2º plano.*)

## SCENA IX

HELENA, FREDERICO, depois NELSON e JOSE'

HELENA

Ahi está em que deram os seus conselhos, senhor oraculo!

FREDERICO

Os meus conselhos?

HELENA

Eu sou a phenix, a mulher ideal de quem elle se queria ver livre, e ouvi tudo d'ali, onde estava escondida. Creia, não obstante a sua implacabilidade para com as pobres mulheres, que nunca tive outro amante... mas disse-lhe o contrario... confessei-lhe uma culpa que não tinha, porque só assim poderia reconquistal-o.

FREDERICO

Mas agora que o casamento está tratado, é preciso dissuadir o pobre rapaz.



HELENA

Mais tarde, ou talvez nunca. Esse homem, que elle não sabe quem é... essa aventura mysteriosa... essa ignobil mentira é a garantia da minha felicidade. Emquanto elle suppozer que não fui d'elle só, será só meu.

FREDERICO

Que mulher! Aquelle idiota não a merece!

HELENA

Merece... Hei de proval-o. Tenho a minha idéa.

FREDERICO, *aparte*.

Hum!

NELSON, *voltando com o pacote e acompanhado por José*.

Commendador, aqui tem os seus bahianos.

FREDERICO

Obrigado. (*Apertando a mão a Nelson*.) Meu amigo, renovo os meus parabens, e, uma vez que se vae casar, recomendo-lhe que leia a *Physiologia do casamento*.

HELENA

De Balzac?

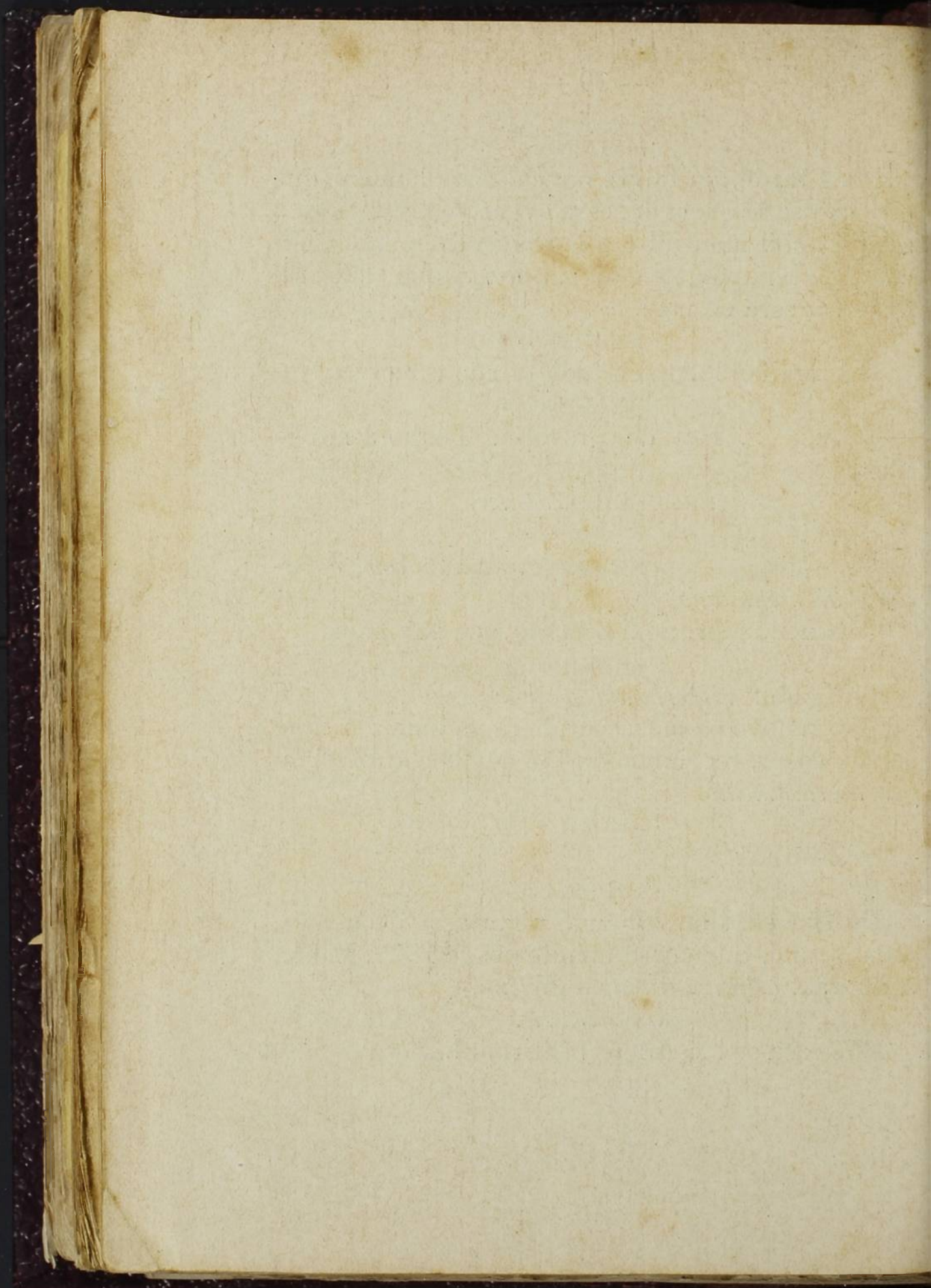
FREDERICO

De Balzac, sim. E' uma phantasia licenciosa, mas genial, que corre mundo desde 1829. Minha senhora... (*Aperta a mão a Helena*.)

JOSÉ, *aparte*.

Elle casa-se !... Adeus beatitude !...

---





18031



# Edições Theatraes

DESTA

## LIVRARIA

O DOTE — *comedia em tres actos por*  
ARTHUR AZEVEDO. — *1 volume com*  
*o retrato do autor . . .* 2\$000

O CANDIDATO — *comedia em 1 acto*  
*por BRAZ PATIFE . . .* 1\$000

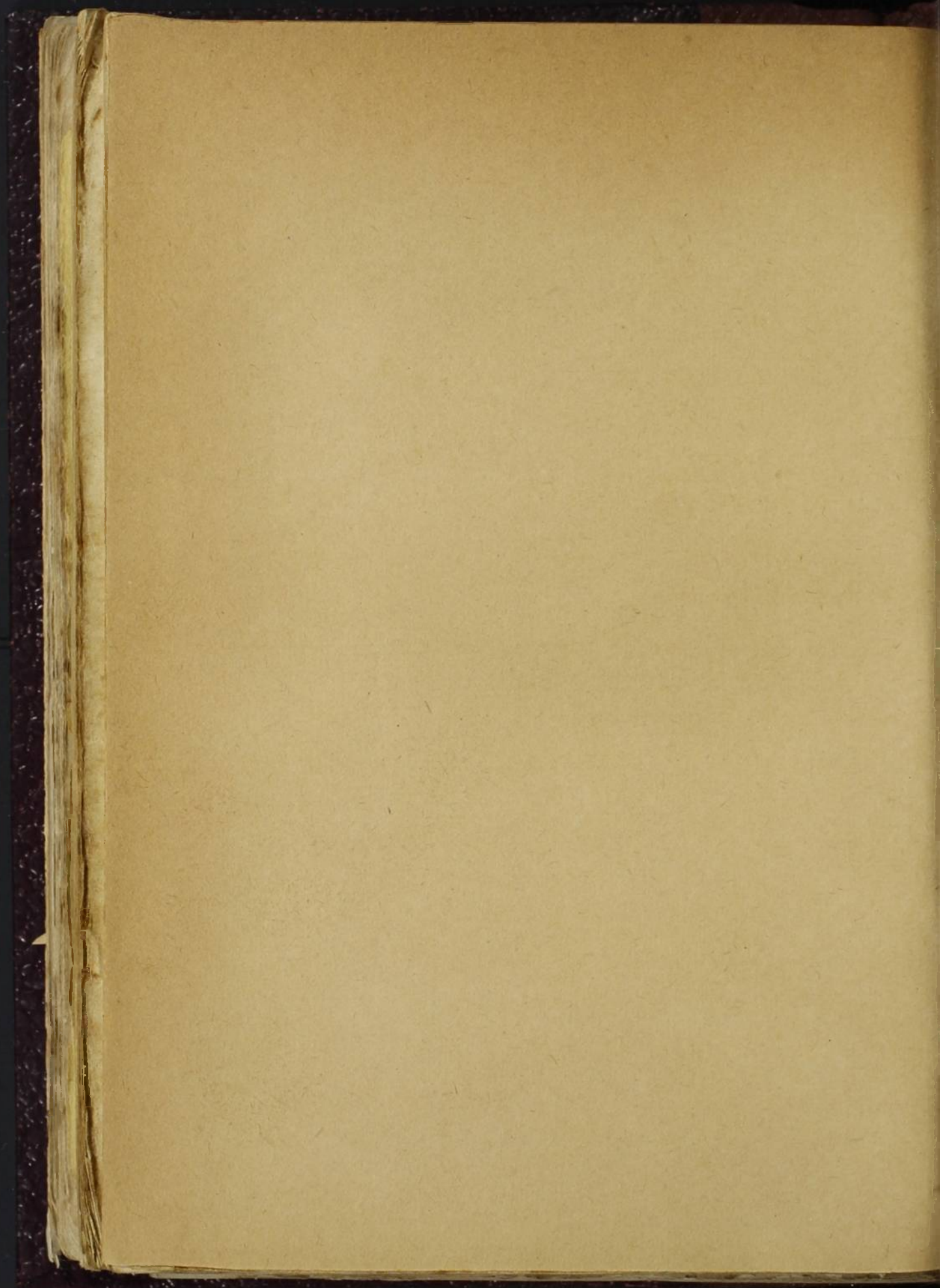
ATRAVÉS DO THEATRO BRASI-  
LEIRO — *cuidada resenha de peças*  
*e autores brasileiros, organizada pelo*  
*Dr. A. C. CHICHORRO DA GAMA —*  
*1 volume . . .* 2\$000

O THEATRO — *revista semanal illus-*  
*trada, a unica no genero que se pu-*  
*blica em todo o Brasil.*

*Assignatura: Anno 10\$000, Semestre 6\$000*









JM







